

PREÁ

Revista de cultura

Natal, RN - Nº 6, Maio, 2004

Mangabeiras



Ensaio fotográfico e textos do fotógrafo Henrique José e do professor Francisco Moraes resgatam o trabalho das catadoras de mangaba da Vila de Ponta Negra, em Natal

P
(05)-RN

MAIO - 2004 - Nº 6

Castro

mar e do sal

- O retorno do comandante Vasco Moscoso de Aragão
- Santana do Matos - Onde bate o coração do Rio Grande do Norte

AQUI



TEM

NOSSA AGÊNCIA

QUER FACILITAR SUA VIDA? PROCURE A NOSSA AGÊNCIA.

NOSSA AGÊNCIA, A ÚNICA QUE RECEBE SEUS TÍTULOS DAS 8H ÀS 21H.

A Nossa Agência é a forma mais prática para você pagar boletos bancários de todos os bancos, tributos e contas. E o melhor: com apenas o número da placa do carro, você se informa sobre os seus débitos no Detran como IPVA, multas, licenciamento, seguro, entre outros. A Nossa Agência, correspondente bancário do Banco do Brasil, funciona em horário estendido, das 8 horas às 21h. Facilite sua vida.

ONDE ESTAMOS

Centrais do Cidadão
Shoppings: Natal Shopping
Via Direta | Praia Shopping
Supermercados Nordestão
Detran
Lojas próximas ao Banco do Brasil

CIDADES COM NOSSA AGÊNCIA

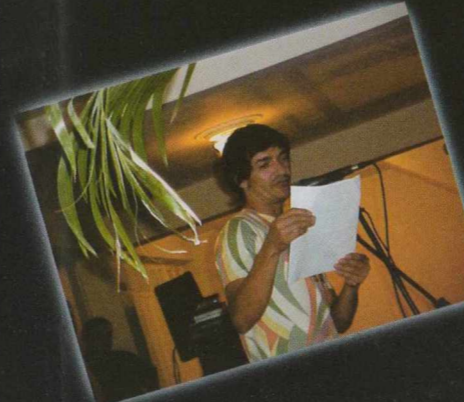
Natal | Mossoró | Caicó
São Gonçalo | Macaíba
Parnamirim | Currais Novos
João Câmara | Nova Cruz
Assu | Pau dos Ferros
Macau* | São José do Mipibu*

EM BREVE:
NOSSA AGÊNCIA
NATAL SHOPPING

Correspondente bancário
BANCO DO BRASIL

**NOSSA
AGÊNCIA**
Facilita sua vida.

PRÊMIO
HANGAR
DE MÚSICA



Por David Clemente

Os jardins do Teatro Alberto Maranhão (TAM) fizeram as vezes de palco na noite de 29 de abril. Artistas, produtores musicais, jornalistas e convidados se reuniram para assistir ao anúncio dos indicados ao 6º Prêmio Hangar de Música. O evento, que já se consolidou como o mais importante prêmio da música potiguar, será realizado em julho.

Serão entregues 34 troféus Clave do Sol, confeccionados pelo artista plástico Guaracy Gabriel, sendo quatro deles a homenageados. Os demais prêmios estão divididos nas categorias local, especial, nordeste e nacional. A exemplo do ano anterior, em 2004 a divulgação dos vencedores também deve ser feita no palco do TAM.

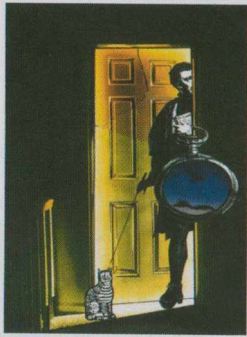
As cinco edições do Prêmio Hangar já confirmam sua importância para o cenário cultural do Estado. Para o cantor potiguar João Batista, projetado pelo programa *Fama*, da Rede Globo, e vencedor do Hangar como revelação de 2002 pelo júri popular, o prêmio valoriza a cultura da terra, além de servir de vitrine para o que o restante do país conhece a produção cultural local.

Ele também parabeniza o **Banco do Brasil** pela iniciativa de apoiar o evento. "É difícil encontrar uma instituição que valorize, efetivamente, a cultura e os artistas. É preciso seguir esse exemplo", diz.

O VJ da MTV Max Fivelinha, que foi um dos apresentadores da 5ª edição do Prêmio Hangar e também esteve presente na divulgação dos indicados deste ano, já se prontificou a comparecer mais uma vez ao evento. Conhecido do público pelo seu gosto por "alfinetar", o apresentador é só elogios quando perguntado sobre o prêmio. Quanto à participação do **Banco do Brasil** ele é enfático: "É o máximo!", exclama.

Enquanto os vencedores não são conhecidos, artista e público aguardam ansiosos. Se tem talento, pode ser você.





O jornalista e escritor mossoroense Marcos Ferreira publica o conto "O perdão de Isaura"



O escritor Afrânio Pires retorna às páginas da Preá com o conto "Perdas"



Começam as comemorações pela passagem do centenário do Teatro Alberto Maranhão



O jornalista Moura Neto conta a saga de Cornélio Campina, criador do grupo de danças Araruna



O Governo do Estado, através da FJA, inaugura, em Santa Cruz, a quinta Casa de Cultura

A palavra da casa	5
Expediente/Cartas	6
O perdão de Isaura	8
Perdas	11
Mudanças organizacionais na cultura brasileira	12
Senectude fecunda	14
Teatro Alberto Maranhão - Começa a festa do centenário	18
Um autêntico "pé-de-valsa"	20
O menino da Avenida 10	22
Escritura Potiguar	23
O retorno do comandante Vasco Moscoso de Aragão	27
Zico eterno	30
Entrevista: Nei Leandro de Castro	31
Macau - Sob os signos do mar e do sal	41
Governo inaugura a quinta Casa de Cultura	52
Ensaio Fotográfico - Mangabeiras	53
O imaginário e a morte	59
Traduções de Nelson Patriota	62
Santana do Matos - Onde bate o coração do Rio Grande do Norte	63
A literatura de cordel	78
13 por 1	81
Os "anjos" das dores do mundo	82
PS	84

F U N D A Ç Ã O

JOSE AUGUSTO

A palavra da casa

François Silvestre

O ato de realizar, em matéria de satisfação, só é comparável ao momento da entrega da obra. Produzir um bem de utilidade pública gera efeito catártico.

É como se você levasse a alma para banhá-la numa cacimba de riacho. E fosse a cacimba guarnecida pela sombra frondosa da oiticica. E a praça da cacimba lhe parecesse um lençol de linho tecido de areia e amparo. E completando o ambiente, fosse ouvido o trinado do sanhaçu em regência de alto e baixo da casaca-de-couro.

Diante de um quadro desses não se pode ouvir o lamento tristonho da inveja. Nem o espernear do despeito. Nem a cavilosa melodia do ciúme.

A feitura da obra, mais que ela mesma, é o nosso escudo. Cidadela de prazer e cumplicidade com o povo, de cujo útero saíram Câmara Cascudo, Ruy Facó, Ariano Suassuna e Mário de Andrade. Quatro das grandes parições do povo. Mesmo que ele também produza, pela sua natureza múltipla e dialética, as cabeças e os esperneios das cantigas-de-mal-dizer.

Casas de Cultura Popular. Um programa de reconhecimento tão natural que dispensa defesa. Cinco em funcionamento e seis em fase de edificação. Serão muitas outras. Recuperação da Cidade da Criança, restauração do Teatro Alberto Maranhão, adequação da Pinacoteca, edição do Dicionário Crítico Câmara Cascudo, colaboração permanente com artistas e produtores culturais, democratização do atendimento na Fundação José Augusto, criação da galeria Newton Navarro, criação do Espaço Cultural Odilon Ribeiro Coutinho, edição da revista Preá, recuperação do Teatro de Caicó, criação da galeria Raimundo Brito no Teatro de Mossoró, restauração do prédio da Fundação José Augusto, reativação da Gráfica Manimbu, elaboração do projeto de edificação do Teatro Escola de Natal. Em processo de elaboração, o inventário museológico do Estado, recuperação do Memorial Câmara Cascudo, implantação de bibliotecas nas Casas de Cultura, deslocamento para o interior de grupos folclóricos da Capital, estímulo à produção cultural do interior, apresentações da Orquestra Sinfônica em várias cidades interioranas, renascimento e valorização do Coral Canto do Povo. São estas e outras obras, umas feitas e outras em processo de iniciação.

Por dever de justiça é preciso acentuar que tudo isso só tem sido possível por contar com a determinação política da Governadora Wilma de Faria. A sua decisão política de valorizar a atividade cultural e artística é a causa originária deste trabalho.

Táí a Preá nº 06. Embaixatriz da nossa cultura popular.

FUNDAÇÃO JOSÉ AUGUSTO
Rua Jundiá, 641 - Tirol - CEP 59020-120
Fone/fax: (84) 232.5327/232.5352

Governadora

Wilma Maria de Faria

Presidente

François Silvestre de Alencar

Diretor

Laércio Bezerra de Melo

PREÁ - REVISTA DE CULTURA DO
RIO GRANDE DO NORTE

ISSN 1679-4176

ANO II Nº 6

MAIO/2004

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PERIODICIDADE

TRIMESTRAL

EDITOR

TÁCITO COSTA

tacito@fiern.org.br

EDITOR ASSISTENTE

GUSTAVO PORPINO

gporpino@hotmail.com

PROJETO GRÁFICO E

DIAGRAMAÇÃO

LUCIO MASAACKI

infinitaimagem@bol.com.br

ASSISTENTE DE DIAGRAMAÇÃO

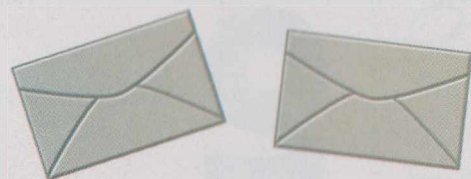
VIRGINIA HELENA LINS MAIA

REVISOR

JOSÉ ALBANO DA SILVEIRA

FOTO DA CAPA

HENRIQUE JOSÉ



CARTAS

Sr. editor

Olá! Sou Daniely, acadêmica do curso de Letras e há poucos dias tive o prazer de conhecer a Preá nº. 3. Visitei o site e realmente a revista alcança os objetivos propostos. Gostaria de passar a recebê-la. Como faço? Parabéns ao poeta e escritor Nei Leandro - magnífico o seu texto "O corpo erótico"! Parabenizo ainda o escritor e pesquisador Anchieta Fernandes pelo "Morte dos cinemas, morte de uma época". Momento nostálgico... Até tive vontade de viver naquela época!

Grata,

Daniely Arkeluza Pereira da Silva

Estudante de Letras (Currais Novos/RN)

Sr. editor

Antes de tudo, quero parabenizar a V. Sa e a sua equipe que dá vida a Revista *Preá*. De férias em Natal, obtive na Potylivros os primeiros quatro números que foram minha leitura preferida em janeiro, período em que estive com meus familiares, revendo amigos no Seridó e nessa cidade. Convenci-me de que ela precisa fazer parte do acervo de todas as bibliotecas das instituições de ensino desse Estado, sejam públicas ou privadas, com recomendação para que sejam expostas, lidas e debatidas. Os temas diversificados das matérias que se referem ao sertão, a intelectuais, a assuntos contemporâneos ou não, etc, são abordados de forma leve e agradável, levando-nos a uma adequada compreensão da realidade. O que se espera é que a Preá, que já tem uma história e já criou junto aos leitores grande respeitabilidade e expectativa, possa ter continuidade nesta e em futuras administrações, em razão das inúmeras informações que traz para o conhecimento



dos cidadãos, norte-rio-grandenses em particular, mas também para todos os brasileiros. Informo a V. Sa. que disponibilizo, na Livraria Cortez, em São Paulo (Rua Bartira, 317, Perdizes, ao lado da PUC-SP), um espaço para divulgação dos próximos números da revista, se assim lhe convier.

Atenciosamente,

José Xavier Cortez

Editor e livreiro (São Paulo/SP)

Sr. editor

A revista Preá é o que de melhor existe hoje na divulgação da nossa cultura e dos nossos valores. A entrevista com o genial Vicente Serejo, pai de crônicas não menos geniais e de uma coluna que obrigatoriamente lia no Diário de Natal, e que hoje continuo a ler no Jornal de Hoje, nos mostra a face de um jornalista novo, mas com nuances de antigo; bem informado e com conhecimento largo naquilo que faz; dispensa qualquer comentário que não seja de elogio e de admiração. A matéria de Anchieta Fernandes sobre "Morte dos cinemas, morte de uma época", é uma triste realidade que acontece hoje, não só em Natal, mas por todo o interior do Estado, onde os cinemas saíram de cena e não foram substituídos por nada que se assemelhe. A matéria do pesquisador Helder Alexandre Medeiros de Macedo, que fala sobre os Tarairiús do Seridó, é uma prova de que, como pesquisador isolado, já vinha eu, desde muitos anos atrás, sustentando a tese de que os índios que habitaram a maior parte da região seridoense não eram Cariris, mas sim Tarairiús. A interiorização da cultura que a revista pratica é louvável, e isso prova que, através da cultura, o Rio Grande do Norte pode se

interligar, município a município, tendo a capital como centro apoiador. Isso vem a provar que não existe cultura menor nem cultura maior; nem cultura rica nem cultura pobre.

Um grande abraço,

Volney Liberato

Assessor Executivo do Detran

(Currais Novos/RN)

Sr. editor

Gostaria de expressar minha satisfação em ler pela primeira vez esta bela revista que mostra a arte e a cultura do nosso querido Rio Grande do Norte. Também queria saber como passar a recebê-la, pois lendo o exemplar de um amigo me interessei pela mesma. Gostaria de saber se posso também conseguir os quatro exemplares anteriores.

Adriano César da Cruz Soares

(Ceará-Mirim/RN)

Sr. editor

Sou estudante do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. Gostaria de parabenizar a todos que fazem esta belíssima revista, pois fui privilegiada em deparar-me com a mesma, incentivando e apoiando a cultura do nosso Estado, fazendo-a ainda mais rica e conhecida. Fico feliz e agradecida. Só podemos aplaudir e elogiar essa iniciativa. Parabéns!

Cristiane dos Santos Rocha

Estudante (Parnamirim/RN)

O perdão de Isaura



Marcos Ferreira (Escritor e poeta)

Ilustração: Jota Medeiros

Ao abrir-se a porta do banheiro, um retalho de luz apertou levemente o olhar fosfórico de Camões. Do modo como se posicionava ali com tanta regularidade, todo encaracolado junto à parede, mais parecia um cãozinho de guarda a serviço de sua dona. Desta feita, porém, arrastada por uma ciranda de novos e antigos pensamentos, Isaura pouco reparou na presença de seu fiel escudeiro, que sempre tratava com muita reverência e carinho. Agasalhada num roupão azul de banho, ela seguiu à meia luz pelo corredor vazio, deixando sobre o piso opaco a trajetória molhada dos pés descalços.

Eram comuns os banhos àquela hora, quando chegava exausta da sala de aula, cheia do vozerio troante e indisciplinar das séries menores. Raramente se detinha vendo qualquer programa ou filme do horário. Optava pelo silêncio e a paz do seu quarto, onde se ocupava com a leitura daquele romance que jamais chegava ao fim ou ainda escrevendo outro de seus poemas secretos, guardados numa dessas pastas de papelão com elástico para prender as bordas.

Antes de fechar a porta, Isaura aguardou um pouco até que Camões entrasse, ele que veio seguindo seus passos ao longo do corredor. Deu apenas uma volta na fechadura, o que era inteiramente desnecessário; não haveria qualquer presença masculina que pudesse surpreendê-la exposta em roupas menores ou mesmo despida por completo. Era órfã de pai e o seu único irmão, o Tibério, contraíra matrimônio há duas semanas. Restava apenas a Dona Elvira, que dormitava na cadeira de molas, em frente à televisão ligada.

Na tarde de ontem, ao ir ver Antônio no hospital, mergulhado em profundo coma sobre um dos leitos da UTI, Isaura compreendera amargamente que ali, entre a vida e a morte, estava a sua própria felicidade, o homem que sempre amara e continuaria amando até o fim dos seus dias. Todo o seu orgulho e inflexibilidade de caráter agora se convertiam numa profusão de lágrimas e soluços. Teve um ligeiro acréscimo de desespero quando informaram-na que os médicos tiveram que amputar metade do pé esquerdo do rapaz.

Todavia, apesar das proporções do acidente, onde morreram os dois ocupantes da caminhonete e o motorista do táxi em que Antônio viajava, eram boas as expectativas da equipe médica quanto à sua recuperação. O coágulo que se formara na cabeça já estava sendo eliminado com o uso de medicamentos, fator este que ia afastando a possível necessidade de uma intervenção cirúrgica, considerada de alto risco em casos desse tipo.

Hoje à noite, ao sair mais cedo do trabalho e passar pelo Centro Médico, Isaura logo soube por uma irmã de Antônio que ele recuperara parcialmente a consciência, e que o médico que acompanha o caso fizera um comentário bastante satisfatório quanto à dissolução do coágulo.

Se Deus quiser (como Ele há de querer), — pensava Isaura na volta para casa — Antônio vai sair dessa, que eu sei. Ele é muito corajoso, é forte, tem muita vontade de viver. E eu estarei ao seu lado nesse momento tão difícil e importante de sua vida, já que nunca mais ele poderá jogar o grande futebol que sempre jogou. Será o fim dessa carreira pela qual ele tanto se esforçava... Mas, meu amor Antônio, para tudo Deus arranja o seu divino conforto!...

No banquinho giratório, ainda vestida em seu roupão azul de banho, Isaura se penteava diante do grande espelho de formato oblongo. O pente corria com facilidade por entre a cabeleira escura e gotejante. O vento rumoroso, que passava através das venezianas, facilitava a secagem dos fios. Havia um grande indício de chuva para os minutos seguintes. Isaura gostava daquele prenúncio, lembrava-se

dos banhos de biqueira na calçada do Mercado Velho, no tempo colorido das bolinhas de sabão, das bonecas de pano e dos ataques ao pomar do velho Chico das Almas.

Ali no quarto, aos olhos capingos de Camões, que pelo visto abdicara da ronda noturna, Isaura desfilou alguns passos de sua branca e vigorosa nudez. Lançou no cabide o roupão azul e demorou-se a distribuir pelo corpo leves porções de um creme hidratante. Em seguida, como que sentada sobre os calcanhares, escolheu numa das gavetas a pequenina peça de lycra amarronzada, o que realçou-lhe um tanto mais aqueles impecáveis e feminíssimos contornos.

De um outro compartimento, retirou a camiseta branca de algodão, esta que lhe fora dada por Antônio durante o Natal. Tinha preferência por vesti-la em noites como aquela — noites arejadas e frias, quando a saudade do grande amor chegava ainda mais forte. Afora a camiseta e aquele inarredável sentimento que lhe consumia a mente e o coração, apenas guardava uma cartinha do tempo em que estudavam no mesmo Grupo Escolar, confinada entre as páginas malseguras de um velho dicionário.

A chuva neste momento desabava sobre todos os tetos. Adivinhava-se lá fora a desordem pluvial das sarjetas e bueiros. Isaura fechou as janelas e desamarrou as cortinas. Depois, achou por bem conferir se tudo estava mesmo fechado. Saiu procurando goteiras, revendo portas, conferindo trancas e ferrolhos. Encontrou Dona Elvira na sala, afastando o sofá de perto do janelão para escapar da folia da água e do vento através das rótulas. Na goteira sobre a estante de livros foi posta uma panela de alumínio. Ficou fazendo um barulho aborrecido e Dona Elvira pôs um paninho de pratos para coar os pingos.

— Parece que este ano — comentou Isaura — o inverno será mesmo para todos. E é bom que a gente cuide logo de fazer uns reparos nesse telhado. Não quero ficar correndo no meio da noite com panela para um lado e para o outro. Deixa que amanhã mesmo eu vou chamar aquele filho de Lúcia costureira para ver como está a situação do nosso capote.

Os vidros das janelas acendiam e apagavam com bastante frequência, refletindo a pirotecnia enfurecida dos raios. Logo a garganta poderosa do trovão estremeceu os alicerces de toda a cidade. Dona Elvira apressou-se em fazer o sinal-da-cruz e beijou a imagem do santinho pendurada no pescoço, crescendo por detrás daqueles fundos de garrafa a órbita circúnvaga dos olhos. Tornara-se ainda mais insegura em noites de temporal após a morte do esposo, ocorrida há pouco mais de um ano. Supersticiosa ao extremo, apavorada com o ribombar

dos trovões e o vaga-lume dos relâmpagos, Dona Elvira reclamou de Isaura por conta do relógio de aço que a filha tinha no pulso.

— Isaura, minha querida, é bom não facilitar... Você sabe como são essas coisas da natureza. Põe o seu relógio na gaveta. Dizem que isso atrai o corisco. Você lembra como foi o fim daquele vendedor de jarros, não lembra?! Comentou-se na época que ele usava justamente um...

— Está certo, mãezinha, pode deixar que eu guardo o meu relógio... Até vou logo tirando do braço para que a senhora veja. Pode ficar tranqüila que por conta disso nenhum raio vai desabar sobre nossas cabeças.

Reconfortada pela filha e já se recolhendo ao seu leito de viúva, um quarto construído entre a cozinha e uma despensa, Dona Elvira ainda tratou de fazer esta última recomendação:

— Também não se esqueça de cobrir o espelho, Isaurinha. Com assunto desse tipo, nunca é demais ter um pouquinho só de cuidado.

Quando passou a porta do seu quarto, Isaura esqueceu deste último preceito que a mãe lhe fizera. Mas, por via das dúvidas ou não, guardou o relógio na parte de cima do armário. Camões havia se apoderado da cama e ela cuidou de expulsá-lo. Ele eriçou-se todo, fez um prolongado e ostensivo bocejo e foi deitar-se no lugar de costume — um cesto redondo de palhinha, forrado com uma almofada vermelha de croché que Dona Elvira aprontara especialmente para as sonecas de Camões, que fazia um certo descaso para o presente da velha.

Não fosse toda aquela chuvarada, ele estaria cumprindo o seu itinerário de muros e telhados, arrastando o seu passo molenga e luxurioso, compondo a boêmia nebulosa do seu mundo felino. Às vezes chegava pela manhã com pequenas lacunas abertas sobre o pêlo castanho. Decerto herança dos amores malsucedidos ou das desavenças com outros machos de sua espécie. Apesar da malandrice e desregramento, todos o rodeavam de bajulações, de afagos e cafunés. Ninguém censurava a sua trajetória de farras e conquistas.

O pai de Isaura, que deixou como única herança para a família uma grande e apinhada estante de livros, fora quem botara o nome de Camões no malandro do gato, embora o bicho fosse bastante sadio das vistas. Foi o seu modo de homenagear o bardo português, de cuja obra era confesso admirador.

Ali deitada sobre a cama, os olhos pousados num ponto qualquer de parte alguma, Isaura mexia uma ponta do cabelo já enxuto. Conversava em silêncio consigo mesma,

pensando no que decidira com relação a ela e Antônio. Quando ele deixasse aquele quarto de hospital, ela fitaria os seus olhos e diria tudo aquilo que seu coração há muito lhe reclamava. Era o momento de perdoá-lo e de perdoar-se também. O rancor e a mágoa de há tantos anos finalmente acabavam.

Naquele tempo, quando Isaura descobriu a história toda, por várias vezes Antônio tentou reatar o namoro. Mas, a traição com Bernadete não tinha indulto. Não poderiam ter sido tão incoseqüentes. Menos ainda Antônio, que na época já contava com a luz e a sombra de pelo menos vinte anos.

Quanto à sentença de Bernadete, que terminou fugindo com um professor da própria escola, Isaura compreendeu que sua melhor amiga fora vítima das qualidades sedutoras de Antônio. Sobre este, sim, pesou a grande pena de tudo. Até mesmo por Isaura, no ímpeto de fazê-lo pagar na mesma moeda, haver aplicado um público e sufocante beijo no filho mais novo de Jaime do cartório, um moleque ainda imberbe e de rosto decorado por espinhas.

Agora, porém, a vida continuava. O mercurocromo do tempo fechara as feridas sentimentais. Antônio saberia ouvi-la, compreenderia as suas razões e os dois retomariam aquele amor interrompido. Passara-se tanta água sob esta ponte, e nenhum relacionamento mais sério cruzou seus caminhos. Muito menos da parte de Isaura, que permaneceu amando a quem desejou odiar e banir de seu coração, do seu pensamento.

Mesmo no período em que lhe negava a palavra, quando ignorava os seus apelos de reconciliação, Isaura não pôde deixar de preocupar-se quando Antônio caiu doente com uma forte infecção renal. Valia-se da própria Bernadete para obter notícias sobre o seu estado de saúde. A partir daí, Isaura foi amolecendo o coração, desarmando o espírito, apagando a sua escrita de silêncio e mágoa.

Cercada por um temporal de preces e reflexões, ela sentiu a noite pesando em seu olhar miúdo. Viu no relógio da cômoda os ponteiros ultrapassando as onze horas. Ergueu-se com um ar sonâmbulo e cansado; os pés descalços no piso atapetado, a blusa um pouco acima dos joelhos. Encostou a porta do quarto e apagou a luz. A chuva descia a conta-gotas. Um galo resfriado cantava sobre algum poleiro da vida urbana. Isaura adormeceu no meio dos pensamentos, coberta de recordações, ouvindo o lamento da chuva, agarrada à lembrança vaporosa de Antônio.

Lá no escuro da sala, sobre a mesinha posta entre a poltrona e a estante de livros, o telefone chamava tristemente. Era a má notícia. ☹

Perdas

Afrânio Pires Lemos (Escritor)

Do livro de contos "Ri de si", inédito.

Ilustração: Ilkes Rosemir

Francisco-da-Loja não seria de muita conversa. De modo algum. Bom homem, bom amigo, bom companheiro. Ganhava o suficiente para ser bem posicionado na vida e cuidava dos seus interesses com honra. Não desejava nada mais. Apenas sossego e bons tempos. Bons tempos como os de agora. Os maus já estavam enterrados no atrás da vida. Que ficassem lá, portanto. Restava seguir em paz e em calma.

E se portava como lhe ditava a consciência. Sem ferir, mas também, nem por sonho, ser ferido. Falava bem e tinha sempre uma resposta na ponta da língua.

Ilustre, respeitado.

Naquele sábado palitando os dentes e aboletado na espreguiçadeira, deixava-se vencer pelo sono. Acabara de almoçar e com o mormaço no meio do mundo, deslizava ali entre mundos bons de silêncio puro e deleite. E sem pressentir, entregava-se devagarinho a uma soneca, cansado como se sentia.

Descansar um pouco da labuta diária faz bem

Na mansuetude, e como bem sabia manipular os músculos e as células do corpo, festejava a sesta, relógio na parede lhe olhando, flores do jardim segurando a barra. Ventinho bom do meio-dia e meia. Quis se livrar do palito. Jogar o palito fora. Achou que jogara. Quase já adormecia, naquele estágio em que se fica, noção perdida de tempo e sono vivo sobre as pálpebras, com gosto até de cidreira.

Naqueles momentos filtrados, entra-lhe pela porta lateral, a Julieta, sua filha do meio. Sempre querida.

- Papai?

Respondeu não. E os problemas voltaram.

- Papai?

- Que é?

A voz se arrastou num murmúrio de paz.

- Tem gente na calçada da loja. Quer lhe falar.



Ouviu ou não. Parece que sim. E respondeu.

- Comigo?

- Sim, papai. Só pode ser.

- Quem danado é?

- Num conheço. Parece ser gente de fora. Ou da Receita...

- Receita?

- Sei lá. Pode ser um freguês. Um homem que quer algo com o senhor.

- Pois, volte.

- Voltar? Fale direito.

- Volte e diga à pessoa, seja lá quem for, que se o negócio que ela quer comigo, for do interesse dela, venha cá.

- Sim senhor.

- Agora, olhe. Diga também que se for do meu, pode deixar. Dou por perdido. ☹



Simone Farret

(Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Relações Públicas, pela UNISINOS/RS. Diretora do Curso de Criação Publicitária da UnP)

O setor cultural brasileiro vem passando por diversas mudanças e adaptações desde o fim do Regime Militar no país. Liberdade de expressão, novas leis, crescentes verbas públicas e privadas, maior profissionalização e tecnologia de ponta são alguns itens que compõem o cenário que indica o novo mercado cultural, mais consolidado e exigente. Nele, a adaptabilidade a esse cenário e às constantes mudanças, decorrentes da globalização, são fatores de competitividade, mas não de garantia de sucesso.

As mudanças pretendidas e as necessárias no setor podem ser comparadas às mudanças organizacionais propostas pela teoria da Administração, que exigem, além de vontade e determinação - pessoal e organizacional - análise do ambiente interno e externo, avaliação, planejamento e muita comunicação como é ensinado nas disciplinas e teorias que abordam os modelos contemporâneos de gestão.

O processo de mudanças deve iniciar pela determinação da vontade ou da necessidade de mudar e então, percorrer etapas para sua concretização. Contagiados pelo desejo ou cientes da necessidade de mudar, segue-se para

Ilustração: Thomé Filgueira

o mapeamento dos públicos envolvidos e análise da competitividade pessoal ou organizacional que exigem a realização de pesquisa e reflexão. O público do setor cultural, que segundo Nussbaumer (2002.p.9-10), são os atores sociais do mercado da cultura, é composto por artistas, agentes culturais, patrocinadores, mídia e público, cada um com suas funções e poderes.

Com base nos resultados atingidos, parte-se para a identificação dos pontos fortes e fracos e a definição de prioridades - elevar a qualidade do trabalho ou da equipe, ganhos financeiros, resultado das atividades e imagem positiva. Essas prioridades serão transformadas em indicadores de mudanças.

Os indicadores de mudanças, ou os objetivos a serem alcançados, poderão sinalizar mudanças na estrutura organizacional; na filosofia de gestão; na troca ou inclusão de tecnologia; no comportamento humano ou na cultura corporativa. Sendo as mudanças que envolvem as pessoas, as que encontram maiores resistências.

As resistências refletem as expectativas negativas, limitações, apego à zona de conforto, falhas na comunicação, que são decorrentes do medo das

pessoas frente ao desafio do novo e da insuficiência de comunicação nos grupos e nas organizações.

As mudanças no setor cultural podem ocorrer radical ou gradualmente, isolada ou concomitantemente em função das necessidades, aceitação, pressão e de expectativas que as impulsionem. Podem estar vinculadas a fatores diretos ou indiretos e a prazos específicos. Exemplificando: a adaptação dos atores sociais à nova legislação de incentivo, pautas de teatros, inserção de novas tecnologias, prazos de apresentação de projetos, férias escolares, lançamento de novo espetáculo, contratações, definição de políticas e verbas entre tantos outros motivos.

O planejamento é essencial para amparar o processo de mudanças. Nele, devem estar detalhados as etapas do processo e os recursos humanos, físicos, materiais e financeiros necessários e as responsabilidades de cada membro da equipe. O planejamento deve antever possíveis situações de resistências que, porventura, se apresentem durante a implantação do processo, evitando-se conflitos desnecessários.

Na fase da implantação das mudanças, o âncora do processo, deve ser o mediador, agregando as lideranças a favor do processo e trabalhar para que as resistências que ocorram não interfiram na aceitação e assimilação da nova realidade. Para tal, a comunicação - clara, eficiente e envolvente - contribui em todas as etapas que envolvem o processo de mudanças.

O envolvimento do grupo, desde a identificação da necessidade ou possibilidade, delimitação dos indicadores de mudanças e no planejamento, contribui para a aceitação das mudanças e dos transtornos causados na sua implantação. O engajamento da cúpula e dos líderes adquire importante papel motivacional quando notados pelo grupo. Juntos, todos, devem estar envolvidos no processo, na divulgação e festejo dos resultados obtidos. A avaliação das mudanças deve ser uma constante, desde a identificação dos ganhos alcançados, da manutenção dos novos padrões, até a identificação de novos indicadores de mudanças.

O processo de mudança organizacional para o setor cultural brasileiro é muito mais que uma tentativa de reformulação do setor, é uma realidade que representa a grande mudança do grupo, de profissionais e organizações comprometidos com a cultura e com o desenvolvimento das pessoas que compõem o setor. Novos dados, mais recentes que os apresentados no "Diagnóstico dos investimentos em cultura no Brasil" (1997), deverão ser mapeados e divulgados. Estamos todos nos adaptando aos novos cenários, internos e externos, em evolução constante e sem-fim, na busca de grandes resultados que contemplem a evolução cultural do povo brasileiro e do país. ■



Roberto da Silva (Mestre em Letras)

Senectude fecunda

Em 1990, a escritora Sophia A. Lyra já havia perdido seus dois Robertos queridos – o marido e o filho. Sentindo-se de coração vazio e triste, ela decidiu preencher as horas lentas de uma longa vida iniciando a elaboração de mais uma obra. Testemunho de tenacidade e coragem, como acentuou sua irmã, a religiosa de Notre Dame de Sion, Carmen Tavares de Lyra.

Os frutos desse labor crepuscular surgem em 2001, com a publicação do 1º volume de “Grandes mulheres”, em que D. Sophia A. Lyra nos apresenta o perfil de 58 delas, e em 2003, com as 77 sinopses biográficas que compõem o 2º volume do seu livro.

Tendo convivido com quatro gerações do século XX, Dona Sophia sente-se, por assim dizer, autorizada a discordar, como enfatiza na *Introdução* ao 1º volume de “Grandes mulheres”, da velha idéia de “sexo frágil” e do ditado popular “Atrás de todo grande homem há sempre uma grande mulher”. Para ela, “Atrás, não; ao lado. Ombro a ombro”.

Focalizando inicialmente as mulheres fabulosas ou lendárias como Minerva, Vesta, Diana e Potira, a autora segue traçando o perfil das lutadoras como Hatsheput; das sacrificadas como Santa Inês; das endeusadas como Nefertiti; das sofredoras como Clotilde e Inês de Castro; das bíblicas como Débora e Maria de Nazaré; das vencedoras como Genoveva; das heroínas como Maria Quitéria de Jesus Medeiros e Anita Garibaldi; das mulheres de letras como Mme. de Sévigné, Nísia Floresta, Auta de Souza e Anna Amélia de Queiroz Carneiro de Mendonça; das artistas como Magdalena Tagliaferro e Chiquinha Gonzaga; das cientistas como Mme. Curie, e tantas outras que, em todos os tempos, se sobressaíram, nos mais variados domínios.

D. Sophia A. Lyra incluiu em sua obra mulheres muito conhecidas como Virgínia Woolf, Katherine Mansfield, Joana d’Arc, Irmã Dulce, Cora Coralina, Gabriela Mistral e algumas nem tanto como Teodolinda, Prisca, Himilce, Radegundes, Badegunta, Chaminade e muitas outras, valorosas e tão pouco lembradas.

Permeando as sucintas biografias que integram os dois volumes de “Grandes mulheres” há não somente anotações autobiográficas mas também reflexões da autora acerca da história da mulher que, a partir do século XII, começa a se alterar de modo significativo. Com a mudança do contexto econômico que, com as Cruzadas, propicia o que se poderia denominar, conforme D. Sophia A. Lyra, um pré-capitalismo, um renascimento econômico-comercial, a mulher começa a se libertar, a se tornar mais atuante. Os misteres que até então lhes eram inacessíveis se flexibilizam e já se pode considerar, mesmo para as não-alfabetizadas, a cultura disseminada pelos sermões nas igrejas, pelas leituras e racontos junto à lareira e pelos menestréis e *troubadours*. A casa tem importância capital e a roda dos moinhos libera o tempo para outras atividades e até para a oração e o lazer, mesmo nos mosteiros. Assim, as mulheres se tornam menos submissas.

Conforme Karl Bartsch, citado por D. Sophia A. Lyra, “As mulheres liam mais do que os homens, na Idade Média”. Lembra Dona Sophia que na Idade Média os homens estavam ocupados quase sempre em guerras e conquistas. E Karl Bartsch, para comprovar suas afirmações, aponta Margarida da Escócia, Judith de Flandres, Matilde de Toscana, Santa Salaberga e a abadessa Hildegarda, todas elas mulheres cultas. Muitos manuscritos foram copiados por religiosas. A menção às mulheres torna-se mais freqüente nos tempos feudais e poetas do século

XII louvam as qualidades das que os rodeiam. Elas não somente liam e copiavam mas compunham também. Sobre a educação das mulheres, as de famílias ricas, sublinha D. Sophia A. Lyra: tinham preceptores ou preceptoras; as mais humildes encontravam acolhida nos mosteiros onde, desde o século XII, embora com certa limitação, se verificava a presença dos dois sexos. Ensinava-se primeiro a cantar os salmos nas cerimônias religiosas e – pouco a pouco – as crianças iam-se familiarizando com sons e acostumando a audição, para chegar à escrita. Essa constatação leva a autora a citar o *Eclesiastes*: “Nada há de novo debaixo do sol!” concluindo que o método global e audiovisual, que a pedagogia do século XX julga criar, é medieval.

Embora desde o princípio, isto é, quando há anos iniciou a elaboração de “Grandes mulheres”, a autora afirmasse que sua obra não se destinava à publicação e que talvez pudesse vir a ser oferecida, como lembrança, a alguns parentes e amigos fiéis, é notável o seu bom gosto, a sua sensatez, a sua vasta cultura e a sua fidelidade religiosa refletidas na seleção de suas biografadas. Ainda como traço de sua humildade, modéstia e honestidade intelectual, ela previamente se escusa por eventuais equívocos, uma vez que, admite, tudo está meio difuso e apagado em sua velha memória. Sobre seu trabalho, ela afirma não ser exemplo e sim amostra. Que não é lição e sim amor enternecido àqueles que ainda acompanham seus passos trôpegos. Quando escreveu os últimos perfis de “Grandes mulheres”, ela já havia ultrapassado os 95 anos de idade.

Com a publicação de “Grandes mulheres”, D. Sophia A. Lyra está, de certo modo, dando continuidade a um tema explorado em “Rosas de neve” (1974), belíssimo livro em que imortalizou algumas mulheres que influíram decisivamente em sua formação: sua avó, sua mãe, sua sogra, algumas de suas professoras e outras mulheres que talvez não a tenham influenciado tanto, mas que lhe deixaram, cada uma a seu modo, uma lição, um exemplo, uma recordação cara.

Indo além dos limites aparentemente impostos pelo subtítulo desse livro – “Como eram as mulheres no começo do século” – D. Sophia A. Lyra nos apresenta em “Rosas de neve” um vivo painel desse *temps jadis*. Em meio aos retratos das mulheres por ela vivificadas, Dona Sophia nos informa, além da toailete, quais os tecidos, as cores da moda; as obras e os autores então em voga; como eram constituídos os currículos escolares,

confrontando-os com os da época da elaboração do seu livro e apontando as respectivas vantagens e desvantagens; ela nos fala de música popular e de música erudita, de cantigas e de modinhas, dos artistas em evidência, dos repertórios teatrais, dos jogos infantis, dos folguedos (ela nos brinda com a marcação de uma quadrilha, nomeando, *comme il faut*, todos os movimentos em francês); com detalhes, Dona Sophia nos fala das refeições, com seus pratos principais, suas sobremesas, e dos horários em que eram servidos; reconstitui o linguajar nordestino e as românticas linguagens dos leques e das flores, essenciais aos namorados quando a escrita, sobretudo nos meios rurais, ainda era privilégio de poucos; registra nas páginas de “Rosas de neve” a iluminação doméstica e a iluminação pública, anteriores ao advento da eletricidade; os meios de transporte e fatos históricos e políticos de relevância no início do século XX. Assim, aprendemos prazerosamente ao percorrermos as páginas desse livro o que nos ensinam, quase sempre com linguagem enfiada, os tratados de história, de sociologia, de etnografia e outras ciências afins. A autora, com sua sensibilidade, seu estilo claro e sua linguagem límpida, nos conduz a essa *belle époque* brasileira, eivada, contudo, de muitos preconceitos. Lemos, não sem pesar, a história de mulheres talentosas, de elevada cultura para os padrões da época e que, todavia, jamais puderam desenvolver e exibir, em público, suas aptidões. Somente no lar, para os pais e irmãos e, depois de casadas, para o senhor seu marido, os filhos e algum outro parente, elas puderam cantar, tocar, declamar seus versos, mostrar uma pintura. Enfim, talentos e vocações sufocados com resignação em nome dos rígidos códigos da educação e da moral então vigentes. O que nos parece absurdo, era, nesse tempo, aceito com absoluta naturalidade, pelo menos em muitas famílias. Isso pode ser exemplificado com dois fatos envolvendo parentes de Dona Sophia: sua sogra, Rosa Amélia de Lyra Tavares, poetisa cuja produção se evanesceu no Tempo, aprendera com a mãe que o destino da mulher era “amar, sofrer e perdoar”. E a mãe da autora, Sophia Eugênia de Albuquerque Maranhão Tavares de Lyra, mulher de bela e cultivada voz, que embalava os filhos pequenos cantando *berceuses* e árias de óperas, certa vez pediu ao marido, homem de incomensurável saber, para retornar aos estudos de canto (fora educada pelo tio, Maestro Amaro Barreto). Resposta de Tavares de Lyra: “– Você já tem quatro cantos (os quatro filhos até então nascidos), pra que quer mais canto? Já canta muito bem. Cante para nós.”

Síntese biobibliográfica

Sophia A. Lyra nasceu no Rio de Janeiro a 11-11-1903, quando seu pai, Augusto Tavares de Lyra, historiador norte-rio-grandense e um dos maiores estadistas da República, exercia o mandato de deputado federal pelo nosso Estado. No ano seguinte, Tavares de Lyra assume o Governo do Rio Grande do Norte e Sophia passa a viver com a família em Natal, na Av. Junqueira Aires, 398, em casa ainda existente. Nesta Capital, em 21 de janeiro daquele ano, foi batizada pelo Pe. João Maria. Suas recordações mais antigas começam pelo “Sítio Solidão”, de seu avô Pedro Velho de Albuquerque Maranhão, líder abolicionista e republicano. Em um de seus livros ela afirma que era no fim do ano de 1906, na festa de despedida da família, em razão de seu pai ter sido escolhido pelo então Presidente da República, Afonso Pena, para ocupar o cargo de Ministro da Justiça e Negócios Interiores: “Houve foguetórios, vivas, músicas, cantos e... bumba-meu-boi. Aí entram minhas vagas lembranças esclarecidas por mamãe. A ‘Burrinha’ subiu os três degraus que nos separavam, aproximando-se de nós. Amedrontei-me. Papai [...] sentou-me no colo de vovô, que me entreteve com seu enorme lenço colorido [...]” escreveu ela mais de sete décadas depois.

Alfabetizada por Tavares de Lyra, Picoté, como é carinhosamente tratada pela família, ingressa no Colégio de Notre Dame de Sion, em 1908. Naquele ano, seu pai discursou, em nome do Governo brasileiro, durante as exéquias de Machado de Assis. O outro orador da cerimônia foi Rui Barbosa, representando a Academia Brasileira de Letras. No tradicional educandário, Sophia divide a carteira de dois lugares com uma colega, Lúcia Miguel Pereira, que se tornaria uma de suas mais diletas amigas e que, vinte e oito anos depois, publicaria uma primorosa biografia do autor de “Dom Casmurro”.

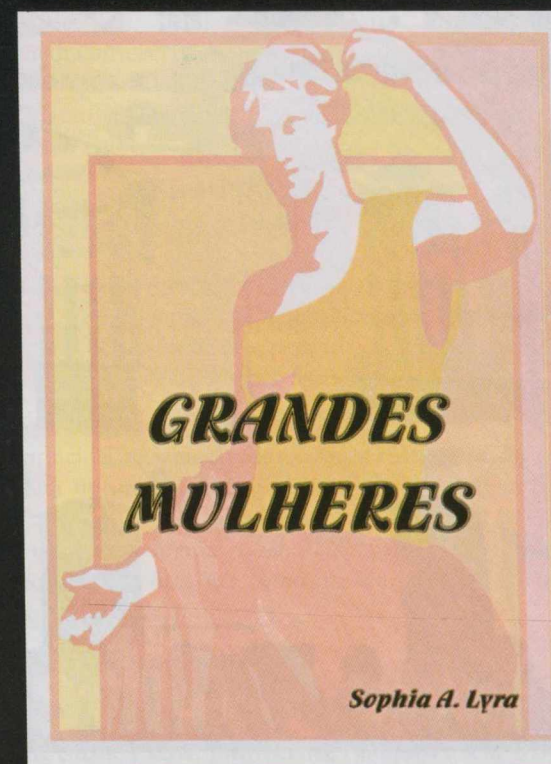
Concluído o curso de humanidades, em 1918, Sophia A. Lyra manifesta seu intento de estudar Arquitetura; ante a discordância paterna, passa a ter aulas particulares de idioma nacional, de italiano, inglês, alemão, francês, artes, história, filosofia, solfejo, piano, canto, harmonia, enfermagem básica, língua tupi, folclore, plantas medicinais, além de outras.

Em 1924, casa-se com o primo Roberto Lyra, que se notabilizaria nas cátedras e nos tribunais como professor e criminalista de renome internacional. Dessa união, que

durou perto de 60 anos, nasceram dois filhos, Sophia Rosa, que morreu ainda criança, e Roberto Lyra Filho (filósofo do Direito, jurista emérito, poliglota, poeta e tradutor que usava o pseudônimo de Noel Delamare. Ao falecer, em 1986, era catedrático da Universidade de Brasília).

A partir de 1928, Sophia A. Lyra inicia a preparação de trabalhos literários e históricos. Suas pesquisas pessoais e independentes levam-na a viajar inicialmente ao Uruguai, à Argentina e ao Chile. Posteriormente, vai à Europa e, na Itália, em Portugal e na França, aprofunda seus estudos. Publicou, além dos livros mencionados, as seguintes obras: “Assis, luminosa e ardente clareira de paz” (1957), “O sétimo centenário de um terceiro franciscano – Dante Alighieri” (1965), “Igrejas de Portugal” (1966), “Natal à franciscana” (1966), “Madre Joana – A Angélica” (1968), “Tupi para juristas” (1969), “Os franciscanos e as rosas” (1970), “O maior e o melhor dos Lyras” (1973, 2.ed. 1974), “Conquistas da mulher em todos os tempos” (1976), “São Francisco de Assis e o Brasil” (1978) e “Vida íntima das moças de ontem” (1980). Vários trabalhos seus permanecem inéditos.

Em 2002, foi publicada uma coletânea de ensaios de Direito em homenagem ao centenário de seu marido, falecido em 1982. Em um texto aí inserido – “Roberto Lyra: O orador, o criminólogo, o mestre inimitável” – depõe Evandro Lins e Silva: “[...] Roberto Lyra deve muito, não só na afeição e nos sentimentos, mas no estudo e na formação cultural, à sua mulher, escritora e de grandes conhecimentos, d. Sophia Lyra, que o ajudou até na leitura de livros: – Roberto não sabia a língua alemã, que os seus concorrentes conheciam e citavam em suas teses. Os olhos de D. Sophia liam os textos germânicos para os ouvidos de Roberto”. Esse testemunho é suficiente para que possamos aquilatar o caráter, o talento, a cultura e a sensibilidade dessa ilustre dama cujo centenário acaba de transcorrer. 📖





Teatro Alberto Maranhão

Começa a festa do centenário

Fotos: Ivanísio Ramos

O Teatro Alberto Maranhão iniciou no dia 24 de março, as comemorações pela passagem do seu centenário. Tombado pelo Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, é o espaço cultural mais antigo de Natal. A programação incluiu apresentações de grupos folclóricos, apresentações de bandas de músicas, lançamento de um selo pelos Correios, entrega do troféu "Amigo do Teatro", do Prêmio Nacional de Dramaturgia José Wanderley, e estréia do musical "Bye Bye Natal", do dramaturgo Racine Santos. A programação se estenderá por todo este ano.

No dia 24, a cidade também conheceu as novas instalações e a restauração do teatro, que custaram ao Governo do Estado 350 mil reais. A iniciativa privada, que entrou

como parceira, contribuiu com cerca de 150 mil reais. A reforma incluiu a construção de uma loja, de um café e de banheiros com acesso para pessoas com deficiência; mudanças no jardim para abrigar exposições; lançamentos de livros e apresentações instrumentais; reestruturação dos camarins; modificações no Salão Nobre e troca do piso da Praça Augusto Severo, localizada em frente ao Teatro.

Após o descerramento da placa alusiva ao centenário, fixada na fachada do Teatro, a governadora Wilma de Faria, em discurso, disse que cultura também é uma forma de inclusão social e fator imprescindível ao desenvolvimento humano. "Por isso estamos investindo nela, sem discriminar nem criar castas. A Cultura é uma só", disse. A governadora revelou ter ficado frustrada ao

visitar o Museu de Cultura Popular, no Rio de Janeiro, e não ter encontrado nenhuma peça do rico artesanato potiguar, adiantando que pretende criar em Natal um Museu de Cultura Popular em homenagem a Luís da Câmara Cascudo.

Durante a cerimônia, o presidente da Fundação José Augusto, François Silvestre, ressaltou o apoio da governadora para as diversas realizações culturais no Estado, como a própria reforma e o centenário do Teatro, a criação das Casas de Cultura e as reformas no Teatro de Caicó, no Palácio da Cultura, na Cidade da Criança, entre outras. "É dever do Estado incentivar a cultura que deve ser feita pelo povo", disse. François agradeceu também à equipe da Fundação e criticou a tecnocracia e a burocracia. Reconhecendo as prioridades do Governo diante da crise, afirmou: "Como eu não posso pedir urgência para a Cultura, peço pelo menos respeito."

Dentro da programação do centenário, em parceria com a FUNARTE, ocorrerão no decorrer de 2004, cursos, oficinas e workshops. "Nossa preocupação será também a formação de mão-de-obra especializada e a reciclagem dos profissionais existentes na cidade", explica a diretora do TAM, Hilneth Correia. Em abril foi realizada uma oficina de danças e em maio, uma de cenografia.

No dia 27 de março, Dia Mundial do Teatro, foi celebrada uma missa em intenção das personalidades que passaram pelo teatro. Na ocasião, foi lançado o programa Auxílio-Montagem de Espetáculos Teatrais, através de um convênio da Secretaria Estadual da Educação, da Cultura e dos Desportos com a Fundação José Augusto e o Teatro Alberto Maranhão.

Encontro de diretores de teatro

Diretores e administradores de teatro de várias capitais brasileiras marcaram presença no I Encontro de Diretores, que aconteceu de 24 a 26 de março, no Salão Nobre do Teatro Alberto Maranhão. Entre outros, participaram Lúcia Camargo (diretora do Teatro Municipal de São Paulo), Fernando Bicudo (diretor do Teatro Arthur

Azevedo-MA), Paulo Góes (Teatro Deodoro-AL), Hilneth Correia (Diretora do Teatro Alberto Maranhão), Maxwell Almeida (Diretor do Teatro Hianto de Almeida, de Macau) e o Diretor de Artes Cênicas da FUNARTE, Antônio Gilberto.

O representante da FUNARTE lançou dois programas: o de intercâmbio entre os Estados da região para realização de espetáculos e cursos e o do retorno do Projeto Pixinguinha. Também foi discutida na reunião a proposta de se ter um representante de teatro do Nordeste na FUNARTE, e a vinda de espetáculos de óperas itinerantes - está última oferecida pela diretora Lúcia Camargo, de São Paulo.

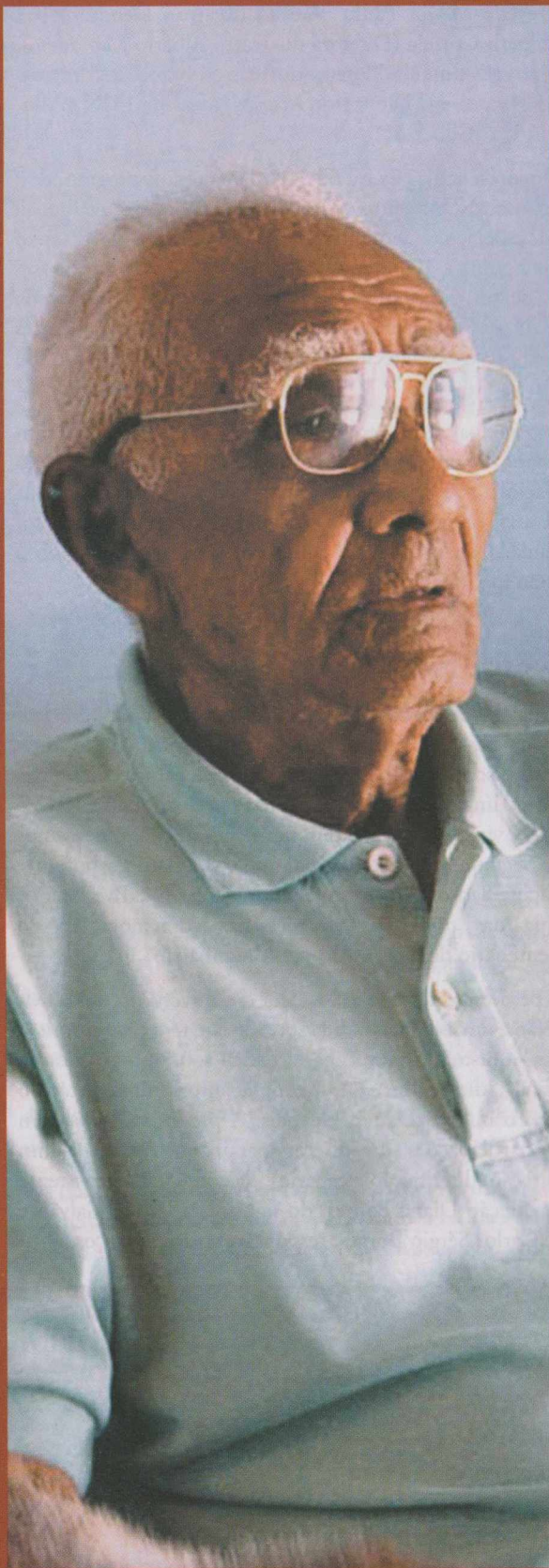
A principal reclamação dos diretores de teatro foi com a falta de interlocução junto à FUNARTE (Fundação Nacional de Arte), do Ministério da Cultural. A vinda de um representante da entidade para o encontro foi saudada pelos diretores como um sinal de que as coisas estão melhorando.

Bye Bye Natal

Uma cidade pacata, provinciana, tranqüila e sem grandes acontecimentos que, de uma hora para outra, é invadida por pessoas estranhas, com costumes e hábitos diferentes e uma língua desconhecida. É este período, entre 1942 e 1945, vivido por Natal durante a chegada dos americanos na Segunda Guerra Mundial que o dramaturgo potiguar Racine Santos transformou no musical "Bye Bye Natal", uma das principais atrações das comemorações do Centenário do Teatro Alberto Maranhão.

A peça estreou no dia 24, data do aniversário do TAM. "Não é um espetáculo didático. Ele não tem compromisso com a história, é um olhar artístico sobre uma época de Natal", diz Racine, que divide a autoria do espetáculo com o músico Danilo Guanais. A produção conta com as participações do diretor paraibano Eliézer Rolim (direção, iluminação e cenário), da coreógrafa e assistente de direção Diana Fontes, do figurinista Isaque Galvão e de Carlos Sérgio Borges, responsável pelos adereços. ■





Um autêntico “pé-de-valsas”

Por Moura Neto

Foto: Jaime Paulino

Menino esperto, curioso, Cornélio Campina da Silva gostava de prestar atenção em tudo. Foi esta qualidade que fez do homem pouco instruído um mestre da arte popular. Ele jamais esqueceu os bailes que seus familiares e amigos participavam em Portalegre e São Miguel, no início do século XX. Nestas ocasiões os casais se engalinhavam em danças de salão, embaladas pelo som da rabeça e do fole. Lembranças que permaneceram vivas em sua memória, até que, já em Natal, morando nas Rocas, acabou fazendo escola ao repetir os mesmos passos de seus antepassados.

“Seu” Cornélio Campina nasceu em 8 de outubro de 1908 no município de Portalegre, na região do Alto Oeste potiguar. Passou a maior parte da infância em São Miguel, município vizinho, de onde, ainda jovem, saiu para residir três anos em Areia Branca. Chegou em Natal com cerca de 20 anos. Naquela época, a capital era “uma coisinha de nada”, espremida entre a Tavares de Lira, na parte baixa da cidade, e o Baldo, na parte alta. O resto era só sítios, recorda.

Ainda moço trabalhou na agricultura, ajudando no roçado da família. Em Areia Branca ganhou a vida como estivador, a mesma ocupação a que se dedicou em Natal, onde, na rua Chile, na Ribeira, durante muitos anos descarregou fardos de algodão dos caminhões que chegavam do sertão. A dura luta pela sobrevivência lhe desviou dos estudos. “Só aprendi a assinar meu nome, mas acho que até isso já estou esquecendo”, confessa, bem-humorado.

No início, a dança era apenas uma brincadeira. Durante as festas juninas, no final dos anos 40 e início dos 50, quando todos acabavam de dançar a quadrilha de São João da Roça, lá pelas 10 horas e pouco, Cornélio continuava animando o ambiente com aquelas danças antigas e

esquisitas para alguns. Mas todos acabaram gostando daquilo e o ritual foi crescendo, tomando vulto. “E pegou a se espalhar”, conta ele, “ao recebermos convites para se apresentar num lugar e noutro”.

Até que aquela dança caiu no gosto do então prefeito Djalma Maranhão, um homem apaixonado pela cultura e pelos folguedos tradicionais de sua terra. O próximo passo daquele grupo formado na comunidade das Rocas foi a criação, em 1956, do Clube Araruna de Danças Antigas e Semidesaparecidas. As reuniões, inicialmente, foram realizadas na própria residência de Cornélio, na rua Luca Bicário. Djalma Maranhão doou o terreno onde foi construída a sede do clube, no mesmo bairro, na rua Belo Horizonte. Os tijolos e o cimento usados na construção também foram doados pelos sócios e simpatizantes do movimento.

Coube a Djalma Maranhão patrocinar ainda a aquisição do traje oficial do grupo. Para os homens, paletó, gravata-borboleta e cartola; para as mulheres, saias compridas. Relata Cornélio que o prefeito assistia com frequência às exibições do Araruna. “Ele só me chamava de mestre”, recorda. Este título, certamente justificado pela admiração nutrida por alguém que simbolizava a alma do povo que gostava de servir, franqueou o acesso deste homem simples ao principal gabinete do Palácio Felipe Camarão. “Sempre que ia lá era bem recebido por ele”.

A reunião que determinou a formação do Araruna, com estatuto e tudo o mais, contou com a participação de um ilustre incentivador e estudioso dos grupos folclóricos que mantinham acesa a chama da cultura popular norte-rio-grandense. Seu nome, Luís da Câmara Cascudo. “Foi ele quem batizou o grupo de Araruna”, revela Cornélio. “O primeiro nome da dança ficou sendo o da nossa bandeira”. Além de Cascudo, outro grande folclorista voltou sua atenção para o grupo: Veríssimo de Melo, que chegou a formar turmas de estudantes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, onde lecionava, para aprender as danças tradicionais que eram ensaiadas naquela sede das Rocas.

Já se vão 48 anos, quase meio século de dedicação contínua, ininterrupta, ao grupo que ajudou a fundar e difundir. Aposentado aos 44 anos, em decorrência de problemas cardíacos, Cornélio não parou de trabalhar para prover a subsistência da família. Passou mais de uma década comprando carneiro no interior e vendendo na capital. Depois montou uma banca do jogo do bicho, na Praia do Meio, onde cativou sua clientela por 25 anos. Paralelamente às atividades que realizava pela necessidade de complementar os poucos recursos da aposentadoria, apenas a uma outra se entregava com paixão e desinteresse financeiro: ao Araruna.

Assegura que nunca ganhou dinheiro com o Araruna. Toda a verba arrecadada com a mensalidade paga pelos associados e com os eventuais subsídios provenientes, digamos assim, dos patrocinadores, era aplicada na manutenção da sede e na compra dos trajes utilizados nas apresentações oficiais. “Hoje não recebemos ajuda de ninguém”, afirma ele. “Luto com isso pelo prazer de ensinar novas gerações”. Não se sabe ao certo quantas gerações já passaram pelo Araruna nestes anos todos. Mas se sabe, com certeza, que algumas continuam passando. Os casais adultos que inicialmente representavam a agremiação com exclusividade passaram a dividir o salão, nos ensaios e apresentações, com grupos infantis. Além do grupo mirim das Rocas, Cornélio formou outro em Mãe Luíza, depois que passou a morar ali há sete anos.

Cornélio parece mesmo um mestre da cultura popular obstinado em transmitir para o presente e para o futuro uma dança do passado.

Retorno às raízes

Imagine o tamanho da emoção! Depois de quase oito décadas ausente de seu torrão natal, Cornélio Campina retornou a Portalegre, em setembro do ano passado, para se apresentar com o grupo Araruna. Patrocinado pela Fundação José Augusto, o evento atraiu uma multidão que lotou a praça da cidade. “Nunca tinha visto tanta gente”, admite Cornélio, que reencontrou, em noite inesquecível, velhos amigos e parentes que há muito não via. Ao receber homenagens diante dos conterrâneos pelo trabalho que vem realizando em favor da cultura popular, chorou. “Isso nunca tinha acontecido”. Na mesma excursão, o Araruna se apresentou em Martins, ao lado da Orquestra Sinfônica do Rio Grande do Norte, para alegria dos habitantes e turistas daquela agradável cidade serrana.

Outrora, o Araruna pisou em palcos distantes e encantou platéias de alhures. Em 1975, na Bahia; em 1977, no Rio de Janeiro. Nas duas ocasiões, patrocinado pela Emproturn, o órgão estatal responsável, à época, pela promoção do turismo do Rio Grande do Norte. Também esteve em cidades nordestinas, como Campina Grande e Fortaleza, cumprindo agenda voltada para a difusão das manifestações folclóricas da região.

Danças do Clube Araruna: Araruna, Camaleão, Jararaca, Besouro, Caranguejo, Maria Rita, Roda, Miudinho, Mazurca, Maria Rendeira, Xote, Bode, Polca, Pau Pereira, Valsa. ■



Por Gustavo Porpino

Foto: Acervo do entrevistado

O menino Babal, como é conhecido até hoje o músico Erivaldo do Nascimento Galvão, 46 anos, cresceu na Avenida 10, no bairro do Alecrim, em Natal, sonhando um dia conseguir tirar alguns acordes do violão usado pelo pai. O único violão da família era disputado também pelos irmãos Eri Galvão, Galvão Filho e João Galvão. O tempo trouxe mais aprendizado do que Babal sonhava, mas a modéstia permanece a mesma. “A música me acompanha desde a Avenida 10, onde nasci. Sou um eterno aluno. Não aprendi a tocar até hoje”.

Acordes de violão sempre habitaram o lar do cantor. O pai Severino Galvão, falecido em 1994, não era músico, mas incentivou os quatro filhos a aprender a tocar violão. A lição foi aprendida com louvor. Eri, o mais velho, primeiro a trabalhar com música, fez parte da banda “Milionários” na década de 60. “Ele ensinava inglês, tocava Beatles e passava os ensinamentos para João”.

João Galvão virou um compositor de respeito. A música “Renascer”, parceria de Babal com o irmão, chegou a ser gravada pela cantora Joanna. Galvão Filho, o mais novo,

é um dos talentos potiguares como cantor. Babal fala da dificuldade que era “aproveitar a brecha” deixada pelos irmãos Eri e João para também tocar no violão do pai. “Eu via os dois fazendo os acordes, quando eles saíam de casa pegava o violão e fazia. Tinha uns 11 ou 12 anos quando comecei”.

A música entrou para valer na vida de Babal e já em 1974, quando estudava no Colégio Marista, alcançou o segundo lugar no festival de música promovido pela escola. O cantor entrou na universidade, mas desistiu do curso de Arquitetura e foi morar no Rio de Janeiro. Naquela época, Babal integrava a “Flor de Cactus”, conjunto criado a partir da banda de baile “Impacto Cinco”. A banda “Flor de Cactus” chegou a gravar três LPs.

Os cinco anos no Rio de Janeiro renderam grandes amizades. “Tive muitos parceiros nessa época. Petrúcio Maia, Beto Fae, Stélio Vale, Geraldo Azevedo e Bráulio Tavares”. Os cantores Geraldo Azevedo e Zé Ramalho são parceiros até hoje. A dupla participa do CD “Escritos”, novo trabalho de Babal à venda em bancas de revistas e lojas de discos de Natal.

O cantor reconhece que ter deixado o Rio de Janeiro diminuiu as possibilidades de alcançar projeção nacional. “Quando se está longe do eixo Rio-São Paulo a possibilidade de aparecer para o resto do país é muito pequena”. A carreira de Babal confirma a tese de que a música potiguar não consegue projetar seus artistas. Dono de um talento raro como compositor, o cantor culpa o comportamento das rádios e os políticos pela falta de projeção dos músicos potiguares.

“Pernambuco tem Alceu, Geraldo Azevedo, Lenine, Dominginhos, tanta gente boa... A Paraíba tem Jackson do Pandeiro, Zé Ramalho, Elba, Herbert Viana, Sivuca... O Ceará tem Fagner, Belchior, Ednardo... e no Rio Grande do Norte, tem quem?”, questiona. “Os políticos são donos das rádios e sequer sabem o que se produz aqui. Quando sabem, é de ouvir falar. Tem que haver uma força deles para que se toque o que se produz no estado e a população passe a conhecer a música potiguar. O público não pode ter poder de discernimento quando ele não pode escolher. A imprensa escrita já dá muito apoio, mas a falada é muito pouco. Só a 88,9 - rádio universitária – toca o que se produz aqui”.

Babal gosta de cantar as belezas da terra e avisa aos conterrâneos para seguir seu exemplo. “Compositores e cantores daqui têm que deixar de ter medo das belezas potiguares. Não precisa ser ufanista e piegas, mas é preciso enxergar o que chamo de cidade invisível; tudo que a gente tem na cidade e não consegue enxergar a sua beleza. Costumo dizer que se Ponta Negra fosse em Nova Iorque seria considerada a praia mais bonita do mundo”. ■

ESCRITURA POTIGUAR

A poetisa Iracema Macedo nasceu em Natal, em 27 de junho de 1970. cursou licenciatura em Filosofia na UFRN. Em 1991, em parceria com os poetas Eli Celso e André Vesne, publicou seus primeiros poemas na coletânea “Vale Feliz”. Em 1995, participou da coletânea “Gravuras” com os mesmos autores. Nesse mesmo ano, defendeu tese de mestrado na UFPB com o tema “Idealismo e Amor fati na estética de Nietzsche”. Em 1998, publicou poemas na coletânea “Ceia das Cinzas”. Em 2000, publicou seu primeiro livro individual, “Lance de dardos”. Em 2003 concluiu tese de doutorado em Filosofia na Unicamp com o tema “Nietzsche, Wagner e a época trágica dos gregos.” Atualmente mora em Ouro Preto e é pesquisadora da CAPES junto ao Departamento de Filosofia da UFMG. Ganhou os seguintes prêmios de poesia no RN: Othoniel Menezes, Myriam Coeli e Auta de Souza. Os poemas selecionados para o Encarte Potiguar pertencem ao livro inédito “Invenção de Eurídice”, que será lançado este ano.

ZILA

*Bene navigavi cum
nafragium feci (1)*

*Nessas águas que entrei a vida inteira
Não busquei nem arcas, nem peixes, nem tesouros
Só quis a branda viração das ondas
E a branca luz dispersa sobre o mar*

*Tentei achar um abrigo
Me queimei em caravelas
Senti dor, medo, frio
Esqueci todo perigo*

*Nessas águas que entrei
Aprendi a ser espuma
Aprendi com as ondas a perder e a perdoar*

*E quem aprendeu assim a navegar
Quem se apartou da terra desse jeito
Não sabe mais como voltar*

(1) Bem navega quem naufraga

ORQUÍDEAS

Para Maria Dolores Wanderley

*Um serpentário de pedras
era o que víamos
entre cores de águas-marinhas e turmalinas*

*(eram cristais guardados em aquários
semelhando pássaros e répteis)*

*estavam vivos os minérios
mais vivos do que orquídeas
intensamente vivas*

*e vão durar eternidades
e vão se transformar sob o calor
em outras aves
e vão ser guardados em outras salas misteriosas
como essa*

*Serpentes águas pedras
febris, frias, perigosas
fingindo para todo mundo que são quietas*

O retorno do comandante Vasco Moscoso de Aragão

Por Tácito Costa

Fotos: acervo do entrevistado

O cartão postal cruzou milhares de quilômetros, desde Lisboa, Portugal, até chegar em Natal. No lugar de endereço e CEP, apenas o local onde deveria ser entregue: “Tenda do Cigano” – Natal-Rio Grande do Norte, e o destinatário: Carlos Castilho. A Tenda era um famoso bar localizado na Praia de Areia Preta. E Carlos Castilho, um dos mais conhecidos boêmios potiguares - isso já naquela época (década de 60). O remetente, ninguém menos que o escritor e artista plástico Newton Navarro, em viagem de férias pela Europa.

Esse postal, junto com outros, mais cartões de boas festas, cartas, fotos, livros autografados, recortes de reportagens e crônicas sobre Natal e seus lendários personagens, estão organizados em pastas comuns, de cores diversas, pelo velho boêmio. Nelas, os registros de sua amizade e convivência com intelectuais de porte como o próprio Navarro, Luís Carlos Guimarães, Nei Leandro de Castro, Sanderson Negreiros e Berilo Wanderley, entre outros.

Sem nunca ter escrito um verso, Castilho é muito mais poeta do que muitos dos que por aí andam se autoproclamando poeta. Com o reconhecimento, por escrito - diga-se de passagem - de quem fez e viveu a poesia, como Luís Carlos Guimarães (num cartão postal remetido da Europa) ou ainda Manoel Fernandes Volonté (na dedicatória do seu último livro de poesia).

Nascido Carlos Augusto Pinto, em 10 de julho de 1937, na cidade de Lajes, ganhou o apelido na adolescência, graças à semelhança física e também por atuar na mesma posição do famoso goleiro Castilho, do Fluminense e da Seleção Brasileira. Na década de 50, chegou a jogar pelos times juvenil e profissional do América Futebol Clube,

onde ganhou alguns títulos. De Lajes, de onde se mudou no mesmo ano em que nasceu, não há lembranças. De Mossoró, onde desembarca com a mãe Rita da Costa Pinto e os irmãos (ficou órfão aos sete meses) e fica até 1945, as lembranças são poucas. Ainda em 45 chega a Natal. Fica impressionado com o bonde elétrico e as sorveterias. A cidade parecia-lhe uma metrópole.

“Uma bela figura humana”

Em Natal, mora inicialmente na rua Vigário Bartolomeu, no centro; estuda na Escola do Padre Eimard e no Marista. Pouco tempo depois se muda para a rua da Estrela (hoje José de Alencar, também no Centro, por trás do Inamps da Av. Deodoro), onde conhece os poetas Nei Leandro (de quem foi vizinho) e Sanderson Negreiros. Desse tempo são as peladas com bola de meia e os desfiles do Dia 7 de Setembro. Ele fazia parte da banda marcial do Marista. Tocava surdo. Começa a jogar futebol pelo Marista e é descoberto pelo olheiro Álvaro, que o leva para o América. Atua no período áureo do Estádio Juvenal Lamartine, na Avenida Hermes da Fonseca, e poderia ter ido longe na carreira futebolística se tivesse se dedicado mais. “Faltava muito aos treinos”, ele próprio reconhece. Segundo o amigo Nei Leandro de Castro, Castilho “era também uma promessa de artista plástico, desenhava muito bem, mas a boemia prevaleceu mais uma vez”.

O poeta Nei Leandro fala com carinho do amigo. “Tem um bom humor maravilhoso e uma memória prodigiosa. Quando imita as dublagens dos filmes norte-americanos, é de morrer de rir. Acima de tudo, é uma bela figura humana, sempre de bom humor, sempre de bem com a vida. Nunca vi Castilho de mau humor, nunca o ouvi falando mal de ninguém. Já o incentivei a escrever as memórias dele, mas ele alega que não tem tempo. Até sugeri o nome do livro: “Rua da Estrela”, onde ele morava, que hoje se chama José de Alencar. Mas Castilho não aceitou a minha sugestão: a boemia continua em primeiro lugar”.

Outra faceta de Castilho, recorda Nei, é sua fidelidade ao velho e bom Ron Montilla. “Ele só bebe rum, há séculos que só bebe rum com Coca-Cola. Como ele sabe que essa bebida caiu em desuso, que não vai encontrá-la nas casas dos amigos que o convidam para uma farra, ele leva sempre o que chama de ‘cesta básica’: um litro de rum e litros de Coca”.

As imitações das dublagens dos enlatados americanos, cheias de clichês, que Nei Leandro cita acima, Castilho conta que começou a prestar atenção nelas e a decorar algumas, nas noites em que precisava ficar desenhando

para a Coelba. Hoje, essas imitações que ele faz, com a voz impostada, fazem a festa nas mesas de bar e roda de amigos. As mais engraçadas, segundo Castilho, são as de filmes de faroeste.

Anos decisivos e difíceis

A década de 50 chega trazendo mudanças substanciais na vida de Castilho. Em 1953 entra para a Marinha. Trabalha como desenhista na Base Naval até 1967, tira licença sem remuneração por dois anos, faz “bicos”, como desenhista, para a Companhia de Força e Luz (futura Cosern). Três anos depois larga a Marinha e se manda para Salvador, contratado, como desenhista, pela Coelba. Fica na capital baiana até 1997, quando se aposenta e retorna a sua Natal querida. Mas nos 27 anos que ficou afastado do Rio Grande do Norte - ele faz questão de frisar - jamais deixou de passar as férias ou os feriados longos em Natal. E em Salvador os potiguares, amigos e conhecidos, tinham um porto seguro.

Na capital baiana continuou com a sua vocação para a boemia. “Foi onde fiz o meu mestrado”, lembra. Fez parte da “Associação Etilica Sentimental e Carnavalesca Chegando Bonito”, de Waltinho Queiróz, e se aproximou de poetas como Capinam e Rui Espinheira. Era freguês assíduo dos bares de “Firmino de Itapoan”, “Quiosque de Janaína”, “Varanda Bar” e “Jererê” (“esse último não tinha portas, era aberto 24 horas”, recorda).

O gosto pela convivência com intelectuais, artistas e eventos culturais jamais abandonou o boêmio. Hoje em dia, não são poucas as vezes em que ele deixa o seu “quartel-general”, na Redinha, para prestigiar lançamentos de livros, apresentações musicais, saraus e programas culturais em geral. Sempre bem vestido e espirituoso, conserva ainda parte do porte elegante dos tempos de goleiro do América (tem um 1m87 e está com cento e poucos quilos).

Um episódio triste, em dezembro de 1963, abalou durante os anos seguintes a vida do boêmio: a morte da esposa, Terezinha. Aos 28 anos e com duas filhas pequenas para criar, Castilho revela que passou por maus momentos, superados com a ajuda de amigos como o poeta Luís Carlos Guimarães. Três meses depois da morte da esposa veio o golpe militar. “Fiquei órfão pela segunda vez em pouco tempo, porque tive vários amigos perseguidos e presos”, recorda. A amizade com Luís Carlos Guimarães, conta Castilho, começou quando ele ainda morava na rua Coronel José Bernardo. “Depois ele mudou-se para a rua Santo Antônio, onde eu o via sempre porque minha namorada, com quem eu me casaria depois, era vizinha dele”. Com Terezinha, teve duas filhas, Célia e Neves, ambas residentes em Salvador.

Pelos bares da vida

A história da boemia de Natal passa por Carlos Castilho. Não tem pra onde. “Fui professor de boemia”, diz ele, que relembra com saudade os amigos de farra: Berilo Wanderley (“ficava esperando ele sair da Tribuna para cairmos na noite”), Navarro, Luís Carlos Guimarães, Arlindo Araújo, José Arruda Fialho, Décio Holanda, Sebastião Carvalho, Totinha, os irmãos Érico e Helmut Hackradt, Nei Marinho, Woden Madruga, José Maria Guilherme, José Perci... Com esses e outros, percorria os bares famosos de outrora, como a “Tenda Cigana”, “Acácia Bar”, “Pouso do Tetéu”, “Granada Bar”, “Centro Cearense”, “Brisa del Mare” e as boates de Francisquinha (Arpege), de Rita Loura, Alaíde, Maria Boa... “Hoje tá tudo diferente”, reconhece.

Mas por pouco a cidade não perde um boêmio e ganha um seminarista. Castilho conta que, influenciado pelo exemplo de Sanderson Negreiros, chegou a pensar seriamente em entrar para um seminário. “Quando Sanderson vinha de férias do seminário, contava que era bom e eu durante muito tempo fiquei tentado a seguir a carreira teológica. Depois Sanderson saiu e eu abandonei aquela idéia”.

Castilho conta, com orgulho, que toma Montilla há 40 anos. “Comecei com Bacardi”, explica. Num dos muitos carnavais que participou saiu vestido de pirata e com um periquito (de verdade) no ombro. “Quando a orquestra deu os primeiros acordes o bicho saiu voando”. Com Navarro marcou época no famoso bloco de carnaval “Ases do Ritmo”, que rivalizava na década de 50 com o “Deliciosos da Folia”.

A Redinha velha de guerra

Quando veio a aposentadoria no final dos anos 90 e o retorno a Natal estava decidido, Castilho não teve dúvidas sobre onde aportaria. Escolheu a praia da Redinha, onde mora com o filho Carlos, do segundo casamento. “Redinha sempre foi a praia de que mais gostei e dizia para mim mesmo que quando me aposentasse iria morar lá”, diz, ressaltando que encontrou o bar “Pé do Gavião” exatamente como o tinha deixado há muitos anos. Aposentado e desembaraçado de compromissos sentimentais, leva a vida que pediu a Deus. “Estados civis tenho todos: casado, viúvo, divorciado... Agora sou estagiário”, resume a sua atual situação. Geralmente em outubro ele se submete a um check-up médico, se preparando para o que ele chama de “olimpíadas”, que começam depois do check-up e vão até o carnaval.

A boemia revisitada

Não são poucas as histórias que Castilho vivenciou em 50 anos de boemia. Em seguida, ele conta algumas:

“Eu e Totinha saímos de uma festa, Totinha com um violão, e fomos parar num bar que tinha sido aberto recentemente, o Nemésio. Sentamos, pedimos cerveja, e Totinha puxou o violão para tocar alguma coisa. Nisso, chega o dono do bar, o italiano Nemésio Morquecho e diz: evita a guitarra, per favore”.

“Fazíamos muitas serenatas e quando acontecia das cordas quebrarem, nós corriamos até a mercearia do tio de Ticiano (Duarte), seu Floriano, para comprar cordas novas. Quando ele ouvia as batidas na porta, madrugada adentro, já sabia que éramos nós”.

“José Aguinaldo morava em Genipabu e certa vez eu resolvi ir lá, cheguei, a casa estava fechada, eu cavei um buraco imenso na porta da frente e consegui entrar. Por conta disso, ele ficou um tempão sem falar comigo. As pazes foram feitas algum tempo depois, quando estive lá com Luís Carlos Guimarães e Newton Navarro e fizemos uma grande farra ao som dos Beatles, num radiola de pilha”.

“Eu e Navarro éramos fregueses do bar “Brisa del Mare”, que ficava ali no Passo da Pátria, e sempre que o trem passava Navarro pedia para o maquinista dar um apito. Certo dia, Navarro me convenceu a arranjar um barco emprestado para levá-lo até o meio do Rio Potengi, onde ele pretendia fazer uns desenhos da cidade a partir do rio. Consegui o barco e fomos, eu como remador, para o meio do rio. Junto também embarcou um menino que estava ali por perto. Depois que Navarro acabou seus desenhos, decidimos tomar “umas” no Beco da Quarentena. E o menino com a gente. Horas depois, quando retornamos ao “Brisa del Mare” a mãe do menino estava com “ar de doida” atrás do filho. Esse episódio rendeu uma crônica a Navarro, que nela se refere a mim como Comandante Vasco Moscoso de Aragão [personagem do livro ‘O Capitão de Longo Curso’, de Jorge Amado]”.

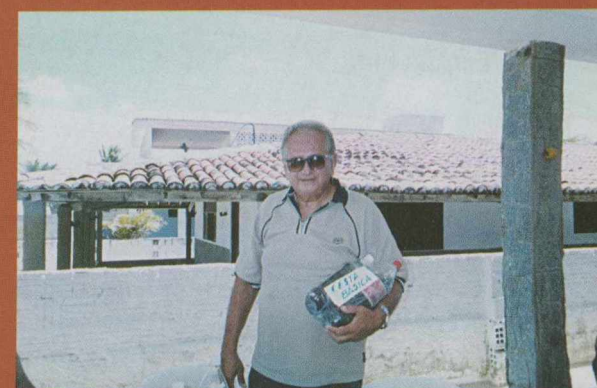
Legendas

Foto 1: Com o jogador Alberi

Foto 2: No carnaval, vestido de anjo

Foto 3: Saindo de casa com a “cesta básica”

Foto 4: Como goleiro, no time da APE



Zico eterno

Rubens Lemos Filho (Jornalista)

O texto exibido pelo documentário do Canal History, da TV a cabo, começou assim, um soco no pâncreas: "Aí, você vê a elegância em ação, o futebol total, sem espaços nem limites. Com a camisa 14, ele comandou uma seleção histórica e, sem dúvida, colocou-se como o terceiro maior jogador de todos os tempos, superado apenas pelo fabuloso Pelé, e pelo fantástico argentino Di Stefano". E o meu domingo à tarde estava sacramentado.


O redator, escancaradamente holandês, exaltava Johannes Cruyff, o líder da "Laranja Mecânica" que encantou o planeta em 1974, eliminou o Brasil na semifinal e perdeu o título para a Alemanha. A minha reação, indignada à apologia, foi agir em duas frentes: primeiro, ao telefone, com alguns amigos chegados, formando uma corrente de protesto e solidariedade a Zico que, eu não acredito, tenha jogado menos que o holandês. Parti imediatamente a outra tática, removendo todos os meus DVDs de futebol em que os dois, Cruyff e Zico, surgiam em ação.

Fixei-me no "Galinho" porque ele é um xodó e foi uma máquina de fazer gols, quase 700. Cruyff, o do futebol-total, não chegou à sexta parte disto. Mirar em Zico me livrou de uma crise de úlcera diante da blasfêmia-mãe,

que foi excluir Mané Garrincha dos três primeiros nomes. É da crueldade - aqui para nós deliciosa -, de ignorar o argentino Maradona. Argentino, como se sabe, só é bom quando vem em forma de picanha.

Fui vendo, jogo a jogo, a Copa da Alemanha. Cruyff jogou demais mesmo. Rodava de um lado, surgia pelo outro, partia reto em direção ao gol, tabelava, marcava. Mas como se fosse um andróide sem alma. Tudo literalmente mecânico como a "Laranja", um craque programado em computador, no Windows 74. Lembra de Dóris Giese, aquela lourona de rosto belíssimo que apresentava o Programa Legal nos anos 90? E o Fantástico também? Ela é Cruyff na falta de sal, de apelo latino e de sensualidade. E aí, malandro, Doris ou Sheyla Carvalho? Claro, Sheyla não precisa cantar, falar nem nada. Só o principal.

Zico era melhor porque driblava, fazia embaixadinha, uma firula, um golaço de falta, um pênalti perdido, uma seqüência de fintas desmoralizantes, um toque de calcanhar desmontando a defesa. Zico emocionava e se emocionava, regia 200 mil pessoas aos domingos.

Zico rima com arte. São quatro letras ilegíveis para quem não conhece futebol. 

NEI LEANDRO DE CASTRO

A palavra como ofício



Por Alexandre Gurgel e Tácito Costa

Fotos: Anchieta Xavier

Romancista, contista e poeta, com incursões pelo jornalismo e publicidade, Nei Leandro de Castro, nascido em maio de 1940, em Caicó, de onde saiu aos cinco anos de idade para morar em Natal, é considerado o mais importante escritor vivo do Rio Grande do Norte. Autor de obras conceituadas, como o romance "As Pelejas de Ojuara", em segunda edição, e o glossário "Universo e Vocabulário do Grande Sertão", sobre "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa (Prêmio de Crítica do Instituto Nacional do Livro), Nei Leandro começou cedo na literatura. Aos 19 anos ganhou um prêmio nacional de poesia, promovido pelo Jornal "O Globo". Aos 21 publicou seu primeiro livro de poesias "O Pastor e a Flauta". Escreveu, ainda, entre outros livros, "O dia das moscas" (romance), "Zona Erógena" e "Diário íntimo da palavra" (poesias), a antologia pioneira "Contistas Norte-riograndenses" e coordenou a revisão da obra de Zila Mamede sobre Câmara Cascudo. Sua poesia erótica reunida "Zona Erógena" e "Era uma vez Eros", arrancou elogios, respectivamente, de Carlos Drummond de Andrade, Affonso Romano de Sant'Anna e Ivo Barroso. Escreveu na Tribuna do Norte e no Pasquim e trabalhou em grandes agências de publicidade do Rio de Janeiro. Ganhou o 1º Prêmio de Contos Eróticos da revista Playboy, com o conto "Nossa semelhança com os deuses". Em seu livro "Informação da Literatura Potiguar" Tarcísio Gurgel diz que Nei é "responsável por alguns dos momentos mais importantes da moderna literatura do Rio Grande do Norte". Nesta entrevista, Nei, que mora no Rio de Janeiro há 36 anos, mas sempre vem a Natal, fala da infância na rua José de Alencar, em Natal; dos irmãos maristas, que, com tiros de cargas de sal, tentavam impedir o roubo das galinhas do Colégio Marista; do seu encontro no Rio com Drummond; dos grandes amigos potiguares; da cena literária do estado; conta com detalhes sua derrota para a Academia Norte-riograndense de Letras e agradece ao escritor Vingt-un por ter impedido sua vitória.



Preá - Fale um pouco sobre sua infância e adolescência, em Natal.

Nei Leandro - Nasci em Caicó, vim para Natal com cinco anos de idade, e fui morar na rua Professor Zuza, que era perto da rua da Estrela, hoje rua José de Alencar. Tudo aquilo eram ruas de areia e ali ocorriam as peladas, os duelos, as brincadeiras de capitão-de-campo marranegra. Nadávamos no Rio Potengi, tirávamos caju e mangas dos quintais alheios, fazíamos tentativas de roubar galinhas no Colégio Marista, mas os irmãos maristas nos recebiam com tiros de carga de sal. Eram muitos gentis aqueles padres. O colégio, para filhos de pais ricos e da classe média alta, parecia um castelo medieval, cercado de muralhas. Era uma demonstração de coragem pular aqueles muros e ir atrás das galinhas nos sábados de Aleluia. Minha infância foi muito livre e bonita, com muito futebol, disputas, os clássicos no Juvenal Lamartine, as regatas do Sport e do Náutico no Potengi, o belo espanto de ver pela primeira vez uma mulher nua no rio das Lavadeiras. Muito antes de conhecer o famoso poema de Manuel Bandeira, eu tive esse alumbramento às margens daquele riacho que desaguava no Baldo.

Preá - Como começou sua vida literária?

Nei Leandro - Estudei no Atheneu, onde fiz o ginásial e o clássico. Quando eu tinha 16 anos, meu professor de geografia, Luiz Maranhão, passou uma redação livre, não ligada à matéria que ele ensinava. Dias depois, para minha grande surpresa, eu vi essa minha crônica publicada no "Jornal de Natal" de Djalma Maranhão. O professor Luiz Maranhão, uma das figuras mais maravilhosas que conheci, publicou o trabalho sem avisar a ninguém. Apenas dissera: "A melhor redação será publicada". Esse grande incentivo foi, sem dúvida, responsável pelo meu interesse pela literatura, pois nesse tempo eu ainda alimentava o sonho de ser um jogador de futebol. Eu jogava no infanto-juvenil do América, sob a direção do técnico Lelé.

Preá - Quais suas primeiras leituras? Quem o encaminhou?

Nei Leandro - Eu sempre fui um bom aluno de Português. Fiz o primário em um colégio de padres, o Externato São Luís, do padre Eimard. E lá, quando eu tirava em primeiro lugar na classe, recebia como prêmio livros religiosos de leitura muito desagradável. Aquilo não era prêmio, era castigo: você tinha que ler o livro,

comentar em sala de aula e dar sua opinião. Uma vez, vendo que eu me aborrecia lendo aqueles livros religiosos, meu pai me deu para ler "Os Capitães da Areia", de Jorge Amado. Eu tinha 12 ou 13 anos de idade e foi uma descoberta fascinante. Aquilo, sim, era prazer de leitura e não aquela chatice que o padre Eimard obrigava a gente a ler. Fiquei louco pelo Jorge Amado, li todos os romances dele ao meu alcance. Depois, tive a sorte de conhecer Zila Mamede, que era bibliotecária do Atheneu e me orientou em novas leituras. Foi assim que adquiri para sempre esse vício maravilhoso, esse hábito que faz parte da minha vida.

Preá - Sua vida literária se deu nos anos duros da ditadura militar. Como foi que você vivenciou esse período aqui em Natal?

Nei Leandro - Na realidade, comecei minha vida literária em 1959. Quando eu tinha 19 anos, ganhei um concurso nacional de poesia, patrocinado pelo jornal "O Globo", cujo prêmio era uma viagem para qualquer cidade da América do Sul. Escolhi Buenos Aires porque havia uma escala no Rio de Janeiro e eu queria mesmo era conhecer o Rio. Cheguei ao Rio de Janeiro e me apaixonei perdidamente por uma menina de 18 anos que tinha participado desse mesmo concurso de poesia, e fiquei por lá, durante 45 dias, morrendo de amor. Só passei uma semana em Buenos Aires. Aí estão as origens de minha paixão pelo Rio de Janeiro. De volta a Natal, fiz vestibular para a Faculdade de Direito e ali encontrei uma turma que escrevia, que gostava de literatura, que publicava uma revista mais literária do que jurídica. Aos 21 anos, publiquei meu primeiro livro de poesia, "O pastor e a flauta". Fiz política universitária, cheguei a ser candidato a presidente do Diretório Acadêmico Amaro Cavalcanti, com o apoio da esquerda. O tempo que antecedeu o golpe de 64 foi de grande agitação na faculdade. Tínhamos a certeza de que a revolução comunista seria vitoriosa, ninguém contestava isso. Havia uma grande euforia no ar. O pessoal do CPC da UNE, tendo à frente Oduvaldo Viana Filho, o Vianinha, passou por Natal e fez leituras de peças revolucionárias. Na época, sob influência do CPC da UNE, escrevi minha primeira e única peça teatral, chamada "Cordão azul, cordão encarnado". Era profundamente radical, pregava a revolução armada, previa a destruição dos valores burgueses. O personagem principal era um camponês que vem para a cidade grande e começa a tomar conhecimento de sua importância num contexto revolucionário. A peça foi escrita às vésperas do golpe militar, com cópias datilografadas pelo meu amigo

Danilo Bessa, exímio datilógrafo e notório comunista. Uma dessas cópias chegou às mãos dos agentes da repressão e eu fui parar na cadeia, junto com presos ilustres como Luiz Maranhão, Djalma Maranhão, Moacyr de Góes, o ex-prefeito Luiz Gonzaga, Hélio Vasconcelos, Geniberto Campos, Francisco Ginani, Omar Pimenta, Josemar Azevedo, Guaraci e Paulinho Oliveira.

Preá - Como se deu seu encontro com a poesia?

Nei Leandro - Quando tinha 15 anos, jogava futebol e as pessoas diziam que eu tinha talento, mas o craque da família foi Berilo, meu irmão que jogou no América e no Alecrim. Nessa época, influenciado por folhetos de cordel, escrevi em versos setissílabos a história de um homem que perde um grande amor por ser analfabeto. Numa festa, ele recebe um bilhete da mulher por quem se apaixona e por orgulho não mostra a mensagem a ninguém. Ele vai embora porque não sabia ler, não sabia o que estava escrito no papel. Eu mostrei os versos a meu pai e fui para a rua, jogar minha pelada. Quando voltei para casa, de tardinha, estava o meu pai, sentado na cama, os filhos em volta e ele lendo em voz alta o meu cordel. Quando me viram, os meus irmãos começaram a me gozar, a dizer versinhos, a dar risadas. Eu me lembro que chorei escondido, morto de vergonha, cheio de raiva, achando que a culpa era do meu pai, que não guardara sigilo. Depois disso, levei uns dois anos para ter vontade de escrever novamente, sempre com receio de ser gozado. Mas foi meu pai quem mais me incentivou, inclusive me apresentou ao poeta Luiz Rabelo, seu colega de farda, que me ensinou metrificacão, me apresentou a autores fundamentais, me revelou muitos segredos da poesia.

Preá - Como foi sua fase dentro do Poema Processo, em Natal?

Nei Leandro - Isso foi depois do golpe de 64, quando me desiludi muito com o país, com tudo e até comigo mesmo. Como protesto, resolvi deixar de escrever poesia. Nessa mesma época, aquela turma toda – Anchieta Fernandes, Dailor Varela e Moacyr Cirne – começou a fazer uma poesia de vanguarda de que eu gostava muito. Era uma forma criativa de se expressar e não precisava escrever versos, pois a poesia era visual. Eu fiz experiências. Nunca fui teórico do Poema Processo, mas me engajei e criei, entre outros trabalhos, um poema chamado "1822", de conteúdo político, um dos raros poemas políticos do Poema Processo. Em Lisboa, onde passei uma temporada nos anos de 1968 e 1969, fiz contato com a vanguarda

portuguesa e estabeleci uma ligação entre as vanguardas do Brasil e de Portugal. Eu acho que poderia ter dado uma colaboração maior ao Poema Processo. Me afastei do movimento não por discordância, mas porque a poesia com palavras me fazia apelos cada vez mais fortes. Levei dez anos para atender a esses apelos.

Preá - Alguém cobrou sua volta à poesia?

Nei Leandro - Eu me lembro que Homero Homem, grande poeta natalense, encontrou-se comigo no Rio de Janeiro, notou que eu estava muito triste, muito deprimido, e me disse: "Olha só como você está por conta desse seu silêncio. Por que você não volta a escrever? Falta de poesia dá nisso". Talvez tenha sido o incentivo que de eu precisava para voltar a escrever.

Preá - Como foram seus primeiros anos no Rio de Janeiro?

Nei Leandro - Eu olho para trás e não sei como consegui sobreviver. Além de quatro pessoas para dar de comer, o casamento que tentei reconstruir só fez piorar cada vez mais. Vivendo na pobreza, saía cedo de casa à procura de qualquer bico e sempre conseguia uma coisa ou outra. Nessa fase, o apoio de Aluizio Alves, que me deu trabalhos freelance na sua editora, foi muito importante para mim. Depois de grandes sufocos, graças a uma indicação do meu querido ex-professor Rodrigues Alves, consegui entrar na equipe de Aurélio Buarque de Hollanda, que estava fazendo o seu dicionário. O mestre Aurélio pagava

por verbete nordestino que eu fazia ou sugeria. Pagava pouco, mas pagava em dinheiro, dia sim, dia não. Posso dizer que já vivi de palavras... Depois fui trabalhar na Editora Bruguera, em seguida fui editor da Editora Nautilus e, por fim, entrei no mundo da publicidade.

Preá - Você voltou a escrever em 1975 com "O Romance da Cidade do Natal". Houve alguma influência de João Cabral de Melo Neto?

Nei Leandro - Esse livro foi publicado em 75, mas foi escrito no final dos anos 60. Só que eu guardei na gaveta, não quis publicar, por conta daqueles problemas a que já me referi. Nos poemas desse "Romance", reeditado pela Editora Sebo Vermelho, eu reconheço que há uma certa influência cabralina. Para a reedição, fiz pequenas mudanças formais, não mexi no essencial. Eu acho que é um livro válido, apesar das transformações por que passou a cidade e da influência de João Cabral. Aproveitei a oportunidade para louvar a sensibilidade, o talento e a ousadia de Abimael Silva, que criou um novo conceito de editor de livros no país. Editar com muito dinheiro, inclusive com parceria de banco - como é o caso da Companhia das Letras - é fácil. Quero ver editar mais de cem títulos sem conta bancária.

Preá - Segundo Diva Cunha e Constância Lima Duarte, no livro "Literatura do Rio Grande do Norte", apesar de atuar em várias frentes literárias, é na poesia erótica que o senhor dá a contribuição mais original para a poesia brasileira.

Nei Leandro - Eu acho o seguinte: o Brasil não tem tradição de poesia erótica. Você olha para trás e vai encontrar dois registros de poemas eróticos na literatura brasileira, da autoria de Bernardo Guimarães. Mais conhecido como romancista, ele escreveu dois longos poemas eróticos, "O Elixir do Pajé" e "A Origem do Mênstruo". São dois poemas muito ruins sobre ereção e menstruação. Mais recentemente, tivemos Gilka Machado, autora de uma poesia mais sensual do que erótica. Depois, houve Manuel Bandeira, que tem uma alma erótica e apaixonada, mas escreveu poucos poemas eróticos. Carlos Drummond deixou para publicar seus poemas eróticos depois da morte. A gente verifica que a poesia erótica de Drummond está aquém da poesia que ele publicou em vida. Eu acho que há uma certa inibição nos poetas brasileiros, quando o tema é erotismo sem disfarces. No meu primeiro livro, de 1961, já existe um toque de sensualidade. Depois, eu exibi um

erotismo explícito com o livro "Zona Erógena" e, mais recentemente, com "Era uma Vez Eros". É uma questão de vocação, de temperamento, que às vezes me traz embarços. Uma vez no Rio de Janeiro, depois de um recital, um poeta me apresentou a uma amiga dele nesses termos: "Esse aqui é o Nei Leandro, que escreve versos de sacanagem". Eu disse: "Sacanagem é o que você está fazendo comigo". Existe uma barreira, uma rejeição ao erótico na poesia, às vezes as pessoas ficam me olhando como se eu fosse um anormal, como se eu tivesse uma tara e a espalhasse em forma de poesia. Não vou renunciar à poesia erótica, mas já diminuí a produção. Nesse meu livro mais recente, "Diário Íntimo da Palavra", aliviei um pouco o erotismo, justamente porque já estava sendo anunciado como um poeta que escreve sacanagem {risos}.

Preá - Qual o estilo erótico usado na sua poesia? Há alguma influência do poeta açuense Moysés Sesyom, que escrevia poemas eróticos no início do século XX?

Nei Leandro - Não, até porque Moysés Sesyom é um poeta erótico de feitio popular e a minha poesia é mais, digamos, erudita. A poesia dele é quase toda em setissílabos, a maioria em forma de motes e glosas. Era um mestre nessas composições com tempero sacana. Na linha da poesia erótica popular, Chico Doido de Caicó lembra Moysés Sesyom, embora Chico não use sempre a rima e a métrica. Para mim, Moysés é o maior de todos os poetas populares do Rio Grande do Norte.

Preá - O poeta Chico Doido de Caicó realmente existiu? Algumas pessoas pensam que é apenas uma personagem criada por você e Moacy Cirne.

Nei Leandro - Conheci Chico Doido no Rio de Janeiro, num botequim chamado "Doradinho", que fica na rua Álvaro Alvim, e participei de uma mesa onde ele reinava. Consegui alguns poemas dele, levei para Moacy, que passou a divulgá-los no "Balaio", para grande entusiasmo dos seus alunos e leitores. Depois, por pura distração, perdi Chico Doido de vista. Passou-se um tempo, eu e Moacy voltamos ao boteco; Moacy, louco para conhecê-lo pessoalmente. E aconteceu uma coisa curiosa: a gente conversando sobre Chico Doido e o garçom prestando atenção a nossa conversa. Lá pelas tantas, ele serviu mais uma rodada e disse: "Olha, eu acho que ele nunca mais vai vir aqui, já faz três meses que seu Chico não aparece". Numa outra visita ao bar, esse garçom nos mostrou um recorte do jornal "O

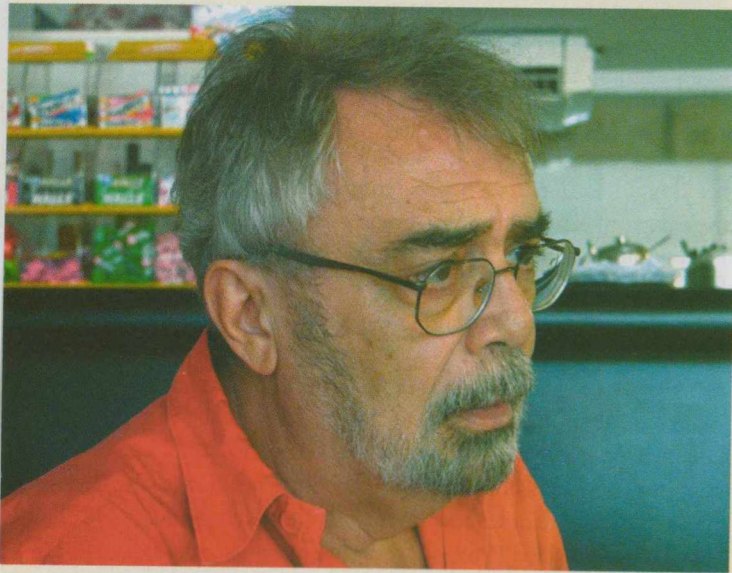
Globo", em que havia a nota de falecimento do velho e desbocado Chico Doido de Caicó, o único poeta do RN que teve seus poemas encenados no Rio de Janeiro.

Preá - Como aconteceu seu encontro e, posteriormente, sua amizade com Carlos Drummond de Andrade?

Nei Leandro - Conhecer Drummond foi o maior prêmio que a publicidade me deu e um dos maiores acontecimentos da minha vida. Eu liguei para ele, para lhe encomendar uns poemas para um calendário do Bradesco Seguros, que era conta atendida por minha agência no Rio de Janeiro. O poeta atendeu - eu até pensei que ele não fosse atender, talvez pela distância que a gente guarda de um poeta maior. Ele disse que aceitaria a proposta e eu perguntei: "Quanto é, poeta?" Ele disse: "Isso eu não sei, por favor, procure saber quanto é e me retorne". Eram doze poemas, um para cada mês do ano. Conversei com o presidente da agência, eu era o vice, e resolvemos pagar o equivalente a mil dólares pelos poemas. No outro dia, liguei para Drummond e disse que o cliente pagaria cerca de mil dólares e ele disse, com voz alterada: "Quanto?" Ai eu esfriei, repeti a oferta, com receio de estar desvalorizando a sua poesia. Então ele me disse: "Eu nunca ganhei tanto dinheiro com poesia. Faço agora" {risos}. Isso para mim foi uma vitória, uma coisa maravilhosa. Fui à casa dele, na Conselheiro Lafayette, em Copacabana, levar as fotos em que ele se basearia para escrever os poemas. Ele me recebeu muito bem, com muita gentileza. Conversamos, eu fui todo ouvidos, mais tarde ele disse: "Venha buscar os poemas em três dias". No dia de apanhar os poemas, fui outra vez ao presidente da minha agência e disse: "Olha, esse poeta é o maior de todos, glória do país, não devemos pagar com trinta dias - que era de praxe -, vamos pagar à vista". O presidente concordou, deu o cheque e lá fui eu, feliz da vida, encontrar o poeta. Quando cheguei lá, entreguei o cheque e Drummond não conseguiu esconder sua surpresa, sua alegria. Conversamos mais de uma hora.

Preá - Mas Drummond já conhecia você por Neil de Castro, um pseudônimo usado em suas crônicas para o "Pasquim" e em três dos seus livros.

Nei Leandro - Não gosto de falar sobre isso, fica parecendo confete jogado na própria cabeça. Mas vamos lá. No nosso segundo encontro, eu perguntei a Drummond: "Poeta, e aqueles poemas eróticos que o senhor tem?" E ele me respondeu: "Aqueles são



para depois da morte. Agora, há um poeta, que por sinal lembra o seu nome – Neil de Castro – que escreve uma poesia erótica muito forte e bonita”. Meu coração disparou de emoção e eu disse: “Neil sou eu”. Ele olhou pra mim e disse: “Como assim?” Então eu expliquei: “Nei ‘L’ de Castro”. Ele colocou a palma da mão direita na testa e exclamou: “Ai, como sou estúpido!” [risos] E o poeta ficou vermelho, meio sem jeito e não tocou mais no assunto. Quando eu estava de saída, ele foi lá dentro e trouxe os dois volumes de sua antologia “Nova Reunião”, trinta exemplares fora do comércio, e autografou para mim. Tenho lá em casa essa verdadeira relíquia.

Preá - Como chegou ao Pasquim e como foi a convivência com os jornalistas que faziam parte do jornal?

Nei Leandro - Quando voltei de Portugal, mandei uma crônica para O Pasquim por intermédio de Millôr Fernandes. Ele publicou e disse, numa nota, que estreava um cronista com muita experiência de vida e da palavra escrita. Ora, eu tinha 29 anos e Millôr teve uma surpresa quando nos encontramos. Sob o pseudônimo de Neil de Castro, passei a ser colaborador do mais famoso jornal da época, o semanário que revolucionou o jornalismo no Brasil. O Pasquim pagava pouco, mas colaborar de graça já seria uma vantagem. Das pessoas que conheci por lá, no famoso endereço da Saint-Roman, Copacabana, sempre tive mais afinidade com Millôr, Jaguar, Ziraldo e Henfil. Paulo Francis era de uma vaidade histriônica, parecia um mau ator representando para si mesmo. Ivan Lessa, brilhantíssimo, dava lições de arrogância.

Preá - Há no seu romance “As Pelejas de Ojuara” algumas personagens que remetem a pessoas que privam da sua amizade, como Clotilde Tavares, Celso da Silveira, Luís Carlos Guimarães e outros. Qual a verossimilhança entre as personagens e as pessoas?

Nei Leandro - Alguns dizem que é homenagem e outros dizem que é sacanagem. Celso da Silveira – que é muito amigo meu – passou dez anos sem falar comigo por causa do “Celso da Silva”, um personagem gordo, que come muito e é engraçado. Eu acho que tirei dele mesmo, ele é assim ou já foi assim. Mas Celso não aceitou, achou que eu só retratei o seu estômago e não a sua cabeça. Com o tempo ele viu que isso era besteira e hoje se diz feliz por

ser um personagem de romance. Clotilde Tavares adora a “Clotilde Alicate”. No lançamento da terceira edição desse romance, ela foi para a A.S. Livros com um alicate na mão e tirou uma foto comigo, segurando o poderoso instrumento [risos]... Com Luís Carlos Guimarães, eu fiz uma bela homenagem, ele aparece como “Lula Guimarães”, um poeta que bebe umas canas e está sempre recitando poemas. Ele era meu queridíssimo amigo-irmão. Agora, com as pessoas de quem eu não gosto eu tentei fazer umas brincadeirinhas.

Preá - Na trama do romance, você resgata personagens como “a Mãe-de-pantanha”. Como se deu a pesquisa e a inspiração para escrever “As Pelejas de Ojuara”?

Nei Leandro - Esse livro tem seis meses de pesquisas e eu passei mais quatro meses escrevendo. A pesquisa foi feita não somente em livros, mas na minha memória e na minha emoção. Da Mãe-de-pantanha, por exemplo, não existe referência nenhuma. Não há um só registro da Mãe-de-pantanha, nem em Cascudo, que anotou centenas de verbetes no seu “Dicionário do Folclore”. Só que eu me criei ouvindo meu pai dizer: “Hoje, eu não estou nem pra Mãe-de-pantanha”. Então, eu imaginava que a Mãe-de-pantanha era uma figura poderosa, extraordinária. Em 1984, juntei todas essas lembranças, fiz anotações e resolvi passar um inverno em Chicago, trancado num apartamento, escrevendo o livro. Eu dizia: “Eu quero ir para um lugar onde ninguém me conheça, onde ninguém me veja”. O curioso é que eu estava sozinho, numa das cidades mais frias dos Estados Unidos, longe da família, só com a máquina de escrever, e as coisas do Nordeste, particularmente do Rio Grande do Norte, que estavam acumuladas na minha memória afetiva, me vinham em cascata. Escrevi sem parar, pelo menos dez horas por dia, enquanto pela janela via a neve cobrindo as calçadas da cidade e raras pessoas andando a pé, embrulhadas em grossos e imensos casacos.

Preá - E a metáfora do “homem virar bicho”? Há alguma influência “kafkiana”?

Nei Leandro - Não, a “Metamorfose” de Kafka está muito acima disso. O meu “virar bicho” é mais nordestino, é quando o “cabra” se aborrece, fica valente.

Preá - Como estão os preparativos para o filme baseado em “As Pelejas de Ojuara”?

Nei Leandro - Já deveria ter sido produzido, mas o roteiro e a pré-produção de um filme são coisas complicadas, demoradas. Tenho muita vontade de ver o meu romance na tela. Bráulio Tavares, o famoso irmão de Clotilde Alicate, já fez o primeiro tratamento do roteiro e eu talvez colabore com ele um pouco, a pedido de Luiz Carlos Barreto. Espero que seja um bom filme, se não vou ficar muito triste.

Preá - Você tem preferência pelo ator que interpretará Ojuara?

Nei Leandro - Marcos Palmeira é o meu ator preferido, mas não é o preferido de Luiz Carlos Barreto, que tem tendência a escolher Vladimir Brichta ou Wagner Moura. Wagner que trabalhou recentemente em “Deus é Brasileiro” e “O Homem que Copiava”. Eu acho que ele é melhor do que Vladimir, que é muito global. Cláudia Raia seria a Mãe-de-pantanha. Clotilde Alicate seria interpretada pela própria [risos]... que é uma grande atriz.

Preá - Você poderia falar sobre quem são seus amigos e sua relação com eles ao longo do tempo?

Nei Leandro - Moro há 35 anos no Rio, mas meus melhores amigos estão aqui em Natal. Luís Carlos Guimarães, o velho Lula, era com quem eu tinha mais afinidade. A morte dele foi uma das perdas mais dolorosas que tive em minha vida, principalmente pelas circunstâncias em que ele morreu. Nós bebemos vinho das 11 da manhã até as 6 da tarde. Ele se despediu e morreu às 7 horas, de infarto, ao chegar em casa. Natal pra mim já não é mais como era com Luís Carlos. Mas tenho aqui grandes amigos como Diógenes da Cunha Lima, Danilo Bessa e Lenira, Jacina e Hanna, Woden Madruga, meus irmãos, meu filho Flávio, Clotilde Tavares, Celso da Silveira, Nilson Patriota, Dorian Gray, Sanderson Negreiros, Ticiano Duarte, Margarida e Robério, Valério Mesquita, Castilho, Ione Salem e Eduardo. E mais os novos e queridos amigos como Tácito Costa, François Silvestre, Adriana Torquato, Walter e Grécia, Themis Albanex, pessoas que eu gostaria de ter conhecido há muito tempo. Uma das características da amizade nordestina é a generosidade irrestrita.

Preá - E foi com alguns desses amigos que você cita acima que ocorreu uma história curiosa em Portugal. Que história é essa?

Nei Leandro - No ano 2000, viajei com Diógenes, Luís Carlos e Nilson Patriota para Lisboa. Foi uma viagem muito bonita e muito extravagante. Bebíamos vinho como se todo o vinho de Portugal fosse se acabar nas próximas horas. Os almoços fariam inveja a Pantagruel. Numa manhã eu saí com Luís Carlos, na cidade do Porto. A ponte que liga a cidade do Porto a Vila Nova de Gaia é altíssima. Eu queria ir de táxi, Luís Carlos sugeriu que fôssemos a pé, o que era uma extravagância, mas o poeta era teimoso. Na subida mais íngreme, ele parou e disse: “Nei, eu estou com dores”, e colocou a mão no peito. Ele já tinha tido alguns problemas de coração e eu fiquei assombrado. Cheguei para perto dele e disse: “Fique parado e quando você melhorar um pouco pegaremos um táxi para o hospital mais próximo”. Ele ficou imóvel uns dez minutos, muito pálido, ofegante, e eu lá, preocupadíssimo. Quando acabou essa situação, Lula disse: “Agora eu estou bem, não vamos pegar táxi. Vamos subir a ponte e vamos para o outro lado da ponte, pra Vila Nova de Gaia”. Em Vila Nova de Gaia é onde se produz o chamado vinho do Porto. Chegando do outro lado do Rio Douro, eu e Luís Carlos nos sentamos a uma mesa e começamos a beber. Parecia que estávamos nos despedindo da vida; bebemos umas três ou quatro horas sem intervalo. Lá pras tantas, um homem bem vestido, com mais de 70 anos, atraído pelo nosso sotaque brasileiro, aproximou-se e perguntou se poderia participar da conversa: “Eu gostaria de me sentar, mesmo porque os senhores estão falando de poesia e eu gosto muito de poesia”. Sentou-se ao nosso lado e começou a recitar poemas dos melhores poetas de Portugal. Ficamos muito emocionados com aquele encontro. Em certo momento, ele perguntou: “Vocês talvez não conheçam



um poeta português que morreu miserável, embriagado e desconhecido no Rio de Janeiro”. Eu e Luís Carlos olhamos um para o outro e quase ao mesmo tempo falamos: “Antônio Boto”. “Como é que vocês sabem disso?”, perguntou o senhor, de nome Artur, e começou a chorar de emoção. Quando se recompôs, ele passou a recitar poemas de Antônio Boto. Hoje Artur Bártolo é meu amigo fraterno, nós nos correspondemos com assiduidade. A morte de Luís Carlos foi terrível para ele também. Este ano, no meu aniversário, eu recebi de Portugal uma encomenda pesadíssima via sedex. Dentro de um isopor havia uma garrafa de vinho, presente de Artur Bártolo, uma grande figura, memória privilegiada, excelente companheiro de mesa de bar.

Preá - Qual sua relação com a Academia Norte-rio-grandense de Letras?

Nei Leandro - Há muitos anos, eu e Luís Carlos fizemos um pacto para que nenhum de nós dois entrasse na Academia. Tempos depois, Luís Carlos rompeu esse pacto, ocupando a cadeira 37. Fiquei chateado, mas hoje compreendo, porque ele deve ter recebido uma pressão muito forte. Essa mesma pressão – “pressão” no bom sentido, porque ninguém quer fazer mal, ninguém quer prejudicar. Eu não acredito que Diógenes, Dorian Gray e Nilson Patriota quisessem me prejudicar, quando insistiram para eu entrar para a ANL. Quando Lula morreu, muitas pessoas, das quais eu gosto muito, fizeram apelos para que eu o substituísse. Era Leda chorando, pedindo para eu me candidatar, era Diógenes e aquelas

pessoas queridas todas fazendo pressão. Na época, eu escrevi um artigo longo para a Tribuna do Norte, com o título de “Uma mulher para a Academia”, onde eu lançava a idéia de se eleger uma mulher para a Academia. Minhas indicadas eram Diva Cunha, Marize de Castro, Iracema Macedo, Carmen Vasconcelos e Clotilde Tavares. Saiu uma longa matéria na “Tribuna do Norte” sobre o assunto, mas a pressão sobre mim continuou, até que eu cedi, com uma condição: “Não vou trabalhar para ser eleito”. Ora, você trabalha, luta, briga, por algo de que gosta, por uma coisa fundamental na sua vida. Se fosse para passar uma noite com Giselle Bündchen, por exemplo, eu pediria votos de joelhos a todo mundo [Risos]. Agora para entrar numa academia, não só a norte-rio-grandense, mas todas elas, sem exceção, eu não movo uma palha. Na verdade, detesto paletó e gravata, tenho horror a capelo (um negócio esquisito que se introduz em todo imortal), não gosto de fazer ou ouvir palestras, não gosto de reuniões, não gosto de imortalidade. Gosto dos meus amigos, gosto de uma mesa de bar, gosto de vinho, música e mulher, não necessariamente nessa ordem. Voltando à novela da minha candidatura: houve a eleição e Vingt-un Rosado fez um trabalho que até hoje eu admiro, um trabalho belíssimo a favor de Helder Heronildes. Vingt-un nem desconfia do quanto lhe sou grato por ele ter me derrotado nessa eleição. Vingt-Un, Enélio Petrovich e Paulo Macedo, três imortais convictos, fizeram uma campanha brilhante para Helder Heronildes, meu ex-colega da Faculdade de Direito, uma pessoa muito boa, um homem cordial. Que a Academia lhe seja leve.

Preá - Natal é realmente um grande amor?

Nei Leandro - Eu tenho duas paixões: Natal e Rio de Janeiro. Se eu não fosse apaixonado pelo Rio de Janeiro, já teria saído de lá. Aquele negócio da violência está meio esquisito. Não chega a ser Bagdá, mas o terror, as balas perdidas e achadas estão por toda parte. Apaixonei-me pelo Rio aos 19 anos, como já falei aqui, quando viajava para Buenos Aires e me sinto bem por lá. Agora, eu acho que a minha grande paixão continua sendo Natal. Não voltaria a morar aqui por uma série de circunstâncias, mas eu me sinto muito bem por aqui, perto dos meus grandes amigos e da minha família. O carioca não gosta de fazer amizade da maneira generosa como o nordestino, uma amizade de mesa farta, de solidariedade. O carioca é mais cordial na mesa de bar e você tem que aceitá-lo do jeito que ele é. Natal é meu chão de infância, minhas raízes, minhas doces e sólidas amizades.

Preá - Como analisa o atual momento literário em Natal?

Nei Leandro - Costumo dizer que em Natal há uma produção poética muito forte, vigorosa. Aqui está sempre surgindo um valor novo, mais na poesia do que na prosa. Acho que o norte-rio-grandense talvez não tenha paciência para escrever romances, uma tarefa muito chata, muito difícil, que requer disciplina de caserna e muito tempo disponível. Talvez por conta disso só haja uma meia dúzia, no máximo dez romancistas em toda a história da literatura norte-rio-grandense. Poetas, temos de alta qualidade e surgindo novos todos os dias.

Preá - Quem faz poesia de qualidade no Rio Grande do Norte?

Nei Leandro - Volto a dizer que a poesia dessas cinco mulheres que citei (Diva Cunha, Marize de Castro, Iracema Macedo, Carmen Vasconcelos e Clotilde Tavares) mais a de Zila Mamede é de alta qualidade. A poesia de Marize de Castro é maravilhosa, a de Iracema Macedo é excelente. Na produção masculina, temos a poesia de Luís Carlos Guimarães, de nível nacional, temos Diógenes da Cunha Lima, Paulo de Tarso Correia de Melo, Sanderson Negreiros – que escreve umas crônicas com elevado teor poético –, Dorian Gray, Jarbas Martins, Alexandre Abrantes, todos eles constroem e elevam a literatura norte-rio-grandense.

Preá - A presença feminina é tão freqüente na sua poesia quanto na sua vida. Como explica isso?

Nei Leandro - Uma amiga já me disse que eu era uma alma apaixonada [risos] Eu faço culto ao feminino, culto ao corpo e ao espírito feminino há muitos anos. Sou um apaixonado pela mulher. Eu tive, ao longo do tempo, amores muito bonitos. Atualmente, sou casado há trinta anos e sou apaixonado por Sandra, minha mulher. Vou citar um caso de amor que vivi antes do meu casamento: Em Portugal, na véspera do Natal, um frio terrível, eu estava sofrendo de uma solidão quase irreversível. Estava bebendo vinho com o poeta Melo e Castro, um grande amigo, em um bar chamado “Monte Carlo”. Estávamos conversando e nisso eu vejo uma mulher muito bonita, a uns dez metros da nossa mesa. Ela estava acompanhada e olhava na minha direção, então perguntei discretamente ao meu amigo: “Quem é aquela mulher tão bonita que está olhando pra cá?”. Ele olhou e disse que era uma ex-modelo portuguesa,

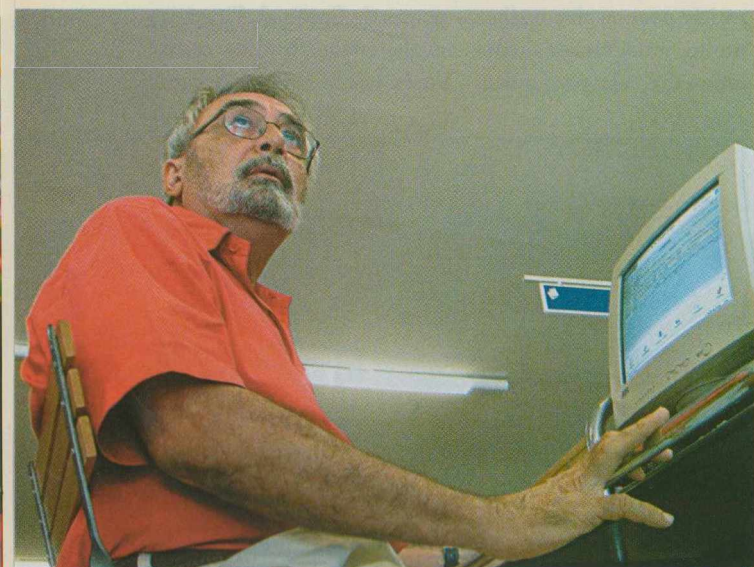
havia morado em Paris e estava de volta. Depois de um certo tempo, o acompanhante saiu e ela ficou sozinha. Então, Melo e Castro a chamou e ela veio para nossa mesa. Começamos a conversar e com quinze minutos de conversa ela perguntou, com aquele sotaque lisboeta que eu acho lindo: “Então, onde vais passar o Natal?” Eu disse: “Eu vou pra Serra da Estrela, se você não quiser passar o Natal comigo”. Era tudo ou nada. Ela levou um pequeno susto e respondeu: “É um caso a pensar”. Nessa mesma noite saímos juntos, passamos a noite no pequeno quarto onde eu morava. Foi o começo de uma paixão muito bonita, eu comprava braçadas de flores e pegava o barco que atravessa o Tejo até Cacilhas, e ficava jogando flores no rio, em homenagem a ela. Eu a chamava de Iemanjá, ela não sabia quem era Iemanjá, mas eu disse que Iemanjá era uma deusa, bela como Esmeralda – esse era seu nome – e ela ficou louca de paixão. Quando chegou no dia 31, véspera de ano-novo, ela me disse que precisava passar o reveillon com os pais, numa cidade do interior. Quando ela foi embora, eu verifiquei que tinha esbanjado todo meu dinheiro. Não tinha dinheiro nem para o ônibus. Passei o ano-novo com fome, tomando somente Nescafé com açúcar, pensando no que fazer da minha vida.

Preá - Você usa a mulher como musa inspiradora?

Nei Leandro - As mulheres sempre foram musas, desde os primeiros poemas. Uma das grandes paixões da minha vida, aos 18 anos, foi Margarida, que tinha os olhos verdes e era tão bonita que eu não acreditava que pudesse namorar com ela. Quando o namoro terminou, por minha culpa, eu chorei mais de uma semana. O meu primeiro livro, “O Pastor e a Flauta”, está cheio de poemas para ela. Nunca mais a vi, sei que mora no Rio de Janeiro, mas não quero vê-la. Na minha lembrança, ela se parece muito com Catherine Deneuve e os seus olhos brilham como esmeraldas líquiefeitas.

Preá - É verdade que você homenageou a sua atual esposa como uma personagem no livro “As Pelejas de Ojuara”? Quem é realmente a personagem?

Nei Leandro - [Risos] Eu não posso dizer. Porque quase todas as personagens femininas, com exceção da Leonorzinha, são prostitutas. E eu fiz uma homenagem a ela, Sandra, e a coloquei como uma dessas mulheres... [risos] no bom sentido, com todo o respeito. Sandra, grande leitora, sensível e inteligente, gosta muito da personagem com que lhe faço uma homenagem. Ela não tem essas frescuras, não ficou chocada.



Preá - Como surgiu a idéia do livro “Universo e vocabulário do Grande Sertão”, que ganhou o prêmio de crítica do Instituto Nacional do Livro?

Nei Leandro - Surgiu de uma paixão. Na metade dos anos 60, depois de ler todos os livros de Guimarães Rosa, eu estava totalmente apaixonado pela linguagem do romancista mineiro, particularmente do “Grande Sertão: veredas”. Resolvi então fazer uma pesquisa daquela linguagem, o que me consumiu uns três anos. Em 1968, terminado o livro, concorri ao prêmio do INL e ganhei o primeiro lugar no país. Ganhei também uma bolsa de estudos da Fundação Gulbenkian, para terminar o trabalho em Lisboa. Em 1970, o livro foi publicado pela José Olympio Editora, que era uma das melhores do país. O livro se esgotou rapidamente, até hoje serve para estudos de Guimarães Rosa nas faculdades de Letras, mas nenhuma editora se interessou em fazer uma reedição. Homero Costa me disse, recentemente, que viu o livro num sebo de São Paulo, na sessão de obras raríssimas, ao preço de 250 reais.

Preá - Você chegou a ganhar um carro zero como prêmio de uma revista. Como foi isso?

Nei Leandro - Em 1995, com o conto “Nossa semelhança com os deuses”, ganhei o I Prêmio de Contos Eróticos da Playboy. O prêmio foi muito generoso: um Fiat Tipo top de linha. Eu tenho uns quinze contos inéditos nos arquivos do meu computador e qualquer dia pretendo publicá-los. São contos que têm como cenário o Rio de Janeiro, a maioria deles com muito erotismo e violência urbana.

Preá - E os próximos trabalhos? Já existe alguma coisa no prelo?

Nei Leandro - Tenho prontos dois romances: “As Dunas Vermelhas”, que será editado pela A.S. Livros e talvez seja lançado em novembro, aniversário da rebelião comunista de 35, que é o tema do romance; e “A Fortaleza dos Vencidos”, um romance que se passa entre Natal e o Rio de Janeiro, onde abordo o problema da tortura durante a ditadura militar. Tenho ainda “A Cidade Revisitada”, um livro de poemas sobre Natal, ou seja, a minha cidade revisitada poeticamente depois de todos esses anos de Rio de Janeiro. Este ano lancei o livro de poesia, “Romance da Cidade do Natal”, segunda edição revista, pelo Editora Sebo Vermelho. ■



M A C A U

Sob os signos do mar e do sal

*Este é o sol que quero,
incandescendo as águas
e as rosas de espumas,
suspensas no ar, levemente.*

*Esta é a terra que amo.
De rio em preamar sereno,
onde, entre ferrugens e sombras,
descansam âncoras, e navegam
fantasmas de barcos cinzentos.*

*De moinhos, que eram girassóis aos ventos,
girando, rangendo,
as águas levando para o amanhã do sal.
Hoje, imóveis moinhos
sob estáticos azuis,
ausentes de lestes.
Adeus. Não haveis de girar mais,
ó solitários vigias das águas.*

*Esta é a terra que amo.
De miragens, peixes e búzios,
de cheiro intenso de maresia,
de fosforescentes ostras, de corte de navalha,
entlaçadas no caule dos mangues escuros.
De aves em brancos vôos,
eternizando os gestos
e os passos da infância.*

Fragmento de “Canto para Macau” (Poeta Gilberto Avelino)





Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

O cenário de salinas pode até representar Macau, a 178 km de Natal, melhor do que qualquer outro ícone. Mas que ninguém se engane. O município tem muito que mostrar. Projetos como “100 dias de intervenção cultural”, “100 poemas ao mar” e “Expressão da arte”, além da Filarmônica Monsenhor Honório e oficinas de teatro, desenho e música compõem o cenário cultural da terra das salinas.

Valdemir Nunes, coordenador de ação cultural de Macau, explica cada uma das atividades culturais do município. A “Intervenção Cultural”, projeto com duração de cem dias, movimenta Macau de junho a setembro anualmente. Galerias de arte, lançamento de livros, peças teatrais, oficinas de artes plásticas e visuais, shows musicais e apresentações folclóricas tomam conta de Macau durante o evento. A “Intervenção Cultural” está chegando ao seu sexto ano. “Promove o intercâmbio entre artistas, intelectuais, professores de arte, estudantes e o povo em geral, trazendo para o macauense lazer e muito estímulo ao conhecimento”, salienta Valdemir.

O encerramento da “Intervenção Cultural”, sempre no dia 9 de setembro, coincide com a data de aniversário de Macau. A última semana do projeto é reservada para a Festa do Sal, série de apresentações musicais que vão desde serestas com artistas da terra até shows com bandas do segundo escalão baiano.

O projeto “Cem poesias ao mar” é uma maneira inusitada de promover os poemas escritos por poetas macauenses. A ideia surgiu em março de 1998 dentro das comemorações ao dia da poesia. Valdemir conta que todos os anos são jogadas cem garrafas em alto mar com poemas assinados por poetas da terra. “As garrafas são jogadas ao mar por pescadores experientes. Já recebemos telefonemas da praia de Iracema, em Fortaleza”.



Maculelê vence o preconceito



A capoeira do Grupo Maculelê da Terra do Sal é uma atividade educativa. A iniciativa visa, através da dança, integrar o jovem na sociedade. Anderson Wecicley Lourenço, 22 anos, coordena há três anos o grupo. “A sociedade não aceitou muito no começo. Confundiam com marginalidade. Hoje em dia provamos o contrário. O grupo é muito requisitado para apresentações.”

*“Ô senhor dono da casa
nós viemos aqui lhe ver.
Viemos lhe perguntar
como passa vosmecê”*

Os capoeiristas dançam com bastões e facões mostrando a ginga tradicional da arte marcial introduzida no Brasil pelos escravos. As apresentações já renderam prêmios. O

Grupo Maculelê ficou em segundo lugar no I Festival de Dança do Vale do Assu, competindo com nove grupos de cidades da região.

“Capoeira é cultura. Transmitimos o respeito pelos pais, irmãos e vizinhos. É um projeto sócio-cultural”, destaca Anderson. O número de interessados em fazer parte do Grupo Maculelê é cada vez maior. Já são 60 alunos a partir dos 7 anos frequentando as aulas de capoeira. Os oito componentes mais experientes participam da dança com bastões e facões.

O entusiasmo da população é tanto que o Maculelê criou a “Quinta da Capoeira”, apresentações em escolas ou praças públicas todas as quintas-feiras. As apresentações do Maculelê não estão restritas a Macau. O grupo já esteve em Mossoró, Assu e na CEFET, em Natal. “Conquistamos nosso espaço”, diz Anderson Wecicley.

O assessor de ação cultural de Macau, Valdemir Nunes, salienta também a atuação dos grupos de dança “Corpos Salineiros” e “Amagoa”. Os componentes do “Corpos Salineiros” apresentam danças folclóricas e dança contemporânea. O “Amagoa” faz coreografias de músicas populares. “Brasil mostra sua cara”, adaptação da música de Cazusa, já esteve no palco do teatro Hianto de Almeida.





Sob a proteção de Francilúzio

O ex-músico do Regional Sonoroso, grupo de chorinho do Instituto de Música Waldemar de Almeida, Francisco Martins Fernandes, o Francilúzio, empresta seu nome ao curso básico de violão oferecido pela Ação Cultural de Macau. Cavaquinho, teclado, canto e desenho também são ensinados aos jovens macauenses.

Marcos Alexandre Fernandes, filho de Francilúzio, é instrutor de violão. “Há quase 10 anos temos este trabalho. Já entregamos uns mil certificados”. A entrega dos certificados é feita durante a “Expressão da Arte”, evento cultural anual.

Marcio Olímpio dos Santos, 22 anos, ex-aluno da oficina de desenho, passou a ser o instrutor do curso há dois anos. Marcio sempre gostou de desenhar com grafite. O conhecimento técnico veio através do curso de desenho artístico e publicitário do Instituto Padre Reus de ensino à distância. A oficina de desenho envolve 60 alunos divididos em quatro turmas. “De vez em quando pinto, mas minha área é o grafite.”



O guardião do passado está pessimista



João de Aquino da Silva, 82 anos, casado com Maria Amália Araújo, dez filhos, autor do livro “Monsenhor Honório que eu conheci”, nasceu em Assu e mora em Macau há 62 anos. Dedicou todo este tempo a colecionar objetos antigos. O acervo resultou no Museu José Elviro, nome de seu pai, um ex-operário de salinas.

“Quando fiz minha primeira comunhão, recebi da minha madrinha uma imagem de Sant’ana. Daí prossegui a minha vocação de juntar as coisas e anotar os acontecimentos”, conta. O colecionador só fez o ensino fundamental, mas sempre cultivou o hábito da leitura. “Fiz o primário em Pendências e quando cheguei aqui freqüentava a biblioteca pública Rui Barbosa. Gostava muito de ler o jornal A República”.

A coleção foi crescendo até virar um museu. Inicialmente, ocupava um quarto na casa da mãe de João. “Depois Monsenhor Honório me cedeu uma casa na Rua da Frente, onde hoje é a casa de José de Arimatéia, mas a casa desmoronou no inverno de 70, antes já tinha tirado o material de lá”, lembra. Desde 1973 o museu José Elviro funciona no endereço atual, ocupando um prédio cedido pela companhia Cirne na rua Augusto Severo, 444.

Até o arquivo da antiga Cia Comércio e Navegação faz parte do museu. “Trabalhei 35 anos para o Conde Ernesto Pereira Carneiro da Cia. Comércio e Navegação, ele tinha uma propriedade muito grande”. João de Aquino lembra dos tempos em que o sal era carregado em balaies e transportado manualmente até as barcaças. “Você sabia que era assim?”, questiona. “Pois fique sabendo, era tudo artesanal. E tenho peças daquele tempo no museu”.

O museu também poderia apresentar toda a vida de Joaquim Honório da Silveira, o Monsenhor Honório, conhecido como o Santo de Macau, não fosse o estado de abandono em que se encontram as peças. Monsenhor Honório foi responsável pela paróquia de Macau de dezembro de 1902 a agosto de 1913 e de dezembro de 1939 a novembro de 1966.

O museu tem 5.208 peças e foi inaugurado em 5 de novembro de 1952 com uma exposição de arte sacra. “Naquela data Monsenhor Honório completava 50 anos de sacerdócio”, recorda Aquino. O colecionador não esconde a ira com o poder público. Mais de 50 anos

depois de inaugurado, o museu nunca recebeu a atenção merecida. “Tenho pena porque os governantes não estão à altura das peças expostas no museu”.

O museu José Elviro não é a única vítima do descaso. Macau não soube preservar sua memória. A Macau da juventude de João de Aquino tinha os casarões das famílias tradicionais e um coreto na praça. “Os antigos sobrados de Macau não existem mais”, lembra João de Aquino. O pesquisador passa ainda uma lição aos governantes atuais. “É importante fazer turismo cultural contando a história da cidade. Quando você vai a Olinda, tem até uns garotos que contam aquela história bonita”.

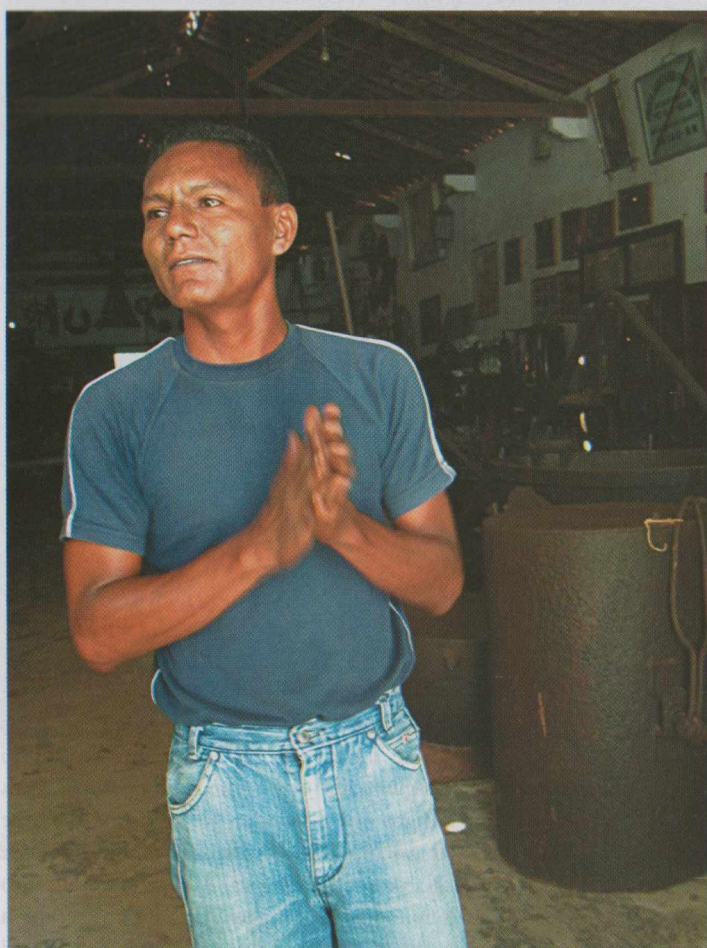
João de Aquino é capaz de passar uma tarde inteira, sentado na cadeira de balanço na calçada, contando casos de desrespeito ao patrimônio arquitetônico do município. Os sobrados da antiga Rua da Frente, atual Augusto Severo, foram demolidos ou perderam as características originais. O Grupo Escolar Duque de Caxias, no Largo José da Penha, foi derrubado em 1957. O edifício de Joaquim do Vale e o sobrado da família Carielo, duas construções imponentes da Macau de antigamente, também desapareceram.

O escritor e colecionador tem textos para publicar um novo livro. “Para mim é um divertimento contar histórias e uma bênção de Deus não ter esquecimento. Tenho muitas histórias guardadas em ponto de mandar passar a limpo”. Aos amigos que o visitam, João de Aquino pede para autografar um livro de assinaturas, cuidadosamente guardado na sala de oração da casa. A salinha é o recanto preferido de João. Estão lá a imagem de Sant’ana recebida de presente da madrinha e relicários de Dom Bosco e de Monsenhor Honório.

Católico fervoroso, João de Aquino não gosta de cultivar desavenças. Prefere acreditar que depois de tantas décadas, seu esforço será recompensado. “Não estou enraivecido, quero cada vez mais em mim não ter ódio ou mágoas. Eu dei a minha vida por aquele museu”.



Abandono ameaça museu



O museu José Elviro é o retrato do abandono. O amontoado de objetos antigos não recebe visitas desde 8 de agosto de 2000. Estão lá baús e porcelanas do início do século passado, o arquivo da antiga Cia. e Comércio de Navegação, a biblioteca de Monsenhor Honório, a primeira pia batismal da Igreja matriz de Macau, oratórios, imagens sacras e vários pertences do Monsenhor Honório. Há ainda vários quadros antigos guardados dentro de um armário enrolados em jornal.

Gilson Barbosa, 31 anos, macauense, é como um filho para João de Aquino. Tomando conta do museu desde 1996, o ex-gari, ex-coveiro e ex-zelador de cemitério, utiliza o próprio passado para não perder a esperança de ver a coleção de João de Aquino virar um museu de fato. "Já enterrei e desenterrei defunto. Não tenho medo deste desafio".

"Toda segunda e sexta converso com "Seu" João de Aquino. Lamento do brilhante trabalho que ele fez por Macau, mas que não tem reconhecimento". Gilson é um batalhador.



Desde que teve a oportunidade de zelar pelo acervo do museu, tem participado de cursos de capacitação sobre turismo e museologia. Em 1997, participou de uma pesquisa sobre o imaginário do barroco brasileiro coordenada por Hélio Oliveira, museólogo da Fundação José Augusto, visitando Olinda, Cabedelo, Recife e João Pessoa. Frequentou ainda vários cursos oferecidos pela equipe do Museu Câmara Cascudo, em Natal.

Gilson Barbosa também é monitor turístico do município e agente multiplicador do programa "Meu Negócio é Turismo", do Sebrae. Sonha um dia apresentar o museu para grupos de turistas de todo o mundo.

A infiltração e o salitre tomam conta das paredes do museu. Parte do reboco já caiu e a umidade está comprometendo os livros e documentos guardados nas estantes. "Fechamos o museu por medo do prédio desabar". É mais uma parte da memória de Macau que vai desaparecendo.

O multimídia Getúlio Moura



A cidade de Macau está prestes a ganhar um belo presente. O técnico ambiental da Petrobrás Getúlio Moura, 42 anos, nascido no povoado de Tabatinga, próximo a Alto do Rodrigues, está transformando a paixão pela cidade que o acolheu em livro. Não é uma publicação qualquer. Já são seis anos de trabalho no

título "Um Rio Grande e Macau - cronologia da história geral".

O livro já escrito e com a matriz pronta deve ser publicado ainda neste ano. Antes da pesquisa histórica, Getúlio já havia publicado "Operações práticas na produção de petróleo" e dois livros de poesia. O primeiro, "Instinto Reverso" (1997), com poemas filosóficos e surrealistas e o último, "SoLua", de 1999.

*Sei
haverá inverno
poderá chover desejo
tempestade de felicidade...
Afinal
não se vive de primavera
se não completar o ciclo
passando por outras estações
entre os pontos cardeais.*

Escrever não é o único talento de Getúlio Moura. O técnico da Petrobrás já pintou vários óleos sobre telas, faz fotos aéreas, cria fotomontagens digitais, toca guitarra e tem um arquivo com fotos antigas de Macau. Foi ainda o vencedor do concurso de fotografia "Prata da Casa Petrobrás", em 2003, com a foto intitulada "Cavalos do Vale do Assu". O prêmio pela conquista, uma passagem aérea para qualquer destino no Brasil, ainda não foi aproveitado.

O novo livro, uma publicação de 502 páginas, conta com o apoio da Petrobrás através da Lei Câmara Cascudo de Incentivo à Cultura. O trabalho de pesquisa é um relato histórico do antigo território de Macau. "Botei o

pé na estrada em busca de várias bibliotecas e de amigos pesquisadores, visitei os povoados dos quatro municípios historiados (Macau, Alto do Rodrigues, Pendências e Guamaré), ouvi os professores e os idosos que ainda puxam da memória a história oral; e fiz alguns sobrevôos fotográficos na região".

O historiador Olavo de Medeiros Filho escreveu o prefácio do livro inédito. "(...) um marco na bibliografia norte-riograndense. Trata-se da melhor obra já escrita sobre aquela importante região salineira e petrolífera", comenta na abertura. Getúlio Moura pesquisou jornais e documentos antigos no Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte. O colecionador João de Aquino é um dos entrevistados de destaque no livro.

"Hoje se festeja 9 de setembro por causa de João de Aquino. Antes se comemorava 9 de outubro. João tinha o documento original da emancipação política de Macau assinado pelo presidente da província", comenta Getúlio, sem esconder a admiração pelas pesquisas realizadas pelo fundador do museu José Elviro.

Getúlio também compartilha do pensamento de João de Aquino quando o assunto é o patrimônio arquitetônico de Macau. "Não só o tempo e o sal, mas o total descaso e falta de cultura das autoridades que governaram o município, nas últimas décadas, corroeram pau, ferro, alvenaria e almas da velha Macau".

O pesquisador sonha ainda criar uma editora de livros. A ideia partiu do amigo Benito Barros, poeta macauense, autor de "Cemitério de Pipas" (1998). A dupla já ajudou na edição de 21 títulos de autores macauenses através da Imperial Casa Editora da Casqueira, ICEC. "O objetivo é a difusão da literatura local como meio de desenvolvimento do ser humano, através da história, do pensamento e da própria cultura".

"A ICEC ainda é virtual. O trabalho exige tempo, criatividade, computadores e diversos materiais". Getúlio faz as fotografias, design das capas, diagramação, arte final e correções dos livros. "Com o protótipo do livro na mão é mais fácil arranjar o patrocínio para impressão, pois só quando é visto é que se acredita no trabalho desses poetas".

O trabalho de Getúlio, um autodidata nas artes, cumpre o papel de preservar a história de Macau. Que seja bem-vinda e bem lida sua pesquisa; e também os livros por ele editados. "Um Rio Grande e Macau vai dar o que falar", aposta.



Tradição preservada

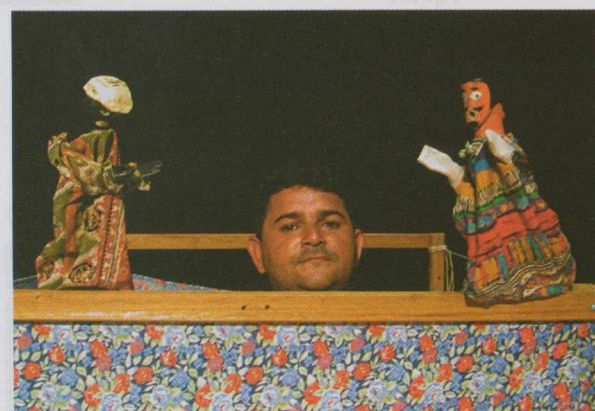
A história do carnaval de Macau, uma tradição quase centenária, está guardada no Museu Carnavalesco de Macau. O prédio reúne fantasias das escolas de samba “Ases de Ritmo”, fundada em 1954, “Corações Unidos”, “Imperadores do Samba” e “Beija Flor”. As fotos antigas, expostas desordenadamente na parede, estão se estragando. Francisco Raimundo de Santana, 51 anos, presidente do museu, clama por apoio e doações. Francisco das Chagas Paulo, o Titico, 64 anos, também conhecido como “Joãozinho Trinta de Macau”, acredita que a nova fórmula de se fazer carnaval está prejudicando os antigos carnavalescos. “Antigamente cada bloco queria ser mais bonito, mais bacana. Tudo se fazia aqui mesmo. Hoje vem não sei quantos mil abadá já prontos. É só vender e vestir. E esse dinheiro vai para fora, antes ficava aqui.”

Nos passos do grande Chico Daniel

Era 1999. Chico Daniel, mamulengueiro mais tradicional do Rio Grande do Norte, fazia uma apresentação em Macau. Na platéia, o macauense Edicharles Bezerra, 27 anos, assistia atento ao diálogo dos bonecos. A cada risada, Edicharles, até então conhecido no município pelas apresentações como palhaço que fazia no Centro de Mobilização Popular, ia pensando se um dia não poderia seguir o ofício do mestre Chico Daniel.

“Imaginei assim. O dom que Deus dá para um, pode dar a outro. Me inspirei com Chico Daniel e comeci a treinar em casa”. Depois de muitos ensaios, surgiu a oportunidade de comprar os bonecos utilizados por Antônio Gato, um antigo mamulengueiro de Macau.

Edicharles tem facilidade em interpretar vozes. Os anos de trabalho como palhaço e as participações nas oficinas de teatro do Programa de Erradicação do Trabalho Infantil deram ao mamulengueiro o conhecimento necessário para fazer de seu teatro de marionetes um sucesso. “São dez personagens. Para cada um deles faço uma voz diferente.”



Baltazar, o matuto esperto, é o personagem mais festejado pelas crianças. Os mamulengos de Edicharles são cada vez mais requisitados para apresentações. Já são, em média, 60 por ano. A maioria em escolas. O mamulengueiro utiliza diálogos educativos sobre as drogas e o alcoolismo. “Não trabalho com texto, improviso. Gosto de fazer um trabalho social com tema voltado para a educação”.



O velho maestro exige disciplina

A centenária Filarmônica Monsenhor Honório tem muita história para contar. Há registros de que na primeira década do século passado já havia uma bandinha que fazia alvoradas pelas ruas do centro antigo de Macau. O primeiro nome da banda foi Charanga Nossa Senhora da Conceição. A denominação Filarmônica Monsenhor Honório foi dada em 1966, ano de falecimento do pároco mais identificado com Macau.

“A charanga recebeu o título oficial de banda de música municipal em janeiro de 1919. Já em 1932, a banda era considerada uma das melhores do estado. Conquistou o segundo lugar num concurso de bandas, em Natal, naquele ano”, conta o pesquisador Getúlio Moura.

O escritor Aparício Fernandes, autor do livro “Macau, canto de amor e saudade”, fez um comentário curioso sobre os primeiros anos da Filarmônica. “Os músicos não se davam ao trabalho de vestir a farda da corporação. Alguns iam até de pijamas. Ao meio-dia, desta vez com os músicos uniformizados, a banda voltava e, no mesmo lugar, executava outros números”. As apresentações aconteciam na praça da matriz de Nossa Senhora da Conceição.

O mestre Avelino Faustino da Costa, saxofonista e compositor da valsa “Adeus, Macau”, foi um dos músicos a marcar época na banda. O regente atual, o ceará-mirinese Cícero Martins de Castro, 66 anos, mora em Macau desde 1964. Começou a carreira musical tocando trombone na Filarmônica Francisco Bittencourt, em João Câmara. Há doze anos é o responsável pela regência da banda. “Esta já é a quinta banda que formo em Macau.

Existem duas terras para ter muito músico. É aqui e Cruzeta.”

O regente inovou ao criar, em Macau, o grupo “Filhas do Sal”. A bandinha, formada por dezesseis mulheres, toca boleros e clássicos mais antigos que costumam ficar de fora dos repertórios tradicionais. “O prefeito pediu para formar um grupo em homenagem às mulheres.”

Cícero é bastante exigente com os 48 componentes da Filarmônica. A disciplina é uma regra a ser cumprida por cada um deles. “Aqui ninguém fuma e nem usa tatuagem. Sou chato, mas para o bem deles”. O regente conseguiu conquistar o respeito dos jovens músicos e diz ter por eles um carinho de pai para filho. “O que faço com meus filhos faço com eles. Esta banda onde chega é um exemplo de comportamento.”

A elegância também é uma marca da Filarmônica nas apresentações em praças públicas. O regente salienta que nunca faltou peças de roupa ou pares de sapato. “É uma banda muito bem vestida. Cada músico tem mais de um uniforme e já recebemos uns duzentos pares de sapato”.

Depois de tantos anos dedicados à música, Cícero Martins ainda tem um sonho a realizar. A banda ainda não gravou um CD. “Esta aqui é uma banda sem história. Toda banda tem um CD, não temos nenhuma fita”.

Os mosaicos mágicos de Herbert Martins

O que dizer dos mosaicos que nascem das mãos do macauense Herbert Martins, 27 anos? Criatividade não falta. Em frente à vila da rua da Saudade, no centro de Macau, um painel de 64 metros quadrados dá a exata dimensão da inventividade deste artista plástico que tão bem retrata o cenário de praias, salinas e moinhos.

A praia de Diogo Lopes, um dos principais pontos turísticos de Macau, também ganhou um mosaico feito pelo artista da terra. “Compro as pedras inteiras e vou quebrando. Tem que encontrar a cor certa. A pedra não é pintada. É como montar um grande quebra-cabeça”. Antes de se dedicar aos mosaicos, Herbert já expressava seu talento em pinturas. Em 1997, recebeu menção honrosa no salão de artes de Macau competindo com artistas de todo o Rio Grande do Norte. A consagração veio dois anos depois, no mesmo evento. “Fiquei em primeiro lugar local e terceiro no geral, havia 52 quadros competindo”.

Herbert também tem talento para a música. Foi guitarrista da banda “Megasom” de Macau e banda Miragem, mas é através das artes plásticas que pretende seguir carreira. “Nasci em Macau e é aqui onde encontro inspiração para trabalhar. Já recebi convites para trabalhar em Natal, mas é aqui onde me conheço.”



Teatros movimentam a cidade

O teatrólogo macauense Maxwell Almeida, 23 anos, diretor do teatro Hianto de Almeida e diretor de oficinas de teatro do Centro Petrobrás de Cultura Porto de Ama, é mesmo um talento precoce. Começou aos 13 anos na Cia. Jesiel Figueiredo, em Natal, e concluiu no ano 2000 o curso superior de artes cênicas da UFRN.

Maxwell trabalha para os dois teatros de Macau e procura unir os dois palcos na formação de platéia. “É importante que não haja concorrência entre os dois teatros. Fazemos uma parceria”. O Porto de Ama, administrado pelo Centro Social Pio XI, uma ONG ligada à igreja católica, é administrado pelo padre Edmilson Nobre, pároco de Macau.

Quando o assunto é teatro, não faltam idéias na cabeça do jovem teatrólogo para pôr em prática. O teatro municipal Hianto de Almeida, homenagem ao compositor macauense de maior projeção nacional, já recebeu 50 mil pessoas desde sua inauguração em 14 de agosto de 2003. Hianto Ramalho de Almeida Rodrigues nasceu em 1924 e faleceu, prematuramente, de câncer nos ossos em 1964. Teve músicas arrançadas por Tom Jobim e interpretadas por João Gilberto, Caubi Peixoto, Elza Soares, Moacir Franco, Orlando Dias e outros cantores.

Os teatros Hianto de Almeida e Porto de Ama oferecem sessões de cinema. O projeto Cinema Escola leva todas as segundas-feiras estudantes da rede pública para sessões gratuitas no Hianto de Almeida. Os garotos assistem clássicos do cinema e filmes nacionais. A população também é contemplada com projeções ao preço de 1 Real às quintas e sextas-feiras. “Temos telão e projetor de última geração. O Porto de Ama também tem sala de projeção, mas sempre aos sábados e domingos”.

O teatro tem oferecido outras oportunidades de lazer para a população. Recitais didáticos da Filarmônica Monsenhor Honório e peças de teatro acontecem mensalmente. “Temos ainda as oficinas de teatro, dança e balé”. A última semana de cada mês é dedicada para shows musicais, peças e apresentações de humoristas voltadas para o público de maior poder aquisitivo. Maxwell está apenas começando e as artes cênicas, em Macau, têm muito futuro pela frente.

O cordel como herança

O poeta e cordelista Márcio Cristiano Maia de Andrade, 26 anos, sabe o que é vencer as dificuldades impostas pela vida. Desde criança, acompanhava o esforço da mãe, a ex-costureira Francisca das Chagas Maia, mais conhecida como Dandão, para pagar as mensalidades da escola. Márcio começou a ler cordel em casa sob a luz de um lampião. “Tínhamos caixas e caixas de cordel em casa. Minha mãe tinha o hábito de ler cordel todas as noites.”

A infância humilde serviu para Márcio valorizar ainda mais os folhetos de cordéis que possuíam. “Não tínhamos TV em casa”. Os anos passaram e o talento de Márcio para a literatura foi despontando. Venceu o II Concurso Macauense de Poesia, em 2001. Os três livros já publicados - “O destemido Ben e as tarefas do terror”, “A traíçoira face do mal” e “O preço de uma promessa” - exibem a cadência rítmica de sextilha; seis versos de sete sílabas com rimas no segundo, quarto e sexto versos.

*Valei-me Deusa da Poesia
Dai-me inspiração constante
Que quero narrar agora
Uma estória interessante
Ocorrida há vários séculos
No Reino dos Amantes.*

(Primeiro verso de O preço de uma promessa)

Márcio é estudante de letras da UERN, em Assu, e segue escrevendo versos e contos. O poeta foi colaborador do jornal Vale em notícias com a coluna “Contos e Fábulas”. O escritor é um exemplo a ser seguido por outros jovens de Macau. O próximo livro é só uma questão de tempo. 📖



Os mosaicos mágicos de Herbert Martins

O que dizer dos mosaicos que nascem das mãos do macauense Herbert Martins, 27anos? Criatividade não falta. Em frente à vila da rua da Saudade, no centro de Macau, um painel de 64 metros quadrados dá a exata dimensão da inventividade deste artista plástico que tão bem retrata o cenário de praias, salinas e moinhos.

A praia de Diogo Lopes, um dos principais pontos turísticos de Macau, também ganhou um mosaico feito pelo artista da terra. “Compro as pedras inteiras e vou quebrando. Tem que encontrar a cor certa. A pedra não é pintada. É como montar um grande quebra-cabeça”. Antes de se dedicar aos mosaicos, Herbert já expressava seu talento em pinturas. Em 1997, recebeu menção honrosa no salão de artes de Macau competindo com artistas de todo o Rio Grande do Norte. A consagração veio dois anos depois, no mesmo evento. “Fiquei em primeiro lugar local e terceiro no geral, havia 52 quadros competindo”.

Herbert também tem talento para a música. Foi guitarrista da banda “Megasom” de Macau e banda Miragem, mas é através das artes plásticas que pretende seguir carreira. “Nasci em Macau e é aqui onde encontro inspiração para trabalhar. Já recebi convites para trabalhar em Natal, mas é aqui onde me conheço.”



Teatros movimentam a cidade

O teatrólogo macauense Maxwel Almeida, 23 anos, diretor do teatro Hianto de Almeida e diretor de oficinas de teatro do Centro Petrobrás de Cultura Porto de Ama, é mesmo um talento precoce. Começou aos 13 anos na Cia. Jesiel Figueiredo, em Natal, e concluiu no ano 2000 o curso superior de artes cênicas da UFRN.

Maxwel trabalha para os dois teatros de Macau e procura unir os dois palcos na formação de platéia. “É importante que não haja concorrência entre os dois teatros. Fazemos uma parceria”. O Porto de Ama, administrado pelo Centro Social Pio XI, uma ONG ligada à igreja católica, é administrado pelo padre Edmilson Nobre, pároco de Macau.

Quando o assunto é teatro, não faltam idéias na cabeça do jovem teatrólogo para pôr em prática. O teatro municipal Hianto de Almeida, homenagem ao compositor macauense de maior projeção nacional, já recebeu 50 mil pessoas desde sua inauguração em 14 de agosto de 2003. Hianto Ramalho de Almeida Rodrigues nasceu em 1924 e faleceu, prematuramente, de câncer nos ossos em 1964. Teve músicas arranjadas por Tom Jobim e interpretadas por João Gilberto, Caubi Peixoto, Elza Soares, Moacir Franco, Orlando Dias e outros cantores.

Os teatros Hianto de Almeida e Porto de Ama oferecem sessões de cinema. O projeto Cinema Escola leva todas as segundas-feiras estudantes da rede pública para sessões gratuitas no Hianto de Almeida. Os garotos assistem clássicos do cinema e filmes nacionais. A população também é contemplada com projeções ao preço de 1 Real às quintas e sextas-feiras. “Temos telão e projetor de última geração. O Porto de Ama também tem sala de projeção, mas sempre aos sábados e domingos”.

O teatro tem oferecido outras oportunidades de lazer para a população. Recitais didáticos da Filarmônica Monsenhor Honório e peças de teatro acontecem mensalmente. “Temos ainda as oficinas de teatro, dança e balé”. A última semana de cada mês é dedicada para shows musicais, peças e apresentações de humoristas voltadas para o público de maior poder aquisitivo. Maxwel está apenas começando e as artes cênicas, em Macau, têm muito futuro pela frente.

O cordel como herança

O poeta e cordelista Márcio Cristiano Maia de Andrade, 26 anos, sabe o que é vencer as dificuldades impostas pela vida. Desde criança, acompanhava o esforço da mãe, a ex-costureira Francisca das Chagas Maia, mais conhecida como Dandão, para pagar as mensalidades da escola. Márcio começou a ler cordel em casa sob a luz de um lampião. “Tínhamos caixas e caixas de cordel em casa. Minha mãe tinha o hábito de ler cordel todas as noites.”

A infância humilde serviu para Márcio valorizar ainda mais os folhetos de cordéis que possuíam. “Não tínhamos TV em casa”. Os anos passaram e o talento de Márcio para a literatura foi despontando. Venceu o II Concurso Macauense de Poesia, em 2001. Os três livros já publicados - “O destemido Ben e as tarefas do terror”, “A traiçoeira face do mal” e “O preço de uma promessa” - exibem a cadência rítmica de sextilha; seis versos de sete sílabas com rimas no segundo, quarto e sexto versos.



*Valei-me Deusa da Poesia
Dai-me inspiração constante
Que quero narrar agora
Uma estória interessante
Ocorrida há vários séculos
No Reino dos Amantes.*

(Primeiro verso de O preço de uma promessa)

Márcio é estudante de letras da UERN, em Assu, e segue escrevendo versos e contos. O poeta foi colaborador do jornal Vale em notícias com a coluna “Contos e Fábulas”. O escritor é um exemplo a ser seguido por outros jovens de Macau. O próximo livro é só uma questão de tempo. 📖

Governo inaugura a quinta Casa de Cultura

Fotos: Ivanísio Ramos



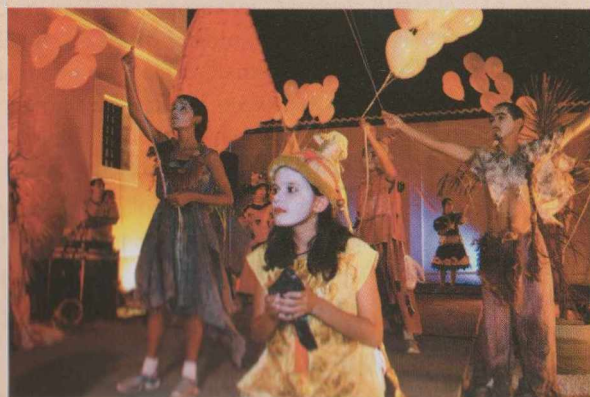
O Governo do Estado, através da Fundação José Augusto, inaugurou no dia 31 de março, mais uma Casa de Cultura Popular no interior do Estado. Desta vez, foi no município de Santa Cruz. A nova Casa de Cultura se chama Palácio Inharé e foi construída no prédio da antiga Delegacia de Polícia, edificado em 1923 e tombado pelo Patrimônio Histórico Estadual. Foram investidos na obra 225 mil reais, sendo 180 mil na parte física e 45 em mobiliário.

Situada no centro da cidade, em frente ao mercado público, a nova Casa de Cultura tem 500 metros quadrados de área construída. Abriga um auditório para 81 pessoas, que pode ser utilizado para eventos sociais e culturais e nove salas, sendo uma para exposição de artes plásticas ou fotografias, quatro para oficinas de teatro, dança e música, entre outras atividades, e duas destinadas à biblioteca. Foram também construídos nove banheiros e uma praça para eventos e festas, que abriga um café.

Esta é a quinta Casa de Cultura construída pelo Governo do Estado. As outras foram nos municípios de Nova Cruz, Caicó, Martins e Açú. Ao todo, o Governo já investiu 885 mil reais.

O programa do Governo vem atingindo uma dupla finalidade: ao mesmo tempo que restaura prédios antigos, como foram os casos de Nova Cruz (antiga Estação Ferroviária), Caicó (Sobrado do Padre Guerra), Açú (Sobrado da Baronesa) e agora Santa Cruz (Prédio da antiga Delegacia de Polícia) dota estas cidades de um espaço físico voltado para as atividades culturais.

Para a inauguração, a Fundação José Augusto programou uma grande festa, a exemplo do que fez na abertura das outras Casas. Começou com um cortejo, formado pelos artistas da cidade e de Natal - cantando o hino da liberdade - conduzido pelo cantor e ator Isaque Galvão, seguido por apresentações de rabequeiros do município; da banda de música; abertura de exposição de artes plásticas; recitais de poesia e encerramento com shows musicais de Roberto de Acordeon, Galvão Filho e Diogo Guanabara. ■



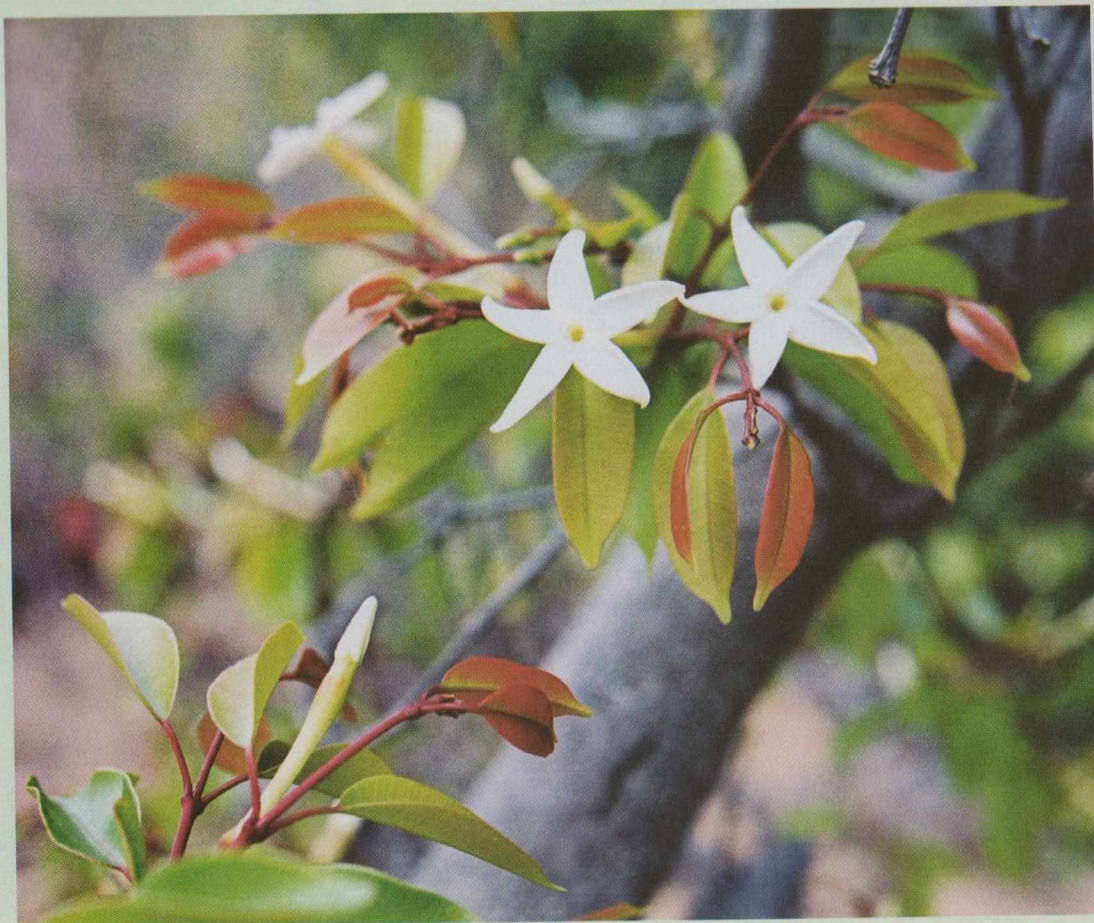
ENSAIO FOTOGRÁFICO Mangabeiras

Fotos e textos: Henrique José (Repórter fotográfico e educador popular, diretor da ZooN Fotografia, ONG que completa 10 anos em 2004, desenvolvendo atividades sociais e culturais de promoção da fotografia -www.zoon.org.br)

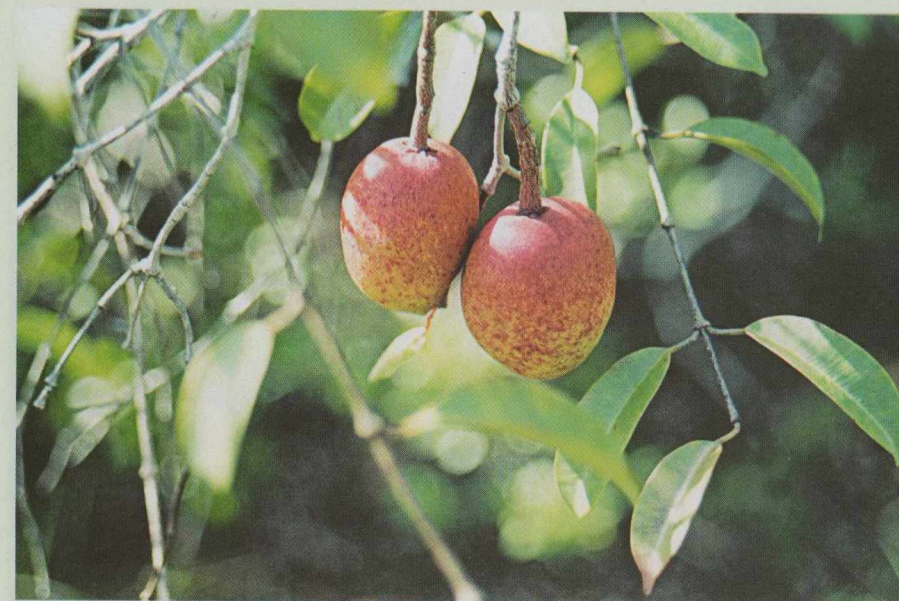
Fotografias realizadas na Região de Pium e Nísia Floresta/RN, no período de janeiro de 2003 a fevereiro de 2004.

A mangaba

“Na vizinhança do mar da Bahia se dão umas árvores nas campinas e terras fracas, que se chamam mangabeiras, que são do tamanho de pessegueiros... O fruto é amarelo, corado de vermelho, como pêssegos calvos, ao qual chamam mangabas; que são tamanhas como ameixas e outras maiores, as quais em verde são todas cheias de leite, e colhem-se inchadas para amadurecerem em casa, o que fazem de um dia para o outro, porque se amadurecem na árvore caem no chão. Esta fruta se come sem se deitar nada fora, como figos, cuja casca é tão delgada que se lhe pêla se as enxovalham, a qual cheira muito bem e tem suave sabor, é de boa digestão e faz bom estômago, ainda que comam muitas; cuja natureza é fria, pelo que é muito boa para os doentes de febres por ser muito leve. Quando estas mangabas não estão bem maduras travam na boca como as sorvas verdes em Portugal, e quando estão inchadas são boas para conserva de açúcar, que é muito medicinal e gostosa.” (Gabriel Soares de Souza, em “Tratado Descritivo do Brasil em 1587”).



A *Hancornia speciosa* Gomes, popularmente conhecida como mangaba, é uma fruta nativa do Brasil, de clima tropical, pertencente à família Apocinácea, com porte variando entre 3 m a 6 m, encontrada vegetando naturalmente em várias regiões: no Cerrado do Centro Oeste, na região Norte, no Sudeste e principalmente na Região Nordeste, onde é abundante nos tabuleiros costeiros e baixadas litorâneas.



No litoral, a especulação imobiliária e a implantação das monoculturas e pastagens têm provocado uma considerável redução do número de mangabeiras. De difícil propagação, a planta tem praticamente desaparecido em algumas regiões. Demora em média 5 anos para atingir a idade adulta e 3 anos para iniciar a frutificar.

O extrativismo é ainda a sua principal forma de exploração, durante os meses de dezembro a abril, famílias têm na colheita e comercialização do seu fruto uma importante ocupação e fonte de renda.



Apesar de produzir látex, o fruto é seu principal produto, que apresenta ótimo aroma e sabor, sendo utilizado na produção de doces, xarope, compotas, vinho, vinagre e, principalmente, suco e sorvete.



A mangabeira pode ainda servir para a recuperação de áreas degradadas, permitindo sua utilização auto-sustentável.



Há 44 anos, Maria das Graças, 54 anos, durante a safra da mangaba, segue um percurso conhecido pelas matas de tabuleiro nas proximidades de Natal/RN, juntamente com suas amigas rendeiras, todas moradoras da Vila de Ponta Negra. Elas seguem uma tradição extrativista que vem de gerações, catam mangabas inchadas para vender nas ruas da cidade.



“Quando era criança, o tabuleiro da gente era mais próximo de casa, onde hoje está a Avenida Roberto Freire e o Conjunto Ponta Negra era tudo mangaba, naquele tempo a gente saía cedo de casa e se mandava pros mato, o café era peixe assado, meu pai era pescador e minha mãe e irmã me levavam, era o dia todinho andando”. *Maria Zeferina de Lima.*

Mangabeiras das madrugadas

Francisco Morais

(Escritor e professor, mestrando em Literatura Comparada - UFRN)

No cio das madrugadas, revelam desejos que as bocas anônimas desnudam. Escrevem textos no paladar que as memórias degustam, na volúpia dos desperdícios. Nos lábios, visgos de crenças se pregam às cantigas desta procissão vegetal, no parto que dará luz ao dia: mulheres num ritual de parir o tempo de suas próprias colheitas. E lá se vão insinuando seivas, nas estrias de suas cantigas, fazendo correr esperanças na displasia dos timbres.

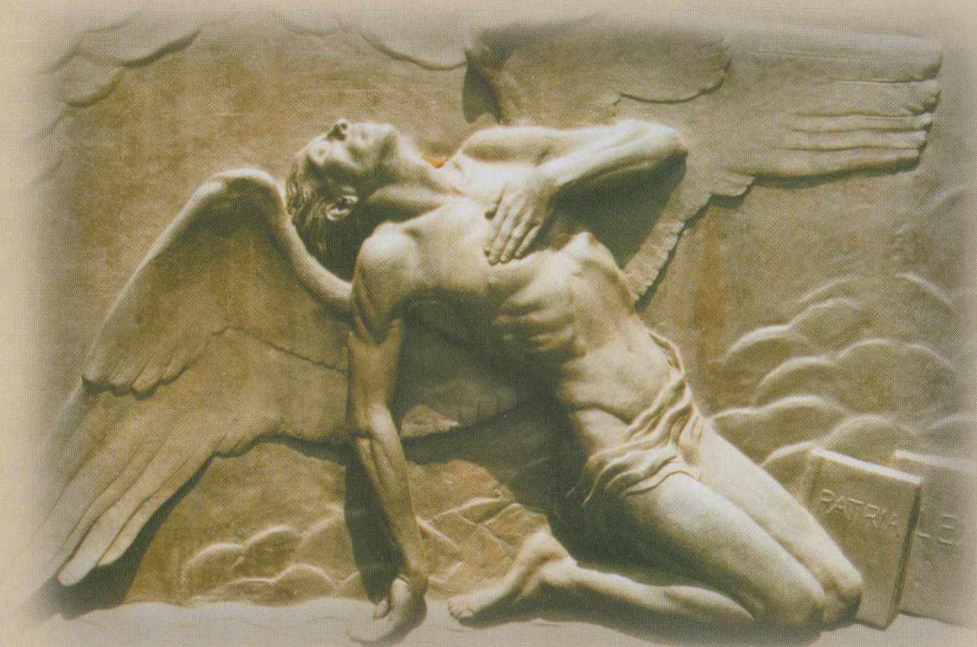
Levantam-se cedo, enramadas de vida, copadas, raízes penetradas no húmus de uma cultura à margem. Dali retiram o sustento para matar o desejo insaciável de ser gente, na representação venérea da safra: frutos como seios leitosos. E as mangabeiras se deixam envolver pela luz que as contorna e as inscreve na topografia da imagem um porvir revelado na incerteza das expressões. Brilho frágil nos olhos destas estrelas da madrugada.



Cantam as mangabeiras, em atitude de vitória. Cantam no litígio desta madrugada, quando o tempo sofre dores de parto, na milícia de sua luz que convoca à sobrevivência. Cantam em folhas novas que recompõem a ternura ameaçada pela aspereza do ofício: uma vez mangabeira, sempre mangabeira? Hino nacional dos seus protestos cantando em vários tons, como quilombos em desabafo. Tempo de colher suas raivas, seus sonhos, suas crenças, enquanto o pensamento penetra entre o vegetal e o humano, em busca de uma referência de vida, preparando a colheita da madrugada seguinte. 📖

O imaginário e a morte

Um estudo sobre a arquitetura, a escultura, a pintura, as letras, a vida da morte e os passeios na cidade dos mortos



Luiz Gonzaga Medeiros Bezerra

(Doutor em Educação)

Tato aqui de efetivar uma busca pela razão aberta, no sentido de esculpir um diálogo entre o imaginário, as obras de arte e a morte. Nessa perspectiva, saio da lógica cartesiana que confinou o homem a uma visão de que este era uma máquina relógio, para uma visão de homem polifônico-desejante-medroso-espantado, ser da falta e da dor; este homem tanto habita no banquete da razão como na desrazão.

Nesse sentido, não me limito a uma práxis científica que se consolidou nas bases da evidência, da análise-síntese, e sim numa proposta de investigação metafórica de associações livres que dá ao conhecimento a chance de dialogar com os mistérios do mundo, nas ancoragens do que enlaça o real, o simbólico e o imaginário.

João Eudes Ferreira Filho

(Assistente de pesquisa - Acadêmico universitário)

O presente ensaio tem como objetivo tentar desvelar as cidades dos mortos, ou melhor, os cemitérios. Escolhemos para amparar nossas reflexões de pesquisador quatro cemitérios: Campo Santo (Salvador/Bahia), São João Batista (Fortaleza/Ceará), Santo Amaro (Recife/Pernambuco) e São José (Natal/RN/Alecrim).

O cemitério é a "Polis" dos mortos, obra de arte-campo santo, fruto das conexões do homem, ser pensante, ser desejante, ser do espanto, ser que sente a dor da falta, ser do medo. Nesta perspectiva, é o lugar explicado pelo lugar da dor e da morte, do imaginário pensante e pelo simbólico desejante-inconsciente. É a cidade-Polis, lugar da convivência dialética entre vivos e mortos, das diferenças sociais que tem sua continuidade objetivada nos túmulos, lápides e objetos encontrados.



Nesse sentido, os homens se diferenciam dos animais não pela razão e nem pela produção material da vida e sim pelos desejos e pelas crenças em relação à morte e por terem criado explicações para esse fenômeno, que é ao mesmo tempo dialético-histórico-físico-biológico-magnético de dor e de luto.

No Egito foi construída uma torre para a eternidade, elaboraram pirâmides, mastabas e hipogeus. Os romanos também construíram túmulos para seus mortos, como foi o caso dos imperadores Augusto e Adriano, que fizeram túmulos monumentais.

Tanto no mundo romano como no mundo grego existiram processos de sepultamento em que incineravam os corpos e as cinzas eram encerradas em urnas especiais e os corpos colocados em sarcófagos.

Os povos mulçumanos organizavam túmulos monumentais para seus entes queridos e no Renascimento, Júlio II, o papa dos guerreiros, mandou Michelangelo construir para ele um grande túmulo.

Da mesma forma que os vivos necessitam de um lugar, uma casa, um canto, uma rua, uma cidade, um mundo,

o cemitério é a reprodução destes elementos evocativos do ser das necessidades simbólicas, imaginárias e reais que o homem, ser da razão e do desejo, da saudade, do luto e do espanto com a morte criou e considerou como imprescindíveis na vida após a morte.

É no cemitério o lugar onde os mortos se comunicam, lugar do encontro com os que foram e os que ficaram, nas conversas caladas dos delírios, das alucinações, das fantasias, da magia transubstanciada pelos retratos, dos desejos e das feridas causadas pela perda dos entes amados, do vazio e da dor metamorfoseada em arte.

Os monumentos arquitetônicos e escultóricos são a cristalização dos nossos desejos inconscientes, é a fala do outro e a fala do eu, é a fala do eu e da melancolia, da necessidade de aprender a conviver com a dor (com as dores antigas), dores que retornam à lembrança com a dialética da morte, a fala do esmagamento e o real que não cessa de se inscrever.

Os cemitérios investigados são cidades povoadas por anjos categorizados como platônico-cristão, anjos-crianças-guardiãs, anjos que expressam tristeza, anjos que anunciam a morte, anjos que retratam momentos de ruptura, o esmagamento, anjos da morte que abraçam, envolvem e beijam, anjos a rezar, anjos que seguram âncoras, evocando o vínculo amoroso.

São Cidades-Civitas, povoadas por cristos crucificados, santos, deuses greco-romanos, retratos efigies, Apolo, Hermes, Maria Santíssima-Pietá-nossas-senhoras em várias representações, povoadas de imaginários, residências diversas: castelos, palácios, criptas, pirâmides, monumentos neoclássicos, neogóticos, ecléticos, arquiteturas modernas, pós-modernas, catedrais decoradas com pináculos, vasos, troféus; assim é essa polis dos mortos, o palco da conversa entre o homem e a morte, o palco do espanto e do medo e da morte, lugar das letras tristes, das falas que não foram ditas, dos poemas, das cartas, de palavras marcadas pela dor, que é a dor do amor.

Habitam essas Cidades-Polis-Civitas dos mortos os anjos, representações escultóricas de Cristo em diversos monumentos, um exército de santos católicos, um time de deuses greco-romanos como Hermes e Apolo. As ruas das cidadelas são delineadas por uma cortina de residências (túmulos) em estilo neogótico, neoclássico, eclético, todos decorados por pináculos, vasos, troféus.

Destacam-se, nessa cidade, os batalhões de anjos, esculturas em bronze, mármore e painéis. Anjos de asas abertas, que apontam para cima, informando o mundo celestial platônico-cristão; anjo guardião, anjos tristes,

pensativos a velarem os entes queridos, anjos que anunciam, a morte, anjos que retratam o momento de ruptura, do esmagamento, anjos da morte, que envolve e beija, anjos rezando, ofertando flores aos falecidos, anjos apolíneos-narcísicos, classicamente belos, anjos que seguram âncoras, evocando o vínculo amoroso.

Observo que as efigies são imagens, retratos que estão colocados para remeter o que eram na realidade, para impressionar e agir diretamente na sensibilidade. Os túmulos e as efigies adquirem uma vida artificial nos olhos daqueles que os contemplam, mesmo que sejam dissipados em pouco tempo.

Se a filosofia é a representação de nossa razão (homem pensante) individual ou coletiva, a arte e a religião constituem-se como escritas simbólicas-desejantes, balsâmicas, que na falta dos seres amados, a pulsão desejante é transformada-sublimada, criando o além-túmulo, um lugar, uma cidade especial, com traços-ícones de nossas vidas e de nossas histórias.

Através da arte, o desejo é transformado, torna-se criação-palavra-fala e a morte já não existe, somos transformados em seres eternos, os vivos manifestam seu espanto com o real-morte, em que seu medo e sua não conformação com a vida que se esvai, tão breve-passageira, com o corpo frágil.

Nos cemitérios, encontramos traços das contradições sociais, das sociedades estamentais, das diferenças sociais e econômicas; desse modo, seu lugar-seu túmulo é uma representação da sua situação no mundo social.

Na morte, imaginamos que estamos dormindo, criamos o sono eterno para escondermos a degeneração e a putrefação do corpo, a verdadeira face de nossa fragilidade como seres que vivem para a morte.

Assim, para não encontrarmos a dialética do biológico e do apodrecimento nas gavetas tumulares ou no ventre da terra, nos embalamos na arte, por isso, povoamos os cemitérios de anjos que nos convocam a imaginar, voar, crer em santos protetores, crucifixos (de cruz grega, latina, do calvário, de Malta), retratos, frases, sonetos; portanto, encontramos no cemitério a convivência com o inexplicável, com aquilo que o simbólico não dá conta, com o fim de tudo, o real da morte através do simbólico (fala da arte) e do imaginário. Para esconder o real da morte os cemitérios apresentam-se hoje como jardins escamoteando e mascarando o espanto e o medo.

A morte espanta e convida o homem ao diálogo, por isso se diz que a morte é o repouso e que este repouso é o dormir e se os mortos dormem sonham e é através dos sonhos que podem realizar seus desejos.

É na conexão entre os túmulos, as estátuas, os retratos, os pináculos que o homem é convocado a enxergar como ser do espanto, do medo, do desejo, da dor de perder, do luto, ser da razão, ser do modo de produção, ser da crença na morte renascimento. Nessa conexão convivem as múmias livres da decomposição, as cinzas resultantes da cremação, as ossaturas arrumadas, silenciosas, os fantasmas, os vampiros, os mortos obsedantes.

Nessas cidades-Polis habitam a comunidade dos mortos, que mesmo no sono eterno, no dormir e no repousar passeiam pelo mundo dos vivos, viajam, ultrapassam espaços físicos; existem mortos que aguardam a ressurreição, a reencarnação, o julgamento num tribunal, o Reino de Osíris, no sentido de se tornarem cada vez mais imortais, salvos, santos, anjos ou deuses.

Podemos afirmar que nosso espírito ficou contaminado pelo cálculo capitalista, que esconde a morte e o morto, expulsando-o de sua casa, de seu mundo, criando o velório em um lugar estranho, em que o morto dorme em uma gaveta escondida, só quem aparece ao olhar do vivo são os números e as letras do nome, sem identidade e sem raízes.

A morte e o morto perderam a identidade, cujo cemitério é o lugar de compra e de venda, escamoteando o real para negar a história do morto.

O jardim de rosas substituiu a Polis-cidade encantada e que convoca a dúvida. Cerceou-se o imaginário, a criação artística e o contato com o humano no amor e na dor.



Traduções de Nelson Patriota

(Jornalista e tradutor)

A fala de Deus a Jó

(Do livro "A Masque of Reason")

Robert Frost

Sim, por acaso. Antes, porém, uma questão mais relevante.
Tenho-te na mente há milhares de anos
Para agradecer-te um dia pela maneira como me ajudaste
A estabelecer de uma vez por todas o princípio
De que não há conexão que se possa fazer
Entre as ações humanas e seus merecimentos.
A virtude pode falhar e a maldade ter êxito.
Demos um grande exemplo disso.
Caso tivesse encontrado a palavra exata
Eu te teria falado antes. Poderias supor que
Alguém que no princípio era a Palavra
Disporia dos meios para comandá-la.
Como todo mundo, preciso esperar pelas palavras.
Há muito, muito tempo devo-te esse pedido de desculpas
Pelo sofrimento aparentemente injustificado
De que foste vítima em tempos pretéritos.
Mas fazia parte do processo
Que não o soubesses à época.
Pareceria sem sentido se fizesse sentido.
E o resultado provou seu acerto. Não tenho dúvida
De que compreendes agora a parte que desempenhaste
Para estupidificar o Deuteronomista
E alterar o sentido do pensamento religioso.
Agradeço-te por me teres libertado
Da servidão moral para com a raça humana.
O único livre arbítrio que existiu no princípio
Foi o do homem, que podia escolher entre o bem e o mal.
Não tive escolha senão segui-lo.
Fi-lo entender isso por meio de castigos e recompensas –
Sob pena de que eu perdesse veneração.
Eu precisava promover o bem e punir o mal.
Mudaste isso tudo. Libertaste-me para reinar.
És o Emancipador de teu Deus e,
Como tal, promovo-te a santo.

Tive um hóspede, um outro dia

Goethe

Tive um hóspede, um outro dia,
Que me foi um tanto indelicado.
Sentou-se-me à cabeceira, e ávido,
Bebeu meu vinho sem cerimônia,
Tomou toda a sopa e comeu todo o pão
Até deixar-me a dispensa vazia.
Depois, tendo o diabo por cortesão,
Saiu a denegrir minha companhia.
Reclamou do pão – "assou além do ponto"
A sopa, "um prato mal condimentado!"
E o vinho "vinagrou", disse-me o tonto.
Com mil demônios, é um crítico, o celerado!

God's speech to Job

From A Masque of Reason



*Yes, by and by. But first a larger matter:
I've had you on my mind a thousand years
To thank you some day for the way you helped me
Establish once for all the principle
There's no connection man can reason out
Between his just deserts and what he gets.*

*Virtue may fail and wickedness succeed.
'Twas a great demonstration we put on.
I should have spoken sooner had I found
The word I wanted. You would have supposed
One who in the beginning was the Word
Would be in a position to command it.
I have to wait for words like anyone.
Too long I've owed you this apology
For the apparently unmeaning sorrow
You were afflicted with in those old days.
But it was of the essence of the trial
You shouldn't understand it at the time.
It had to seem unmeaning to have meaning
And it came out all right. I have no doubt
You realize by now the part you played
To stultify the Deuteronomist
And change the tenor of religious thought.
My thanks are to you for releasing me
From moral bondage to the human race.
The only free will there at first was man's,
Who could do good or evil as he chose.
I had no choice but I must follow him
With forfeits and rewards be understood-
Unless I liked to suffer loss of worship.
I had to prosper good and punish evil.
You changed all that. You set me free to reign.
You are the Emancipator of your God,
And as such I promote you to a saint.*

Da hatt' ich einen Kerl zu Gast



*Da hatt' ich einen Kerl zu Gast
Er war mir eben nicht zur Last;
Ich hatt' just mein gewöhnlich Essen:
Hatt sich der Kerl pumpsatt gefressen,
Zum Nachtschisch, was ich gespeichert hatt'.
Und kaum ist mir der Kerl so satt,
Tut ihn der Teufel zum Nachbar führen,
Über mein Essen zu räsoniesen:*

*"Die Supp'hätt' können gewürtzer sein,
Der Braten brauner, firner der Wein".
Der Tausendsackement!
Schlag ihn tot, den Hund! Es ist ein Rezensent.*

Santana do Matos

Onde bate o coração do Rio Grande do Norte



Nossa terra é Santana do Matos,
Que da Serra se estende ao Sertão.
Santanenses, provemos com atos,
Nosso amor tem igual extensão.

Na fazenda, ao redor da Capela,
Consagrada à Senhora Santana,
Foi crescendo a cidade singela
De que um povo sofrido se ufana.

Coração do Rio Grande do Norte.
Município querido entre mil,
Nós te amamos com amor terno e forte,
Um amor com sabor de Brasil.

O começo do inverno aguardando,
Como é bom escutar o trovão!
Ver depois os açudes sangrando,
Pasto verde, fartura, algodão.

Os minérios guardados na terra,
A coragem guardada no povo,
Garantia serão que não erra
Quem contar com amanhã sempre novo.

Letra: Prof. Waldson Pinheiro



Por Gustavo Porpino

Fotos: Anchieta Xavier

Santana do Matos, a 218 km de Natal, surgiu de um povoado na Fazenda Bom Bocadinho de propriedade do português Manoel José de Matos. A pouca produtividade da fazenda, dizimada por uma seca no início do século XIX, motivou Manoel José a erguer uma capela em homenagem à Nossa Senhora de Santana para ter novamente o pasto verde e o gado sadio. A Fazenda Bom Bocadinho voltou a prosperar e a capela, batizada de Santana do Matos, numa referência à santa e ao dono das terras, viu o município crescer ao seu redor.

Quem é de Santana do Matos sabe que lá bate o coração do Rio Grande do Norte, e de fato, a terra parece pulsar nas margens das Serras da Cajarana e de Santana. No Sítio Fervedeira, a água brota do solo rochoso em ebulição, e na cidade; há gente de sobra querendo fazer de Santana do Matos um lugar para celebrar a cultura potiguar. Pelas ruas da pequena Santana do Matos, seus pouco mais de 16 mil habitantes parecem preservar hábitos há muito esquecidos pelo povo da capital.

O dia começa cedinho. Já por volta das cinco e meia da manhã, donas de casa varrem as calçadas e aguardam a chegada do leite, trazido pelo vendedor em lombo de



jumento nas leiteiras de zinco. “Aqui o dia demora a passar. A cidade é tranqüila e a gente sente que o povo aqui sabe o que é viver”, atesta o gaúcho Rudimar Radatz, secretário de planejamento, casado com a santanense Kécia Suely Cavalcanti. Neto de alemães, Radatz deixou o Rio Grande do Sul para viver no pé da Serra de Santana.

O costume das conversas de final de tarde nas calçadas ainda existe em Santana do Matos. A população parece formar uma grande família. O bate papo se estende por longas horas. Vale até falar mal da vida alheia. É nestas conversas que ressurgem as histórias do Barão de Serra Branca, Felipe Nery de Carvalho e Silva, natural de Santana do Matos, proprietário de terras e escravos na segunda metade do século XIX.

A esposa do comerciante Ismar Torres, Iralice Cavalcanti Torres, guarda em casa uma gaiola em porcelana portuguesa do século XIX. Iralice conta como a relíquia chegou às suas mãos. “A gaiola foi encontrada dentro de um saco de carvão enterrada nas proximidades das terras da Baronesa de Serra Branca”.

A religiosidade e a mesa farta também fazem parte do cotidiano do povo santanense. O mirante do cruzeiro,

construído em outubro de 1900, e a matriz de Santana, concluída em 1907, simbolizam a fé. O teto da matriz, um forro de zinco esmaltado em alto relevo, veio dos Estados Unidos por intermédio do Coronel Cascudo, pai do folclorista Câmara Cascudo. A tradição culinária é representada pelo queijo de coalho, comidas de milho, bolo de macaxeira e outras iguarias. Santana do Matos tem jeito e sabor de interior. Confira.

A rezadeira que cura sem cobrar

Diz o ditado que a fé move montanhas. O povo de Santana do Matos encontra no exercício da fé uma forma de vencer males e celebrar a vida. A tradição das rezadeiras permanece viva no município. Maria do Socorro Silva, 63 anos, conhecida como Socorro rezadeira ou Socorro Patrício, expressa melhor do que ninguém a fé dos seus conterrâneos.

Socorro Patrício é uma típica santanense. Vive numa casinha humilde no centro de Santana com duas árvores frondosas na calçada. Passa boa parte do dia deitada numa rede na sala à espera dos pedidos por rezas. É católica praticante. Participa, todos os meses de julho, da novena da festa de Santana. Atende a todos desde o início da década de 60, quando diz ter pressentido possuir o poder da cura através da fé.

“Um dia estava lavando roupa no rio da Várzea do Juazeiro, aqui em Santana, e encontrei uma mãe com um bebê chorando muito. Disse a ela que podia rezar pela criança. A mãe da criança que curei saiu falando e foi aí quando comecei a fazer reza. Ricos e pobres hoje me procuram”.

Socorro prefere ser considerada uma benzedeira. “Padre Monteiro (Pároco de Santana do Matos) falou que quem curava era Deus, eu apenas benzia”. Quando criança, Socorro Patrício já fazia orações e observava as bênçãos feitas por um morador da mesma rua. “Morava vizinho a Vicente Galo, um velho que curava. Aprendi com ele”.

A rezadeira utiliza galhos de pinhão ou manjirioba, colhidos na própria casa, para benzer os doentes que a procuram. O ritual também é feito para benzer animais. “Não tem hora. Trazem até animais, mas animal que eu curo é o gado, animal abençoado que está no presépio de

Nosso Senhor. Os outros animais como cachorro e gato a gente varre”.

Varrer, no linguajar da rezadeira, é não invocar o nome dos santos durante as orações. “As palavras da cura são diferentes. Na cura dos animais não chamo por nome de santo nenhum”, explica. O folclorista Gutenberg Costa, autor do livro Profetas do Nordeste, comenta que “as rezadeiras invocam os santos nas horas das dores dos doentes: Dor de dente (Santa Apolónia), olhos (Santa Luzia), endividados (Santa Edvirges), na hora dos partos - gravidez (Nossa Senhora do Bom Parto), nos engasgos (São Brás), nas picadas de cobras (São Bento), para os animais (São Francisco), para azia (Santa Sofia)...”

A devoção aos santos é expressada através de imagens, oratórios e quadros espalhados por toda a casa de Socorro Patrício. Estão lá molduras com imagens do Sagrado Coração de Jesus; Padre Cícero; Frei Damiano; São Sebastião; São Jorge; Nosso Senhor do Bonfim e outros. “Toda vida gostei de quadro de enfeitar. Todo ano traziam santos do Monte do Galo, em Carnaúba dos Dantas, do Juazeiro e de São Francisco do Canindé”.

Socorro Patrício não aceita pagamento pelas bênçãos. Acredita que recebeu uma missão e segue seu ofício. “Não curo por pagamento de jeito nenhum. Muitos depois voltam e retribuem com imagens, mas o melhor são as amizades. Aonde chego sou bem recebida. Graças a Deus”.

Não passa pela cabeça de Socorro deixar de lado as rezas diárias. Vez por outra vai ao Monte do Galo, no município seridoense de Carnaúba dos Dantas, buscar inspiração para seguir em frente. “Todo ano vou ao Monte do Galo. Tem ano que vou duas ou três vezes. Já perdi até a soma. As pessoas fazem até promessa para me levar para lá e eu rezar”.



Conceição de Abrigo vive da carnaúba



Conceição de Abrigo fica a 37 km por estrada de barro de Santana do Matos na direção da comunidade de Santa Tereza, zona rural do município. As casas de taipa de Conceição dão abrigo, como o próprio nome diz, para agricultores e artesãos. O artesanato vem da palha de carnaúba, abundante na região, e a extração de cera das carnaubeiras ocupa outros moradores.

A estrada com dezenas de porteiras atravessa pequenas fazendas de famílias tradicionais de Santana. As carnaubeiras surgem imponentes no caminho entre as terras áridas e pedregosas. O acesso difícil aos sítios é compensador. Agricultores de longas jornadas e descendentes de escravos têm muitas histórias para contar.

Manoel João da Costa, 76 anos, começou a trabalhar ainda menino carregando palha na cabeça. A pele curtida pelo sol, o jeito desconfiado e a voz firme confirmam. Estamos diante de um homem do sertão. “Já cortei palha em Parazinho, Pedro Avelino, Ceará Mirim, Afonso Bezerra...”, diz com um olhar perdido no horizonte.

O trabalhador vive da extração de cera de carnaúba desde que veio morar em Santana do Matos. Teve nove filhos. Somente um mora em Natal. Os outros seguem o ofício do pai. Fazer da extração de cera um meio de sobrevivência não é tarefa fácil. Manoel conta como é feito o trabalho braçal.

A palha é cortada da carnaubeira e estirada no sol para secar. As palhas secas são juntadas e jogadas dentro de um triturador. O processo seguinte exige mais esforço físico. A palha, já cortada em pedaços miúdos, é colocada dentro de um tacho de ferro e cozinhada em forno a lenha até formar uma massa uniforme. A massa cozida é levada para uma prensa para retirar o caldo. O caldo volta ao tacho para engrossar. Por fim, o líquido bem grosso é derramado em tanques rasos para esfriar, secar e ser quebrado manualmente. “É uma mão-de-obra que o cabra besta não conta. Se o cabra for frouxo, corre logo”.

A cera extraída da palha de carnaúba é chamada de arenosa. A mais amarelada é feita das palhas ainda em crescimento, o “olho” da carnaúba. Manoel comercializa o produto final em Assu. “Vendo de graça; quinze quilos a trinta e oito reais”.

Laurinda Cabral Barros, 44 anos, dois filhos, é uma das mais habilidosas artesãs de Conceição de Abrigo. Herdou da mãe, a ex-artesã Bárbara Cabral de Macedo, falecida há três anos, uma casa de taipa e a arte de trançar a palha de carnaúba dando forma às bolsas, chapéus e vassouras. "Quando era criança, minha mãe fazia e eu desmanchava".

A própria casa, feita com troncos de carnaúba e forrada com galhos de oiticica, é um trabalho artesanal. O filho mais velho, conhecido como Babil, reformou as paredes em dezembro de 2000. Acima da porta, deixou uma inscrição na parede de barro. "Jesus proteja esta casa. Babil, 29 de dezembro de 2000".

Os dois filhos fazem tarrafas para vender. Trabalhando sozinha, Laurinda não consegue atender todos os pedidos por bolsas e chapéus de palha. A bolsa, vendida por cinco reais, leva um dia inteiro para ser feita. O chapéu custa o mesmo preço. "Vendo aqui mesmo na comunidade. Não dá para botar na feira porque só eu faço".



Chave de ouro ornamenta São José



Quem se aventurar a percorrer outros sítios em Conceição de Abrigo vai encontrar ainda uma pequena comunidade formada por descendentes de escravos. Maria Helena Gomes Ferreira, 80 anos, é a mais antiga moradora das seis famílias da comunidade negra. Trabalhou toda a vida como agricultora cultivando milho e feijão. "Vivia no roçado trabalhando com enxada".

Maria Helena divide uma ampla casa de taipa, iluminada por lampiões a gás, com a filha Luiza Marte Ferreira, 34 anos, professora do ensino fundamental na escola Coronel Luiz de Oliveira Barros. Criam porcos, galinhas e possuem uma vaca para tirar leite.

A filha é motivo de orgulho para a mãe. Luiza estudou as raízes da família e não nega o passado de escravidão. "Eu quero permanecer morando nesta casa de taipa, nos retrata bem. Não quero de tijolos. Tenho orgulho de onde viemos, hoje graças a Deus temos outro meio de vida".



A professora explica que toda a comunidade possui laços familiares. "Meus bisavós (José do Ramos Pessoa e Josefa Maria de Santana) vieram de uma família escrava. O senhor da casa grande era o coronel João Martins. Aqui é uma única família, o vínculo familiar foi criado a partir daí".

Os bisavós de Luiza casaram sem se conhecer, procedimento comum entre escravos da época. "O coronel foi buscar meu bisavô em Ipanguassu para casar com ela, não sei o ano, mas minha avó nasceu em 1892", comenta. Segundo conta, após a abolição dos escravos, oficializada em 1888 com a Lei Áurea, os filhos de escravos herdaram pequenos pedaços de terra e até moedas de ouro. "As moedas de ouro eram vendidas para comprar alimentos naquele tempo de pobreza".

Luiza ainda guarda em casa uma pequena chave de ouro herdada de sua avó, utilizada para ornamentar uma imagem centenária de São José, o santo da chuva. "A chave de São José é a doação que sobrou".

Quando está em casa na companhia da mãe, Luiza dedica seu tempo a tecer renda tenerife, uma prática quase em extinção. Utilizando uma tábua com pregos, a artesã vai entrelaçando a linha e dando forma ao rendado. Faz toalhas de mesa e lençóis de qualquer tamanho.

O povo de Conceição de Abrigo é afeito a tradições. Receber bem o visitante é mais uma delas. Ao final da conversa, nos chega o convite. "Não querem nem ficar para comer um guiné torrado?". Fica para a próxima. Até lá, aguardamos com água na boca.

Pedras que viram santos

Washington Luis Júnior, 42 anos, é vereador em Santana do Matos, mas gosta mesmo é de esculpir em pedra sabão. Faz as esculturas por mero passatempo e, garante, não gosta de vender. “Já vendi algumas, mas faço tudo para não vender”.

A primeira escultura feita em pedra sabão foi uma imagem de Nossa Senhora de Fátima, concluída há cinco anos e guardada com carinho até hoje. A imagem de São Francisco, feita por ele mais recentemente, é o seu trabalho mais rico em detalhes. “Quem entende, diz que esta é a mais bem feita”, diz, apontando para a estátua do santo.

O artesão começou a esculpir aos 15 anos. Fazia somente entalhes em madeira. O altar da igreja matriz de Santana possui talhas feitas por Washington. Fez ainda uma imagem da padroeira em pedra sabão para uma pracinha em frente à sua casa. “Nunca ninguém me ensinou. Não possuo a técnica, faço o que vem na cabeça”.

Washington tem vontade de passar seus conhecimentos aos mais jovens. “Muita gente tem talento, mas não procura desenvolver. Santana do Matos também tem a matéria prima”, lembra.



“Tem orientação dos cabra de fora”

O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil, em Santana do Matos, está cumprindo sua missão de livrar as crianças do trabalho infantil através da educação e cultura. O trabalho do PETI santanense, coordenado pela professora Dilcéia Maria da Silva, 30 anos, possibilitou a formação de uma banda de flauta com 22 crianças e de um grupo de teatro formado por trinta estudantes de 7 a 10 anos. Durante o carnaval, é a vez da Escola de Samba Unidos do Peti tomar as ruas com suas fantasias confeccionadas com material de sucata.

Vários adolescentes e até idosos participam das atividades do PETI. O grupo de dança Patricinhas do Pop, formado por garotas, faz coreografias com músicas de sucesso nas rádios. Os rapazes formam o grupo de capoeira

Cordão de Ouro. O Agente Jovem reúne adolescentes de ambos os sexos comprometidos com a “formação cidadã das crianças”. Os jovens desenvolvem palestras de conscientização política nas escolas e apresentações sobre drogas e DSTs. “A política que temos e a política que queremos”, exibição mais recente, retrata a política do voto de cabresto e o coronelismo.

A capoeira é outra atividade importante do PETI. Alexandre Ferreira de Lima, 23 anos, instrutor do grupo Cordão de Ouro, ensina a uma turma de dezesseis principiantes. Os seis componentes do Cordão de Ouro, turma de capoeiristas mais experientes, fazem as apresentações com facões e fogo. Munidos de tochas, os capoeiristas arrancam aplausos dos curiosos com seu gingado e golpes no ar. "Em vez de perder tempo na rua praticando o que não presta, estão aprendendo capoeira. No começo, confundiam com coisa de vagabundo, mas hoje há respeito".

Dilcéia, coordenadora do PETI, também abre espaço para o grupo de idosos do bairro de Santa Luzia. O sanfoneiro José Aristeu Belo da Silva, 42 anos, lidera o "Trio pé de serra" e bota os idosos para dançar forró todos os sábados. Francisco Belo da Silva, 49 anos, irmão de Aristeu, também é sanfoneiro. A dupla divide o tempo entre a sanfona e a enxada. Plantam milho e feijão para o sustento da família. José Ciriaco Filho, 73 anos, faz parte do grupo de idosos e aprova o forró. "O forró é bom, mas não é só forró", salienta. "Tem orientação dos *cabra* de fora. Dão palestra. E tem caminhada também". Da criança ao idoso. Todo mundo aprende um pouco no PETI de Santana.



Romildo Batista é o primeiro à direita, tocando trombone

Um amor que durou a vida toda

As raízes da Banda maestro Romildo Batista dos Santos nasceram em 1907, ano de formação da Euterpe Santanense, banda pioneira com vinte músicos fundada pelo padre Lúcio Gomes Gambarra. A festa de Santana, em julho, marca o retorno da banda.

"Padre Gambarra também fundou naquele ano o Ateneu Santanense e de 1915 a 1919, quando não era mais vigário, dirigiu e manteve sozinho o Lume, primeiro jornal a circular no município", complementa a santanense Kécia Duarte, historiadora formada em 1997 pela UFRN.

Otaclíio Cavalcanti foi o primeiro maestro da Euterpe. O compositor Tonheca Dantas, primo de Felinto Lúcio Dantas e autor da valsa Royal Cinema, também foi regente nos primórdios da banda. Depois de alguns anos, a banda passou a ser chamada de Coronel Ovídio Montenegro. Em 2004, a Câmara Municipal de Santana do Matos aprovou a mudança de nome para maestro Romildo Batista dos Santos, o último regente, falecido em 27 de fevereiro deste ano.

O caso de amor entre Romildo dos Santos e Santana do Matos teve início em 1949. O músico, pernambucano de Bezerros, tocava trombone na banda de música da polícia quando esteve pela primeira vez em Santana. Um ano depois, aceitou um convite de Aristófares Fernandes para ser o regente da banda. Nunca mais quis deixar o lugar que tão bem o acolheu.

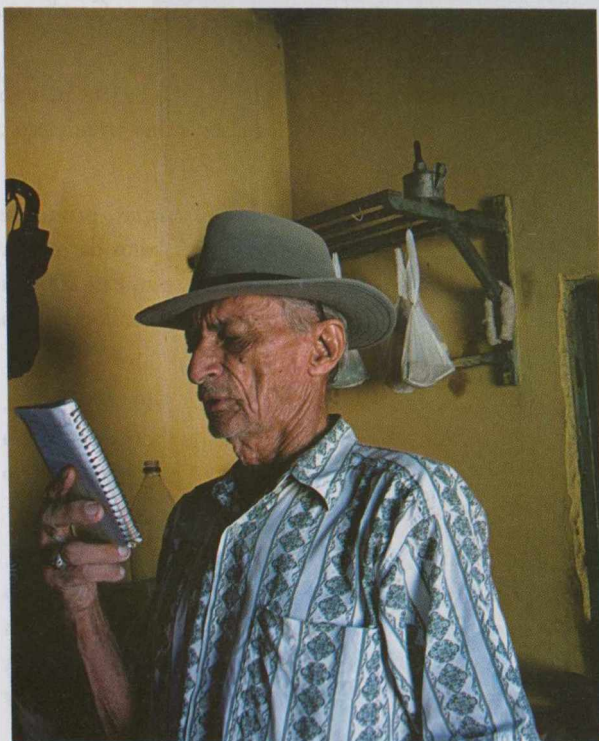
O maestro Romildo exerceu várias funções em Santana do Matos. Foi policial, professor de música, desportista, vereador e regente da orquestra que animava os bailes do clube municipal. Como maestro da banda municipal, era admirado pelos 18 músicos da formação atual. A banda, que agora leva seu nome, volta a tocar na festa da padroeira, em julho, prestando homenagem ao antigo mestre. A viúva de Romildo, Bernadete Ferreira dos Santos, confirma o amor do ex-maestro por Santana. "Seu maior orgulho foi no dia 10 de dezembro de 1999 ter recebido o título de cidadão santanense".

As irmãs bordadeiras

As irmãs Ana Maria de Brito Silva, 40 anos, e Maria Lúcia dos Santos, 54 anos, são bordadeiras há mais de vinte anos. Montaram um atelier em Santana do Matos na rua José Leão Ferreira. “Sempre aparece gente para comprar, no mês de julho o movimento é muito bom”, comenta Ana Maria. As toalhas, lençóis e panos de prato com pontos de cruz são os produtos mais procurados. “A toalha de mesa leva quase dois meses para ser feita”. A filha de Maria Lúcia, Alessandra Lúcia dos Santos, 22 anos, também já é bordadeira.



O poeta que ama Deus e a natureza

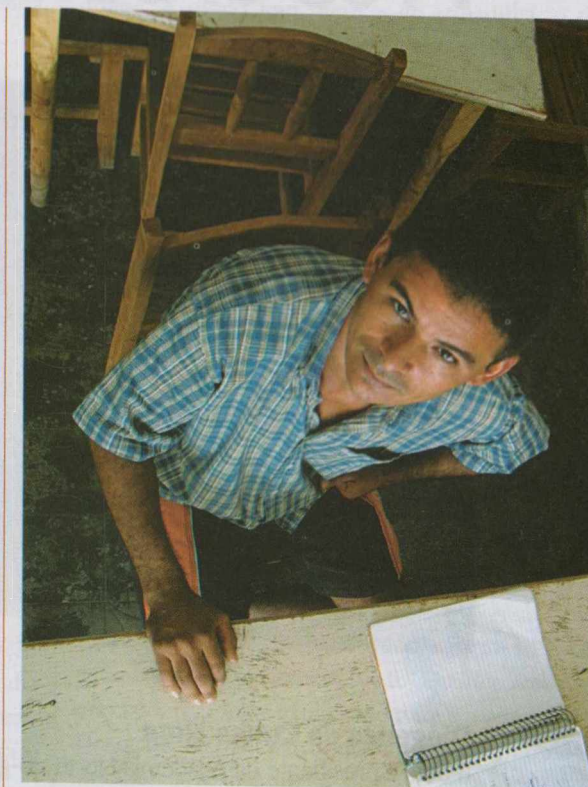


O poeta e violeiro Jacó Damascena, 79 anos, é um homem de poucas palavras. O jeito recatado esconde um homem de muitas virtudes. Fez de tudo em Santana. Trabalhou como agricultor, fabricou tijolos e telhas e foi pescador. Vive numa casa com vista para o açude Alecrim e a Fazenda Recreio. A Serra de Santana, ao fundo emoldurando o cenário, é o símbolo maior da “natureza santa” descrita nos versos do poeta popular. “Minhas coisas são as coisas de Deus. A natureza é santa. Escrevo sobre a Bíblia, a natureza e a fé”.

*“Sou de Santana do Matos
Santana do Pé de Serra
Poesia está no sangue
De pequeno se carrega
A rima e a inspiração
Guardando no coração,
Mas a cabeça é quem prega.”*

*Sempre que eu faço versos
Movido por inspiração
Gosto de falar em Deus
A base da criação
Só assim seremos salvos
Se ele nos der perdão”*

Deusdete Freitas



O antigo violeiro também toca gaita e incentiva o neto Deusdete de Freitas, 33 anos, a seguir a carreira artística. Jacó acorda cedinho, liga o rádio e sintoniza a rádio FM Comunitária Timbaúba para ouvir canções de violeiros. Participou diversas vezes do “Violas e Poesias”, programa de rádio voltado para a difusão dos cantadores e emboladores nordestinos.

Jacó também gosta de ler. Costuma estudar a Bíblia e já leu o volume I de “Poetas repentistas nordestinos”, livro duplo escrito pelo santanense Manoel Américo de Carvalho Pita, técnico agrícola do BNB e estudioso da obra dos poetas improvisadores.

Deusdete, neto de Jacó, também escreve poemas. Mas é como compositor que vem tentando fazer sucesso. Criativo e bom improvisador, Deusdete escreve e grava jingles para políticos da região. Cobra R\$20 pelas músicas de campanha política e admite ser muito pouco. “Sou pobre, posso fazer o que?”.

Preá & companhia



Diógenes da Cunha Lima

(Poeta e presidente da Academia Norte-rio-grandense de Letras)

Foto: Giovanni Sérgio

“Quando - os preás - fogem com medo dão pulinhos e pequenos gritos que lembram o som da flauta.”

Anadila Lima Borges

O preá é um bicho que prefere crepúsculos e madrugadas para caminhar. Imita a flauta, mas não por vadição, mas sim quando está fugindo, com medo, com fome atroz ou para a comunicação entre os seus. Costuma andar em grupos de três a doze, nas trilhas. Seu caminho é regular, vai e volta sempre pela mesma vereda. O seu nome vem do tupi *apé-rea*, cujo significado é: *que se encontra no caminho* ou *que mora no caminho*.

Esse pequeno roedor pertencente a família dos cavídeos, no Seridó e no oeste do Rio Grande do Norte, é chamado de *pé-seco*. No sul do país é confundido com o porquinho-da-índia, da mesma família, a que Manuel Bandeira dedicou poema de tanta ternura que o compara à sua primeira namorada. Penso que a primeira namorada de Bandeira, recifense, foi mesmo um preá, simulado ser o primo por ter nome sonoro. A cobaia, andina, teria sido domesticada pelos incas, é seu parente

próximo e tem prestado enormes serviços à ciência em experimentos de laboratório. Por ser muito utilizada em pesquisas, “a cobaia” passou a designar animal ou pessoa que se submeterá a qualquer experimento.

O preá, bicho de pêlo, se destaca entre um milhão de espécies de animais existentes, entre os nove mil mamíferos. Tem o corpo robusto, patas nervosas, orelhas curtas, sem cauda, pesa entre 500 gramas e 1 quilo, tem pelagem cinza-parda. Dizem que é surdo, que tem os ouvidos tapados.

Entre nós, é parente do punaré, um rato do mato que tem o rabo grosso e focinho curto.

Já o mocó, bonito e colorido, de maior porte, elegante, é, geralmente, marrom e branco. Mocó prefere morar, com nobreza, nas pedras. Um casal de mocós foi imortalizado. Em retrato fiel, “Mulher mameluca”, os mocós estão em Copenhague, no Museu Nacional da Dinamarca. O quadro foi pintado em 1641 por Albert Ekhouit, trazido ao Nordeste do Brasil pelo príncipe Maurício Nassau.

Apesar de menos nobre, o preá tem tão grande significação popular que participa da toponímia, dá nomes à geografia do nosso estado. É lagoa em Nova Descoberta, Natal, ilha em Goianinha e lagoa na cidade de Santo Antônio, povoações em Açú e em Mossoró.

O preá, plebeu, mais democrático, mora nas capoeiras, barreiras de rios e canaviais, alimentando-se de capins e raízes. Muitas vezes, para sua proteção, mora entre macambiras e outras plantas espinhosas. O preá-do-reino, mais nobre e bonito, é criado em cativeiro, pode ser branco, preto e branco, de cores esmaecidas.

A reprodução, de dois a três filhotes, ocorre três a quatro vezes ao ano. O acasalamento é precedido de dança nupcial. Estando a fêmea no cio, com a vulva inchada, o macho dança ao seu redor até que emita o som de aceitação. Dizem ser mais prolífico nos períodos de bom inverno. É tão sábio que pouco se reproduz nos períodos secos para evitar sofrimento aos descendentes. Emigram e voltam com as primeiras chuvas.


Os seus predadores naturais são as raposas, o carcará e as cobras, notadamente a salamandra, a corre-campo, a cobra-de-veado e a cascavel.

O bicho-homem não conseguiu extingui-lo. Existe uma palavra parecida que os colonizadores usavam com os índios: *prear*, quando queriam dizer, fazer presa,

conquistar. É o preá caça preferida com cachorros especializados que pegam e trazem no dente para o seu dono. É usado fojo, espécie de armadilha, o quixó, a espingarda de soca e de cartucho. O plebeu tem carne nobre (tem valores protéicos superiores às carnes de boi, porco ou galinha). É comido assado ou torrado. Caçadores tiram-lhe o pêlo na brasa, raspam, passam limão, desprezam a cabeça, e assam. Lembram, então, vagamente, toucinho de porco. É vendido nas feiras como carne-de-sol, é a “mistura” que mata a fome do pobre. O Seridó vendeu muito preá para o agreste, fardos em esteira de carnaúba, como lá se fazia com traíra, curimatá e como é feito em outras regiões com o peixe-voador.

Edval Pereira de Araújo contou para ouvintes incrédulos (o caçador Luciano, o patuense vereador Assis Oliveira) que Zé de Bernardino morava na fazenda do seu avô, Logradouro dos Angicos. Zé resolveu criar preás em extensão. Pegou no fojo, separou as fêmeas prenhas e as soltou nas pedras altas. Anos depois resolveu fazer a colheita, armando trezentos fojos. Não ficou rico, mas vendeu caminhonetes cheias de preás. Antes do entardecer, saía para ver os preás. Quando reclamado que era cedo, respondia explicando o sol e o tempo: “Quando ele, o sol, vai para baixo, quem tange é um doido e num instante ele se esconde”.

Edval é um informante precioso, detalhista, sabido.

Três ditados populares se referem ao preá: “Mente mais do que cachorro de preá”. Dizem que ele avança sobre qualquer folha que o vento sopra, enganando o caçador. “Tem mais tesão do que preá”. A fêmea engravida logo depois de parir, naturalmente pelo tesão do macho que tem “ovos” grandes. “Macho que só preá-do-reino”. Dizem que quando o homem fica fraco das forças, menos viril, come pirão de mocó. O pirão é o precursor nordestino do Viagra... 



A literatura de cordel

Tânia Maria de Sousa Cardoso
(Pedagoga, especializanda em literatura brasileira - UERN)

Chamada literatura popular vem sendo cada vez mais estudada no âmbito acadêmico. Testemunha disso é o número de obras versando sobre o tema que a cada ano é lançado no mercado editorial. Da mesma forma, também a quantidade sempre crescente de trabalhos em torno da temática nos congressos literários e lingüísticos confirma a afirmação de que a literatura popular tornou-se um promissor objeto de estudo científico.

Muitas universidades, seguindo essa tendência de crescimento do interesse pela literatura popular, vêm criando linhas de pesquisa voltadas para a reflexão, discussão e equacionamento de questões relacionadas com o tema. Com isso, autores e obras até pouco tempo marginalizados pelas instituições de ensino superior, convertem-se em alvo da perquirição científica. É bem este o caso de Patativa do Assaré, cuja morte recente somente acirrou o interesse dos pesquisadores por conhecer a genialidade de um autor que em nada deixou a dever a muitos dos nomes já consagrados no meio acadêmico.

É nessa perspectiva que situamos o caso da literatura de cordel, uma modalidade narrativa até pouco tempo definida apenas a partir de marcas gerais, quase sempre desabonadoras, como a má qualidade da impressão, o pouco caso com a “correção” lingüística, a presença marcante da oralidade, o fato de ser tradicionalmente vendida em feiras e o tipo de consumidor, em geral pessoas de baixo nível escolar, cuja linha de interesses estabelece a temática característica dos folhetos - casos, em geral jocosos que beiram, não raro, o escatológico.

A mudança no que tange à recepção do cordel é ressaltada pelo professor Joseph Luyten em sua apresentação à seleção de poemas de Rodolfo Coelho Cavalcante (2000, p. 05), incluída no projeto denominado de Biblioteca do Cordel, da editora Hedra:

A literatura popular em verso passou por diversas fases de incompreensão e vicissitudes no passado. Ao contrário de outros países, como o México e a Argentina, onde esse tipo de produção literária é normalmente aceita e incluída nos estudos oficiais de literatura - por isso poemas como “La Cucaracha” são cantados no mundo inteiro e o herói do cordel argentino, Martín Fierro, se tornou símbolo da nacionalidade platina -, as vertentes brasileiras passaram por um longo período de desconhecimento e desprezo, devido a problemas históricos locais, como a introdução tardia da imprensa no Brasil (o último país das Américas a dispor de uma imprensa), e a excessiva imitação de modelos estrangeiros pela intelectualidade.

A “descoberta” do cordel pelo meio acadêmico, julgamos, decorre da percepção dos intelectuais acerca da força que essa modalidade literária detém na representação do imaginário de nosso povo, cristalizando sua maneira de pensar e de reagir ante os fenômenos sociais.

Dessa forma, trata-se o cordel de uma literatura viva, intimamente ligada com a cosmovisão popular, do que decorre sua condição de chave para o entendimento da própria identidade nacional: mais do que narrar histórias, os cordelistas deixam pistas para o mapeamento da “alma” de nosso povo, aqui entendida como a “entidade a que se atribuem, por necessidade de um princípio de unificação, as características essenciais à vida (do nível orgânico às manifestações mais diferenciadas da sensibilidade) e ao pensamento” (Ferreira, 1986, p. 88).

De fato, a análise da estrutura profunda da literatura de cordel descortina para o pesquisador despedido de preconceito uma maneira própria, peculiar, de dar equação aos problemas do mundo, que muitas vezes se traduz em uma reação, no nível ficcional, ao descaso ou opressão das autoridades para com os menos favorecidos.

Como em um labirinto, as “respostas” que esse tipo de literatura dá aos problemas do mundo seguem em ziguezague, não raro revelando as contradições da mente popular, pouco afeita ao refinamento intelectual da elaboração científica, mas que tem como maior trunfo a autenticidade e a espontaneidade perdidas pelo racionalismo rançoso das academias.

Como forma de pensar “alternativa”, a literatura popular constrói seus heróis segundo uma lógica intimamente colada às vicissitudes do povo. Daí a transformação, por exemplo, de vilões em heróis.

Os feitos de João Grilo e de Pedro Malazarte são emblemáticos dessa questão, considerando que muitas de

suas desonestidades e até mesmo de seus atos violentos são plenamente justificados no interior das obras de cunho marcadamente popular, que apóiam o proceder dos referidos (anti-) heróis a partir da opressão e da miséria experimentada por ambos, o que permitiria interpretar seus atos como o restabelecimento da justiça, um ato de desespero e/ou uma questão de sobrevivência.

É nesse contexto que se insere a questão de Lampião, o qual, circunscrito no rol do banditismo, muitas vezes parece ser facilmente abonado pelos cordelistas, que o promovem a condição de verdadeiro herói popular. Como entender essa reviravolta conceitual, principalmente distante dos centros em que o fenômeno do cangaço se originou? Como não se chocar diante da afirmação da crueldade de um bandido capaz de cometer atos de violência quase impensável à luz da razão?

A dificuldade em entender esse fenômeno muitas vezes terminou por impor uma explicação preconceituosa, atribuindo a uma pretensa propensão atávica do nordestino à violência, como afirma Albuquerque Jr. (1999, p.61), ao discutir os equívocos dos intelectuais do Sul (e mesmo do Norte) do país em suas interpretações do Nordeste;

O banditismo ou o cangaço é também outro tema que, eleito pelo “discurso do Norte” para atestar as conseqüências penosas das secas e da falta de investimentos do Estado na região, de sua não modernização, adquire uma conotação pejorativa que vai marcar o nortista ou o nordestino com o estigma da violência, da selvageria. Aliás, esse medo do nortista e, especialmente, do homem de cor negra emerge com a constante insubordinação dos escravos, importados do Norte para o Sul. Submetidos a um ritmo de trabalho mais intenso e relações sociais mais despersonalizadas, esses escravos tendem a se amotinar, notadamente num período em que a consciência do eminente fim da escravidão crescia até mesmo entre a massa escrava. A fama do “negro mau” vindo do Norte está presente nos discursos que abolicionistas ou anti-abolicionistas fazem na Assembléia Provincial de São Paulo e marcam a imagem do “homem do Norte”, desde o século anterior.

O cangaço só vem reforçar essa imagem do nortista como homem violento e do Norte como uma terra sem lei, submetido ao terror dos “bandidos e facínoras”, além da violência de suas “oligarquias”. A descrição das façanhas dos bandidos, colhida principalmente entre amedrontadas populações urbanas daquela área, possui quase sempre a mesma

estrutura: descrevem o que “os facinoras fizeram ao saquear as diversas localidades, matando gente e animais, incendiando propriedades, desordenando famílias numa série inenarrável de crimes dos mais pavorosos e hediondos”. As narrativas sobre o cangaço são um dos raros momentos em que o Norte tem espaço na imprensa do Sul, assim como quando ocorria repressão a movimentos messiânicos, secas ou lutas fratricidas entre parentelas. Estas narrativas servem para marcar a própria diferença em relação ao “Sul” e veicular um discurso “civilizatório”, “moralizante”, racionalista, em que se remetem as questões do social para o reino da natureza ou da moral. O “Norte” é o exemplo do que o “Sul” não deveria ser. É o modelo contra o qual se elabora “a imagem civilizada do Sul.

Esses equívocos, embora sejam injustificáveis, podem ser facilmente compreendidos admitindo-se que a realidade não é captada de forma única, tendo em vista que há entre nós e a realidade “filtros ideológicos”. É isso que se pode apreender a partir da afirmação de Bosi (1993, p. 13) de que “o ato de ver apanha não só a aparência da coisa, mas alguma relação entre nós e essa aparência”. Ou seja, o próprio olhar já é uma interpretação, posto que o olhar é como que programado a partir de nossas vivências com o mundo à nossa volta.

Portanto, para compreender o fenômeno do cangaço, e mais propriamente a conversão de bandidos como Lampião em heróis, requer do pesquisador um mergulho na alma, no imaginário do povo, dado serem as imagens que o compõem

construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo. (Laplantine e Trindade, 1997, p. 10)

Mas, afinal, o que moveria o “povo do Nordeste” a ver o cangaceiro como herói, o que, em certa medida, imporia o apagamento, suspensão ou transferência a uma espécie de zona “neutra” do pensamento, na qual o julgamento ficaria adormecido ou fragilmente ativo, das notícias dos crimes hediondos praticados por esses fora-da-lei?

A análise das respostas de diferentes autores para a atribuição de um valor positivo à figura do cangaceiro permite-nos afirmar a presença de uma raiz de

contestação, de negação ao que está estabelecido. O cangaço torna-se, assim, elemento de resistência, ainda que marcada pela ausência de reflexão mais profunda e refinada da parte dos que a ele aderem ou manifestam simpatia: nega-se a partir de um *sentimento difuso* de injustiça, de descaso, de falta de perspectivas, ou mesmo de indistinção, de incapacidade em reconhecer quem é verdadeiramente o mocinho ou o vilão em uma situação em que o terror e a opressão constituem os únicos meios de administração dos conflitos, seja da parte dos poderes legalmente constituídos, seja por parte dos que se põe à margem da lei.

Dessa forma, experiências visuais pretéritas foram as responsáveis pela mitificação de um Jesuíno Brillante e de um Antônio Silvino, enquanto personagens como Lampião e Corisco, pelas atrocidades inenarráveis, ocupam posições ambíguas neste processo de construção coletivo.

É nesse contexto que a literatura de cordel se apresenta como um importante veículo de expressão e como um articulador da comunicação do sertão esquecido e inculto, como se observa na entrelinhas da afirmação de Batista (1977, p. 17), para quem;

Se a memória popular vai conservando e transmitindo velhas narrativas e acontecimentos recentes esta transmissão está sempre marcada pelo espírito desta sociedade. E não é por outra razão que a memória popular vai conservando os fatos narrados, transmitidos com as adaptações de cada narrador aquilo que foi ouvido. E quando se trata de alfabetizado, a transmissão se torna ainda mais fácil, porque oriunda da própria leitura dos folhetos.

Essa função do cordel, a bem da verdade, já foi muito mais destacada, quando a sociedade inculta, carente de toda infra-estrutura básica, tinha nessa forma de literatura quase que o exclusivismo na tarefa de levar notícias para o povo, que se encarregava de disseminá-las em alpendres, durante as famosas retretas regionais em que se encontravam para conversas etc. Nessa época, o cangaço, por ser um assunto próximo, despertava o interesse dos espectadores, fazendo com que o caráter informacional dessa literatura tivesse sua efetivação.

A despeito disso, mesmo em tempos de televisão e Internet a literatura de cordel continua sendo porta-voz do falar e do pensar do povo, retratadas em suas marcas principais: o traço forte da oralidade, presente nas falas das personagens populares (sertanejos, brejeiros, etc.), e a ideologia presente nas formas como esses personagens atuam e sobrevivem no interior das narrativas. ■

13 PORT

Jóis Alberto Revorêdo (Poeta e jornalista)

Romancista: Machado de Assis

Poeta: Charles Baudelaire

Livro: A Divina Comédia

Filme: Cidadão Kane

Diretor/Cinema: Glauber Rocha

Ator/Atriz: Fernanda Montenegro

Pintor: Fernando Gurgel

Cantor/Cantora: Marisa Monte

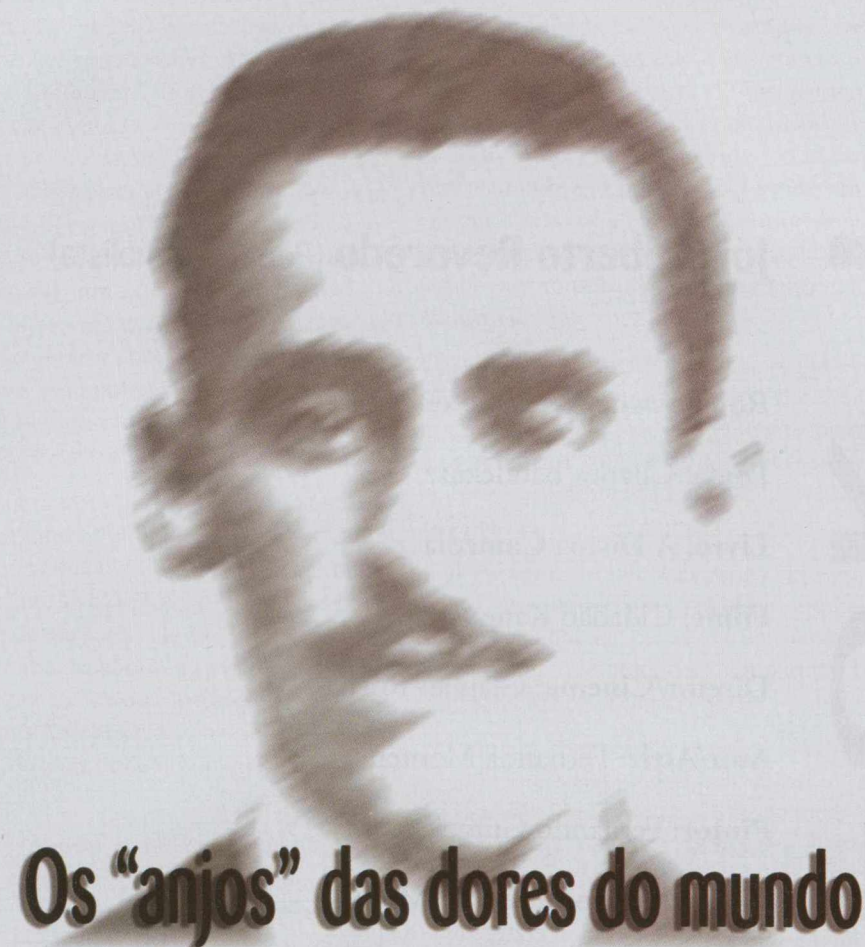
Compositor: Jorge Mautner

Música: As rosas não falam

Peça teatral: Macunaíma, direção de Antunes Filho

Intelectual: Nelson Patriota

Personalidade Cultural do RN: Vicente Serejo



Os “anjos” das dores do mundo

Rosilda Alves Bezerra

(Professora de literaturas brasileira e portuguesa da UEPB. Doutora em Literatura Brasileira pela UFPB)

Toda essa trágica batalha do homem para se salvar, esse perene anseio de imortalidade, (...), tudo isso nada mais é que uma batalha pela consciência. (Miguel de Unamuno - “Do sentimento trágico da vida”).

O entrelaçamento dos diversos fios que compõem a poesia de Augusto dos Anjos revela as imagens e os motivos de um *eu* que emerge através do uso contínuo de uma ironia às vezes fina e aguda, outras ácida e grave. É possível, ao se tentar desfiá-los, apontar outros caminhos, abrir veredas que nos revelam o imaginário dessa poesia. Esse labor da leitura dos versos do poeta, que propomos neste trabalho, rememora a faina de Penélope, quando fiava e desfiava, à espera de Ulisses.

Um dos caminhos da poética augustiana concentra-se no que está voltado para o “eu” e o sofrimento humano, sofrimento que não é apenas o do sujeito lírico, egoísta, e sim o de toda a humanidade, pois o definhamento alheio se tornou matéria de interesse desse poeta. Assim, o trajeto possível para sublimar o sofrimento seria o recurso da ironia.

A busca do objeto perdido, da “monera”, da saudade é uma constante na escritura de Augusto; temos, dessa forma, uma ironia ligada diretamente ao passado. O poeta utiliza essa figura de pensamento como um desabafo, pois ela implica uma relação do sujeito com a busca da verdade ligada ao desejo. A ironia é a figura de retórica (antífrase) que supõe uma certa posição do sujeito diante dessa busca da verdade. Tal recurso revela o funcionamento do inconsciente como retórica, na medida em que o conflito inserido no íntimo do ser, entre a vontade de querer e o desejo não realizado, do ponto de vista do inconsciente só se pode dizer pelo inverso.

Assim, no traço de insatisfação, é revelado que todo bem é negativo, e toda satisfação também o é, porque suprime um desejo ou termina um pesar. Isso significa que, na poesia augustiana, nunca a alegria é maior que a almejada e a dor sempre a excede.

A ironia nasce do prazer sutil de conciliar idéias naturalmente opostas. Para indicar-lhe o percurso na poética de Augusto dos Anjos, eis os caminhos que buscamos percorrer: o anseio metafísico e a realidade de morte, as imagens de prazer e a negação do erotismo, a eterna busca pelo objeto perdido e a certeza de caos e destruição.

Nesse percurso percebemos o infausto, que caracteriza o processo de degradação do homem angustiado pela eterna busca do objeto perdido, uma busca que se torna um fluxo permanente, um movimento ininterrupto, atuante como uma lei geral do universo, que dissolve, cria e transforma todas as realidades existentes, ou seja, um devir desse homem caído, que anseia pela salvação. De modo irônico, o poeta de *Eu e outras poesias* faz do lado macabro, negativo e degradado da existência a fonte de sua inspiração poética.

O anseio metafísico constitui um outro motivo que se percebe na poesia de Augusto dos Anjos. Um motivo gerador de uma combinação de cores frias e expressivas, em que se configuram a descrença com relação à amizade, a revolta contra o mundo e a degradação observada em todas as coisas. O homem é visto como um ser predestinado à deterioração, entretanto com a certeza do retorno à unidade, pois, para o poeta, não importa se

a carne apodrece, e sim a certeza de que ela reaparecerá, assim como Cristo, “na universalidade do carbono”. É a transcendência que representa um meio para a purificação.

A variedade do universo filosófico e mitológico na poesia de Augusto dos Anjos interfere em seu ato criativo, que representa a forma e a assinatura do lugar para o qual o poeta foi determinado. Aquele que cria, sublima e faz sua assinatura, porque inventa, fabrica um nome para si próprio. Pensar a falta como essencial para o desejo é pensar também essa relação com a lei, a que interdita todos os gozos, estrutura-se com o desejo: onde há lei, há desejo. Daí a necessidade de o sujeito vir sempre a desejar, o que redundará numa espécie de gozo que dificilmente poderá ser saciado.

Nos versos de “Eu e outras poesias” há uma permanente meditação sobre o ofício de criar, de gerar uma cosmogonia que convirja para o conhecimento existencial. As repetições de cunho filosófico são o reflexo da meditação constante, que, por sua vez, se perfaz mais diversificada e múltipla à medida que o sujeito lírico larga-se à dimensão metafísica de sua vivência poética.

Nessa linha de raciocínio, os elementos abordados observados na poesia de Augusto dos Anjos constituem-se em interrogações sobre o homem singular, que expressa e reflete o universal. O poeta questiona o mundo em decomposição, canta a vida da ruína, na alegoria da morte e da putrefação.

A presença do infausto nos versos de Augusto se dá principalmente quando um elemento de satisfação se transforma em infortúnio. A alegria, por exemplo, representa nessa poética a instabilidade, e a felicidade só seria alcançada se fosse retirado do próprio indivíduo o máximo de prazer e ele não necessitasse do outro para completá-lo. A perspectiva de júbilo que se inscreve no traço augustiano está no futuro ou no passado, nunca no presente: o que à distância lhe causa prazer desaparece logo que ele se deixa seduzir. Enquanto indivíduo, quanto menos o ser necessitar do outro, mais poderá encontrar a felicidade. Pois esse outro é sempre inconstante, inseguro e instável. E é nesse contexto que o homem, ora uno, ora universal, só tem vontade e desejos; é essa necessidade que o constrange, e as exigências materiais não preenchem a sua existência. E como disse Miguel de Unamuno, em seu “Do Sentimento trágico da vida”: “Tudo isso que confesso são, bem eu sei, misérias. Mas do fundo dessas misérias surge nova vida, e só bebendo até a lia o cálice da dor espiritual pode-se chegar a degustar o mel da borra da taça da vida. A angústia nos leva ao consolo”.

PS.



▶▶▶▶ Começando com uma boa notícia. Este ano vamos ter cinco edições da Preá, em vez de quatro como no ano passado, primeiro ano da publicação. E para 2005 existe a perspectiva de fazermos seis edições, tornando-a bimestral. Com uma edição a mais, já este ano, teremos a possibilidade de diminuir o tempo entre uma edição e outra e aproveitar textos de mais colaboradores. No que depender do presidente da Fundação José Augusto, François Silvestre, não haverá problema. Pelo contrário. Acho até que se dependesse dele a Preá seria semanal. Maior entusiasta do projeto, François tem procurado criar todas as facilidades para a edição de cada revista.

▶▶▶▶ Por uma feliz coincidência, a Preá 6 conseguiu juntar três importantes nomes da literatura potiguar atual: a poetisa Iracema Macedo, o romancista e poeta Nei Leandro de Castro e o jornalista e tradutor Nelson Patriota. Os três vêm conseguindo fazer com que nossa produção literária seja um pouco mais conhecida lá fora. Nelson deixou sua marca como editor de "O Galo", jornal cultural da Fundação José Augusto; Nei tem uma vasta obra literária e pelo menos um romance conhecido em todo o país, "As Pelejas de Ojuara"; Iracema, autora de "Lance de Dardos", é considerada uma das nossas melhores poetisas. Bom para o leitor!

▶▶▶▶ Nesta edição temos mais uma mostra do vigor cultural de Mossoró, desta vez na ficção, com o conto do jornalista e escritor (ex-editor do Caderno de Cultura do jornal O Mossoroense e atual de O Papangu) Marcos Ferreira. O conto publicado nesta edição "O perdão de Isaura", fez parte da coletânea que recebeu menção honrosa no Prêmio Câmara Cascudo 2003, da Capitania das Artes.

▶▶▶▶ E já que falei de conto, não poderia deixar de citar a coletânea "Arara Bébadá", do paranaense Dalton Trevisan. Uma maravilha. Estão em "Arara Bébadá" tudo aquilo que fizeram de Dalton um dos maiores contistas

brasileiros: a concisão, os pequenos dramas do cotidiano e, principalmente, a impiedade, o sarcasmo e a ironia com que trata a tudo e a todos. Como bem observou o crítico José Castelo sobre "Arara": "há uma filosofia desencantada, a reger seu novo livro: a de que a vida, em seu miolo, é só uma piada lançada ao vento".

▶▶▶▶ Uma bela homenagem essa que o Sebo Vermelho presta ao jornalista Berilo Wanderley, publicando "Cine Lembrança" reunião de seus textos sobre cinema, publicados na imprensa natalense nas décadas de 60 e 70, e depoimentos de amigos, que resgatam a grande figura que foi o cronista. O livro é organizado por Maria Emília Wanderley.

▶▶▶▶ Outras leituras que me deram prazer nas últimas semanas: "Convergências - Ensaio sobre literatura e arte", do mexicano Octavio Paz; os romances "O Beco do Pilão", do egípcio Naguib Mafuz, e "Absalão, Absalão", do americano William Faulkner.

▶▶▶▶ A Fundação Joaquim Nabuco, de Recife, doou à Fundação José Augusto a Coleção Clássicos do Teatro Brasileiro, editada pela FUNARTE, composta por cinco volumes, e que ficará à disposição dos interessados na Biblioteca Pública Estadual Câmara Cascudo, em Natal. Os livros reúnem obras completas, para o teatro, de nove autores, entre eles, José de Alencar, Machado de Assis e o Qorpo Santo.

▶▶▶▶ Já nas livrarias e sebos o novo livro (3º) do poeta Volonté, "Proemas ou o caminho das últimas estrelas". O projeto gráfico é do designer Afonso Martins e traz textos de apresentação de Ângela Almeida, Dorian Gray Caldas, Zé Gaudêncio Torquato, Sérgio Murilo L. Nascimento e Cid Augusto.

▶▶▶▶ Temos uma nova romancista na cidade. Trata-se de Maria Helena da Silva, 35 anos, uma das ganhadoras do Prêmio de Poesia Luís Carlos Guimarães 2002, que lançou em março último, "O que não cala em mim". Como poetisa já escreveu três livros: "Fecundação", "Borboleta na chuva", e "As noites e a ventania".

▶▶▶▶ Filmes recomendados, alguns vistos no cinema, mas que não demoram a chegar às locadoras: "Adeus Lênin", "Amarelo Manga", "Encontros e Desencontros", "Lisbela e o Prisioneiro", "A Cidade está Tranquila", "A Vida de David Gale", "Dolls" e "Uma Passagem para a Vida".

Até a próxima!

Tacito Costa



A IMPRESSÃO QUE FICA.